

VOL. 1 • Nº. 0 • FEV.25

REVISTA

# OLHARES DO SUL

NÚCLEO INTERDISCIPLINAR DE ESTUDOS SOBRE ÁFRICA, ÁSIA E RELAÇÕES SUL-SUL - UFRJ

EDIÇÃO ESPECIAL DE LANÇAMENTO

COBERTURA DA

## CONFERÊNCIA INTERNACIONAL

JORNALISMO E DEMOCRACIA

REVISTA

cadernos do **terceiro mundo** 50 anos

HISTÓRIA E LEGADO

29 de outubro a  
1º de novembro/2024  
CBAE-UFRJ

DESTAQUES DO EVENTO

RESUMOS DOS DEBATES E MESA

DEPOIMENTOS DE PALESTRANTES

EXPOSIÇÃO DE COBERTURAS FOTOGRÁFICAS

HISTÓRIA DA CADERNOS DO TERCEIRO MUNDO



**UFRJ**  
UNIVERSIDADE FEDERAL  
DO RIO DE JANEIRO





REVISTA  
**OLHARES DO SUL**  
NÚCLEO INTERDISCIPLINAR DE ESTUDOS SOBRE ÁFRICA, ÁSIA E RELAÇÕES SUL-SUL - UFRJ

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO (UFRJ)**

**Reitor**

Roberto de Andrade Medronho

**Vice-Reitora**

Cássia Curan Turci

**INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS SOCIAIS (IFCS)**

**Diretor**

Fernando Santoro

**Vice-Diretora**

Beatriz Bissio

**DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA POLÍTICA (DCP)**

**Chefe**

Kátia Alves Fukushima

**NÚCLEO INTERDISCIPLINAR DE ESTUDOS SOBRE ÁFRICA, ÁSIA E RELAÇÕES SUL-SUL  
(NIEAAS)**

**Diretora**

Beatriz Bissio

Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ | Instituto de Filosofia e Ciências Sociais - IFCS  
Departamento de Ciência Política - DCP | Núcleo Interdisciplinar de Estudos sobre África, Ásia e  
Relações Sul Sul - NIEAAS

Endereço: Largo São Francisco de Paula, 1 - Centro, Rio de Janeiro - RJ

CEP: 20051-070 | Telefone: (21) 3938-0445

E-mail: [revistaolharesdosul@gmail.com](mailto:revistaolharesdosul@gmail.com)



# SOBRE A REVISTA

A Revista Olhares do Sul (ROS) é um periódico acadêmico semestral online, de acesso livre e aberto, desenhado e mantido pelos pesquisadores discentes do Núcleo Interdisciplinar de Estudos sobre África, Ásia e Relações Sul-Sul (NIEAAS/UFRJ).

Seguindo o caminho aberto por publicações do jornalismo contra-hegemônico como a *Cadernos do Terceiro Mundo*, a Olhares do Sul responde ao imperativo de fortalecer o tratamento sistemático e epistemológico das questões relativas ao Sul Global. Buscando promover debates e reflexões relevantes sobre temas de política doméstica e internacional através da divulgação de entrevistas com pesquisadores, artigos científicos, análises de conjuntura, ensaios, resenhas, entre outros trabalhos. A ROS deseja ser um espaço onde os pesquisadores possam publicar seus trabalhos de maneira leve e autêntica, sem abrir mão de um olhar crítico para as questões apresentadas.

A revista pretende-se um ambiente de promoção das pesquisas conduzidas no seio do NIEAAS, também aberta à comunidade acadêmica em geral para submissão de trabalhos.

Consciente da pluriversidade e da interdisciplinaridade de saberes e culturas, consideramos e incentivamos submissões de discentes e docentes das diferentes áreas das humanidades como História, Antropologia, Sociologia, Filosofia, Ciências Sociais, Ciência Política, Relações Internacionais, Letras e Literatura, Artes, Estudos de Mídia, Jornalismo e Comunicação, entre outras.

## CONSELHO EXECUTIVO

### COORDENAÇÃO

Profa. Dra. Beatriz Bissio  
Profa. Dra. Katia Alves Fukushima

### EDITOR-CHEFE

Breno Pacheco

### SUBEDITORA-CHEFE

Isadora Lima

### REDAÇÃO E TRANSCRIÇÃO

Ana Alice Almeida  
Breno Pacheco  
Isadora Lima  
Maria Gabriela Vianna  
Ruth Scheffler  
Sthefany Josviak  
Victoria Alves  
Yannick Emmanuel

### ENTREVISTAS

Isadora Lima  
Maria Gabriela Vianna

### REVISÃO

Bení Milanski  
Eden Pereira  
Isadora Lima  
Sthefany Josviak

### FOTOGRAFIAS

Ruth Scheffler  
NIEAAS-UFRJ

### EXPOSIÇÃO DE IMAGENS

Profa. Dra. Beatriz Bissio

### DESIGN E DIAGRAMAÇÃO

Breno Pacheco

### CAPA

Breno Pacheco  
Acervo Cadernos do Terceiro Mundo  
(CEDIM-UFRJ)

## COBERTURA DA CONFERÊNCIA INTERNACIONAL

### **JORNALISMO E DEMOCRACIA CADERNOS DO TERCEIRO MUNDO: HISTÓRIA E LEGADO - 50 ANOS**

***Prezado leitor,***

É com plena satisfação que trazemos a você a edição especial de lançamento da ***Revista Olhares do Sul (ROS)***. A ROS é uma iniciativa acadêmica que pretende iluminar questões pertinentes ao Sul Global, sendo espaço de promoção das pesquisas dos discentes do Núcleo Interdisciplinar de Estudos sobre África, Ásia e Relações Sul-Sul (NIEAAS-UFRJ) e também de pesquisadores externos.

Para a nossa edição de lançamento, planejamos uma homenagem à revista ***Cadernos do Terceiro Mundo***, uma das inspirações centrais para a ROS, ao eternizar uma cobertura do evento que comemorou os 50 anos da publicação, a ***Conferência Internacional Jornalismo e Democracia - Cadernos do Terceiro Mundo: História e Legado - 50 anos***.

Em outubro de 2024, a conferência reuniu mais de 20 pesquisadores das Américas, África e Ásia e cerca de 300 espectadores por dia ao longo de 4 dias de diálogos, exposições e debates. Além de marcar a efeméride da revista, o evento versou sobre o contexto geopolítico no qual a publicação se desenvolveu e a importância da reação ao jornalismo hegemônico desencadeado pela Cadernos. Tudo isso tendo em vista seu magnífico legado que abriu os caminhos da resistência jornalística na batalha das ideias e se tornou um marco na formação de pesquisadores de diversas áreas durante mais de 3 décadas e que se mantém atual. Atual também é o debate sobre como transmitir esse legado para as próximas gerações.

Ao longo desta edição, você terá acesso a toda a programação do evento e conferir um resumo de cada mesa. Conhecerá mais sobre a Cadernos do Terceiro Mundo, os produtos da Editora do Terceiro Mundo e os parceiros institucionais do evento. Poderá acessar as gravações das transmissões ao vivo e conhecer um pouco mais dos palestrantes através de seus currículos e entrevistas. Por fim, conferirá destaques do acervo fotográfico do evento e da exposição de imagens e matérias que marcaram a história da Cadernos.

Desejamos a todos uma excelente leitura!

***Equipe Olhares do Sul***



# SUMÁRIO

VOL. 1 • N°. 0 • FEV.25

- 
- 5** Evento, Programação e Organização
- 
- 12** História da Cadernos do Terceiro Mundo
- 
- 15** **Por Dentro da Mesa 1**  
Abertura com Representantes Institucionais
- 
- 19** Entrevista com Carlos Alberto Almeida
- 
- 21** **Por Dentro da Mesa 2**  
Por que Cadernos do Terceiro Mundo?
- 
- 26** Exposição: Fotografias da África Lusófona e Oriental
- 
- 30** **Por Dentro da Mesa 3**  
Cadernos do Terceiro Mundo e o Contexto Mundial
- 
- 35** Entrevista com Pedro Aguiar
- 
- 37** **Por Dentro da Mesa 4**  
Cadernos: Redação e Produção Editorial
- 
- 42** Exposição: Fotografias da Ásia Central e Ocidental
- 
- 45** **Por Dentro da Mesa 5**  
O Papel dos Cadernos na Cobertura Internacional
- 
- 50** Entrevista com Álvaro Neiva Moreira
- 
- 52** Aconteceu na Cadernos
- 
- 60** **Por Dentro da Mesa 6**  
Jornalismo e Mídia Ontem e Hoje
- 
- 66** Exposição: Capas da Cadernos do Terceiro Mundo
- 
- 68** Perfil: Renzo Gostoli
- 
- 70** **Por Dentro da Mesa Discente**  
A Cadernos do Terceiro Mundo como Fonte Histórica
- 
- 73** Sobre o NIEAAS-UFRJ
- 
- 77** **Por Dentro da Mesa 7**  
Do Terceiro Mundo ao Sul Global: Mudanças Geopolíticas e o Papel da Comunicação
- 
- 82** Entrevista com Acilino Ribeiro
- 
- 85** Cadernos do Terceiro Mundo para os dias atuais

## SOBRE A CONFERÊNCIA

A conferência **Jornalismo e democracia. Revista Cadernos do Terceiro Mundo – 50 anos: História e legado** foi realizada no salão nobre do Colégio Brasileiro de Altos Estudos (CBAE-UFRJ) de 29 de outubro a 1º de novembro de 2024, visando comemorar os 50 anos do lançamento da revista **Cadernos do Terceiro Mundo**. A conferência foi marcada por um encontro dos profissionais que fundaram e atuaram na revista ao longo de seus 30 anos de existência e pesquisadores de diferentes áreas - História, Relações Internacionais, Economia, Comunicação - para debater o legado da Cadernos enquanto pioneira do jornalismo contra-hegemônico, ativa representante da luta em favor de uma Nova Ordem Informativa Internacional e instrumento da cooperação Sul-Sul.

A conferência foi uma iniciativa organizada por 4 universidades cariocas: a Universidade Federal do Rio de Janeiro, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro e a Universidade Federal Fluminense. Com o fundamental apoio do Colégio Brasileiro de Altos Estudos da UFRJ, do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia em Políticas Públicas, Estratégias e Desenvolvimento (INCT/PPED-UFRJ) e da Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Também foi parte dos eventos preparatórios para a comemoração dos 70 anos da Conferência de Bandung a

realizar-se em 2025 na Indonésia, a convite da rede internacional de pesquisadores *The Bandung Spirit*.

Aproveitando a efeméride da revista, o evento promoveu diálogos qualificados sobre o legado do jornalismo desenvolvido pela revista, bem como sobre as transformações no cenário internacional e sobre o papel do jornalismo e da mídia hoje. Para tanto, teve como convidados nomes do Brasil e do exterior de diferentes áreas que participaram do projeto da revista, além de pesquisadores e estudiosos que atuam tanto no jornalismo e na mídia, como no campo da História e das Relações Internacionais. E considerando o público-alvo de alunos da graduação, pós-graduação e profissionais de diferentes cursos e áreas, o evento promoveu um espaço de interlocução e debate acerca do papel da mídia no Sul Global e sobre as transformações geopolíticas mundiais. Mas também visou contribuir para a consolidação da Cadernos como uma importante fonte para pesquisas sobre a política, relações internacionais, movimentos sociais, cultura e história do pensamento pós-colonial e decolonial.



ACESSE O SITE DO EVENTO EM:  
[terceiromundo.org](http://terceiromundo.org)

## PROGRAMAÇÃO

### 29 DE OUTUBRO DE 2024

#### 16h00-17h00 – Mesa 1 – **ABERTURA – AUTORIDADES INSTITUCIONAIS**

Profa. Dra. **Cássia Turci** *Vice-Reitora da UFRJ*

Profa. Dra. **Ana Célia Castro** *Diretora do CBAE/UFRJ*

Prof. Dr. **Roberto Rodrigues** *Reitor da UFRRJ*

Profa. Dra. **Mônica Leite Lessa** *Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH/UERJ)*

Profa. Dra. **Flávia Clemente** *Instituto de Arte e Comunicação Social (IACS/UFF)*

**Marcos Gomes** *Associação Brasileira de Imprensa (ABI)*

**Olímpio Alves dos Santos** *Sindicato dos Engenheiros no Estado do Rio de Janeiro (Senge-RJ)*

Profa. Dra. **Beatriz Bissio** *Coordenadora do evento (UFRJ)*

#### 17h30-19h30 – Mesa 2 – **POR QUE CADERNOS DO TERCEIRO MUNDO?**

Profa. Dra. **Beatriz Bissio** *UFRJ*

**Roberto Bissio** *Instituto do Terceiro Mundo, editor do Guia do Terceiro Mundo*

**Fernando Molina** *Jornalista e editor da edição em inglês na etapa do México*

**Bill Hinchberger** *Jornalista e editor da edição em inglês na etapa do Brasil*

**Álvaro Neiva Moreira** *Jornalista e último editor da Cadernos no Brasil*

Mediação: Prof. Dr. **Flaviano Isolan** *UERJ*

#### 19h30 – **RECEPÇÃO CULTURAL**

Recital musical do pianista **Marcos Souza** e do percussionista **Bruno Gafanhoto**

### 30 DE OUTUBRO DE 2024

#### 09h00-12h00 – Mesa 3 – **CADERNOS DO TERCEIRO MUNDO E O CONTEXTO MUNDIAL**

Prof. Dr. **Darwis Khudori** *Université Le Havre*

Profa. Dra. **Jesse Jane Vieira de Souza** *UFRJ*

**Mario Osava** *Correspondente da agência Inter Press Service no Brasil*

**Carlos Alberto (Beto) Almeida** *TELESUR; TV Comunitária de Brasília*

Mediação: Prof. Dr. **Pedro Aguiar** *UFF*

#### **Exposição: fotos, banners e vídeos sobre a Cadernos do Terceiro Mundo**

#### 15h00-17h00 – Mesa 4 – **CADERNOS: REDAÇÃO E PRODUÇÃO EDITORIAL**

**Álvaro Neiva Moreira** *Jornalista e último editor da Cadernos no Brasil*

**Bill Hinchberger** *Jornalista e editor da edição em inglês na etapa do Brasil*

**Fernando Molina** *Jornalista e editor da edição em inglês na etapa do México*

Prof. Dr. **Macario Costa** *UFRRJ*

Mediação: Profa. Dra. **Angela Roberti** *UERJ*

## **17h30-20h00 – Mesa 5 – O PAPEL DA CADERNOS NA COBERTURA INTERNACIONAL**

Profa. Dra. **Carla Marília T. Braga** *Universidade Eduardo Mondlane (Maputo, Moçambique)*

**Paulo Cannabrava** *Diálogos do Sul*

Profa. Dra. **Beatriz Bissio** *UFRJ*

Mediação: Prof. Dr. **Rafael Alonso** *UFRRJ*

## **31 DE OUTUBRO DE 2024**

### **09h00-12h00 – Mesa 6 – JORNALISMO E MÍDIA ONTEM E HOJE**

Prof. Dr. **Maurice Labelle** *University of Saskatchewan, Canadá*

Prof. Dr. **Ladislau Dowbor** *PUC/SP*

**José Steinsleger** *Jornalista, La Jornada/México*

**Vanessa Martina Silva** *Jornalista, Revista Diálogos do Sul*

Prof. Dr. **Acilino Ribeiro** *Advogado de movimentos sociais e professor universitário*

Mediação: Profa. Dra. **Jacqueline Ventapane** *UERJ*

## **Exposição: fotos, banners e vídeos sobre a Cadernos do Terceiro Mundo**

### **15h00-15h30 – O CENÁRIO DO GENOCÍDIO EM GAZA E NA CISJORDÂNIA**

**Badra El Cheikh Tanure Amora** *UFF*

⚠ *Gravação da transmissão da mesa e resumo indisponíveis*

### **15h30-16h30 – Mesa discente: A CADERNOS DO TERCEIRO MUNDO COMO FONTE HISTÓRICA**

### **16h30-17h00 – Apresentação da REVISTA OLHARES DO SUL**

### **17h30-20h00 – Mesa 7 – DO TERCEIRO MUNDO AO SUL GLOBAL: MUDANÇAS GEOPOLÍTICAS E O PAPEL DA COMUNICAÇÃO**

**Roberto Bissio** *Instituto do Terceiro Mundo, editor do Guia do Terceiro Mundo*

**Aram Aharonián** *Fundação para Integração Latino-Americana*

**Graciela Rodriguez** *Coordenadora do Instituto EQÛIT (Gênero, Economia e Cidadania Global)*

Prof. Dr. **Paulo Visentini** *UFRGS*

Mediação: Profa. Dra. **Mônica Bruckman** *UFRJ*

## **1º DE NOVEMBRO DE 2024**

### **09h30-12h00 – Palestra final - O LEGADO DE BANDUNG E OS DESAFIOS PARA O SUL GLOBAL**

Prof. Dr. **Darwis Khudori** *Université Le Havre*

Profa. Dra. **Carla Marília T. Braga** *Univ. Eduardo Mondlane (Maputo, Moçambique)*

Mediação: Profa. Dra. **Beatriz Bissio** *UFRJ*

⚠ *Gravação da transmissão da mesa e resumo indisponíveis*

## 12h00 – ENCERRAMENTO

Apresentação da **Banda Léo Poeta e os Villões**

## ORGANIZAÇÃO E PROMOÇÃO

### COMISSÃO ORGANIZADORA

Profa. Dra. **Beatriz Bissio** *UFRJ – Presidente da Comissão Organizadora*

Prof. Dr. **Flaviano Bugatti Isolan** *UERJ*

Prof. Dr. **Rafael Affonso de Miranda Alonso** *UFRRJ*

Prof. Dr. **Pedro Aguiar** *UFF*

Profa. Dra. **Jacqueline Ventapane de Freitas** *LPPE/UERJ*

Profa. Dra. **Monica Bruckman** *UFRJ*

Profa. Dra. **Jesse Jane Vieira de Souza** *UFRJ*

Profa. Dra. **Alessandra Gonzalez de Carvalho Seixlack** *UERJ*

Profa. Dra. **Alexandra Dias Ferraz Tedesco** *UERJ*

Ms. **Eden Pereira Lopes da Silva** *Doutorando – PPGHC/UFRJ*

Profa. Msa. **Ingrid Souza Ladeira de Souza** *PUC-Rio*

Ms. **Patrick Dansa Matosinho de Alencar** *UERJ*

Profa. Dra. **Ana Célia Castro** *UFRJ*

Profa. Dra. **Angela Maria Roberti Martins** *UERJ*

Profa. Dra. **Izabel Priscila Pimentel da Silva** *UERJ*

**Breno Pacheco Andrade** *Mestrando – PPGHC/UFRJ*

### COMITÊ CIENTÍFICO

Profa. Dra. **Beatriz Bissio** *UFRJ*

Prof. Dr. **Flaviano Bugatti Isolan** *UERJ*

Profa. Dra. **Monica Bruckman** *UFRJ*

Profa. Dra. **Jesse Jane Vieira de Souza** *UFRJ*

Profa. Dra. **Lená Medeiros de Menezes** *UERJ*

Prof. Dr. **Paulo Gilberto Fagundes Visentini** *UFRGS*

Profa. Dra. **Carla Braga** *Universidade Eduardo Mondlane, Maputo*

Prof. Dr. **Fabício Pereira da Silva** *UNIRIO*

Profa. Dra. **Angela Maria Roberti Martins** *UERJ*

Profa. Dra. **Gizlene Neder** *UFF*

Prof. Dr. **Gisalio Cerqueira Filho** *UFF*

Prof. Dr. **Luiz Manuel Rebelo Fernandes** *PUC-Rio/UFRJ*

Profa. Dra. **Isaac Bazié** *Université du Québec à Montréal*

Prof. Dr. **Darwis Khudori** *Université Le Havre - France*

Prof. Dr. **José Julián Llaguno Thomas** *Universidad de Costa Rica*

Prof. Dr. **Paulo Duarte Silva** *UFRJ*

Prof. Dr. **Fernando José de Santoro Moreira** *UFRJ*

Prof. Dr. **Azril Bacal Roij** *Uppsala Universitet - Sweden*

## CURADORIA - EXPOSIÇÃO

**Beatriz Bissio** UFRJ

**Flaviano Bugatti Isolan** UERJ

**Eden Pereira Lopes da Silva** UFRJ

## PROMOÇÃO E REALIZAÇÃO



### COLÉGIO BRASILEIRO DE ALTOS ESTUDOS (CBAE/UFRJ)

#### Equipe

Ana Célia Castro - Direção

Barbara Calabria - Assessoria da Direção

Solange Jorge - Assuntos Educacionais

Vera Barradas - Secretaria Executiva

Wellington Gonçalves - Comunicação

Daniel Volchan de Carvalho - Gestão da Informação

Fernando Vasconcelos - Programação Visual

## PATROCÍNIO



### INSTITUTO NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA EM POLÍTICAS PÚBLICAS, ESTRATÉGIAS E DESENVOLVIMENTO (INCT/PPED)

#### Comitê Gestor

Renato Boschi - Coordenador

Ana Célia Castro - Vice-coordenadora

Ana Carolina Oliveira - Apoio C. Gestor

Sonia Lais da Rocha - Secretaria

Financiamento do INCT-PPED

[inctpped.ie.ufrj.br](http://inctpped.ie.ufrj.br)

#### Equipe

Antônio Márcio Buainain (UNICAMP)

Estela Maria de Souza Neves (UFRJ)

Flavio Gaitán (UNILA)

Maria Beatriz Bonacelli (suplente) (UNICAMP)

Maria Antonieta Leopoldi (UFF)

Georges Flexor (suplente) (UFRRJ)

Sérgio Pereira Leite (UFRRJ)

#### Promoção e realização



#### Patrocínio







**Fotografias:  
Ruth Scheffler (ECO-UFRJ) e NIEAAS-UFRJ**



## SOBRE A CADERNOS DO TERCEIRO MUNDO

A revista *Cadernos do Terceiro Mundo* foi fundada em 1974 na Argentina e relançada em países como México, Portugal e Brasil nas décadas seguintes. Com mais de 30 anos de atividade, tornou-se uma referência na cobertura de temas internacionais sob a ótica de países do Sul, alcançando meios acadêmicos, movimentos sociais e organizações não governamentais. A revista entrevistou grandes líderes globais, como Nelson Mandela, Fidel Castro, Rigoberta Menchú, Omar Torrijos, Velasco Alvarado, Yasser Arafat, Muammar Khadafi, Saddam Hussein, Samora Machel, Agostinho Neto, Julius Nyerere, Sean MacBride, entre outros, e desempenhou um papel importante na promoção do diálogo Sul-Sul, circulando em espanhol, português e inglês em diversas regiões do mundo.

A criação da revista foi influenciada pelo exílio de lideranças durante as ditaduras latino-americanas e pelo Movimento dos Países Não Alinhados, que defendia uma nova ordem internacional na economia e na informação. Lançada em Buenos Aires com o nome *Tercer Mundo*, a pequena equipe dos fundadores era constituída pelos jornalistas Pablo Piacentini e Julia Constenla, argentinos, Neiva Moreira, brasileiro, e Beatriz Bissio, uruguaia. Após perseguições, a revista passou por períodos de interrupção e dispersão da equipe, mas se consolidou no México em



1976, quando ampliou a equipe de colaboradores, a tiragem e a circulação. Nesse contexto, lançou duas novas edições: a primeira, em inglês, em 1977, voltada principalmente para o público dos Estados Unidos, mas também destinada aos leitores da África, do Oriente Médio e da Ásia, através de assinaturas; e a segunda, em 1978, em português e com sede em Lisboa, para atender preferencialmente o público das jovens nações africanas de língua portuguesa. Esse foi o momento áureo da revista: circulava em três línguas e atingia um público de quatro continentes — América (de norte a sul), Europa, África e Ásia — seja através de distribuição comercial, em bancas e livrarias, seja através de assinaturas. O legado triste desse período foram os vários colaboradores assassinados em diferentes partes do mundo e aqueles que, na Argentina, passaram a engrossar a lista dos desaparecidos. Com o processo de abertura e a anistia no Brasil, Neiva Moreira retorna ao país com Beatriz Bissio, e juntos fundam a Editora do Terceiro Mundo, que passaria a publicar a

revista no país a partir de 1980. Além da revista **Cadernos do Terceiro Mundo**, foi iniciada a edição brasileira do **Guia do Terceiro Mundo**, que já tinha edição em Lisboa, e teve relançada a edição em inglês, **Third World**.

Com o neoliberalismo dominante a partir do final do século 20, o mercado editorial latino-americano foi afetado profundamente e a Cadernos do Terceiro Mundo não foi exceção. A crise que acabou por forçar o seu fechamento instalou-se no fim dos anos 90 e, em 2006, a revista foi forçada a deixar de circular por absoluta inviabilidade financeira.

A história da revista **Cadernos do Terceiro Mundo** mostra o quanto ela esteve intimamente ligada ao debate suscitado pelo Movimento Não Alinhado em torno do tema dos fluxos informativos. A grande rede que ela conseguiu reunir de jornalistas, comunicadores, pensadores, militantes, líderes políticos e sindicais, educadores, estudantes, diplomatas, permitiu que ela se mantivesse, na contracorrente, durante mais de três décadas. Os desafios foram numerosos e através de suas páginas se formaram muitas gerações, principalmente de latino-americanos, mas também de africanos, fundamentalmente dos países de língua portuguesa, e até mesmo europeus e estadunidenses, cujas universidades foram assíduas compradoras e assinantes da publicação. Por ter estado presente em locais tão distantes entre si, com a mesma mensagem editorial, a Cadernos foi uma publicação singular para sua época e transformou-se num verdadeiro instrumento da comunicação Sul-Sul, em um momento em que não existiam as

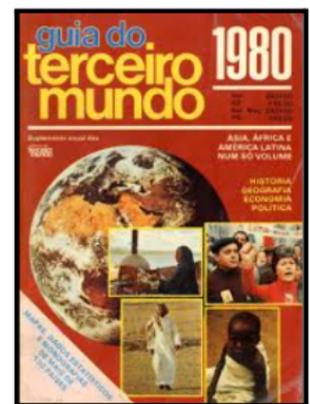
tecnologias que hoje encurtam as distâncias no espaço e no tempo.

Através dos esforços de intercâmbio entre duas universidades cariocas, o **acervo completo da edição em português** e algumas das edições em inglês e espanhol estão disponibilizados digitalmente no repositório do Centro de Documentação e Imagem da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (CEDIM/UFRRJ).

---

## O GUIA DO TERCEIRO MUNDO

O **Guia do Terceiro Mundo** era uma publicação que visava fornecer informações críticas e análises sobre questões sociais, econômicas e políticas relacionadas ao terceiro mundo.



Reprodução: Associação Tchiweka de Documentação

Lançado em 1980 sob a coordenação de Roberto Bissio, surgiu no contexto da expansão de iniciativas editoriais progressistas e críticas, como os **Cadernos do Terceiro Mundo**, que buscavam destacar a realidade dos países do Sul Global, suas lutas por desenvolvimento, independência e justiça social. Consolidou-se como uma fonte prática de informações e dados sobre essas nações, alinhado com o movimento de disseminação de ideias que questionavam as estruturas de poder globais.

Embora apresentasse semelhanças com os Cadernos do Terceiro Mundo, principalmente relacionado à sua missão de elucidar questões relativas ao terceiro mundo, o Guia era uma iniciativa distinta, com propósito e formato diferentes. Enquanto os Cadernos eram mais interpretativos, com análises e reportagens detalhadas, o Guia do Terceiro Mundo era mais **factual, funcionando como uma referência prática, mais focado em compilar dados, informações e análises** como um almanaque ou manual. Com conteúdo mais pragmático, trazia **informações estatísticas, econômicas e geopolíticas** detalhadas sobre os países do terceiro mundo, servindo como uma fonte de consulta objetiva, mas ainda com uma perspectiva crítica sobre as desigualdades globais. Em relação à periodicidade e público-alvo, o Guia não era tão frequente quanto os Cadernos e, por sua natureza de referência, era mais voltado para pesquisadores, professores e estudantes interessados em dados e indicadores objetivos sobre o terceiro mundo.

## SOBRE O CEDIM



O Centro de Documentação e Imagem (CEDIM) do Instituto Multidisciplinar da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro sistematiza, preserva e disponibiliza documentação sonora, visual e iconográfica, sendo o acervo digital que hospeda todas as edições em português e algumas em inglês e espanhol da Cadernos do Terceiro Mundo.

Para captação e digitalização da documentação, o CEDIM trabalha através de parcerias com instituições e pessoas físicas, o que já lhe permitiu constituir um acervo variado, composto por periódicos, documentos institucionais, entrevistas e instrumentos de pesquisa elaborados por seus pesquisadores. Os temas principais dizem respeito à história do trabalho e dos trabalhadores/as, história política e história social, bem como questões relativas à cultura, educação e humanidades.

A consulta ao acervo pode ser realizada na sede, no prédio da pós-graduação do IM-UFRRJ/Campus Nova Iguaçu.

**ACESSE O ACERVO DA CADERNOS EM:**  
[ACERVO CADERNOS DO TERCEIRO MUNDO](#)

**ACOMPANHE O CEDIM:**

[cedim.ufrrj.br](http://cedim.ufrrj.br) 

[cedimufrrj](#) 

[cedimimufrrj](#) 

[cedimufrrjim](#) 

[cedim@ufrrj.br](mailto:cedim@ufrrj.br) 



## MESA 1

### ABERTURA COM REPRESENTANTES INSTITUCIONAIS

29 DE OUTUBRO DE 2024 - 16h00

A mesa de abertura, com autoridades das universidades e entidades envolvidas na organização do evento, visa mostrar a ampla representatividade do evento e o seu significado nacional e internacional.

Visamos trazer um resumo de alguns pontos das falas de cada palestrante, de maneira a ilustrar brevemente sua participação e contribuição para o painel. Disponibilizamos a gravação completa da transmissão ao vivo da mesa no link abaixo, a qual recomendamos fortemente.

Fotografias:  
Ruth Scheffler (ECO/UFRJ)



CONFIRA A TRANSMISSÃO COMPLETA:

[Mesa 1 - Abertura Autoridades Institucionais](#)

#### **Profa. Dra. ANA CÉLIA CASTRO** **DIRETORA DO CBAE/UFRJ**



Em sua fala de abertura, a Profa. Ana Célia Castro dá as boas-vindas ao que chama de “evento histórico de enorme relevância”.

Relembra que pertence a uma

geração que viveu intensamente os impactos da Cadernos do Terceiro Mundo, em uma época em que não havia internet, Google ou ferramentas de busca. Relata que os Cadernos eram um importante veículo para compreender as complexidades do mundo que vivíamos e que não se trata apenas de reviver o passado, mas também de encarar um presente que reitera grandes conflitos não resolvidos. Lamenta como o jornalismo, que antes era marcado por um compromisso rigoroso com a verdade, hoje se relaciona com as fake news.

*“Aguardávamos ansiosos cada edição da Cadernos.”*

#### **Prof. Dr. ROBERTO RODRIGUES** **REITOR DA UFRRJ**



Roberto relata a satisfação da participação da UFRRJ nesse projeto. Agradece ao Prof. Rafael Alonso por ter guiado a parceria com a Profa.

Beatriz Bissio, que

permitiu que a UFRRJ disponibilizasse digitalmente toda a coleção em português dos Cadernos do Terceiro Mundo, democratizando o acesso. Ressaltou a necessidade do acesso facilitado à informação correta e de qualidade, de forma a gerar discussões mais bem embasadas em informações concretas que tivemos no passado e da maneira como tivemos, exatamente como a Cadernos fez. Trata-se de um debate necessário em oposição à atual polarização política e o alcance das fake news.

*“O desafio é grande e cabe às universidades esse papel protagonista.”*

**Profa. Dra. MÔNICA LEITE LESSA**  
**DIRETORA DO IFCH/UERJ**



Mônica destaca o papel importante representado por Beatriz Bissio no legado da Cadernos do Terceiro Mundo, expressando admiração.

Relembra que, como mulher, a Profa. Beatriz enfrentou e venceu muitas barreiras de gênero, se destacando em um mundo majoritariamente masculino como era o do jornalismo político. Mônica destaca a originalidade do projeto e reconhece que a grande inovação da Cadernos do Terceiro Mundo foi mirar na relação entre política, mídias, contexto internacional e o terceiro mundo.

*“[Beatriz] não hesitou em fazer história ao se dedicar a um projeto político tão arrojado.”*

**Profa. Dra. FLAVIA CLEMENTE**  
**DIRETORA DO IACS/UFF**



A Profa. Flávia Clemente comemora a congregação das universidades cariocas no evento e relembra o papel social e a

responsabilidade do jornalismo, principalmente em face do cenário atual. Relembra que o curso de graduação em Jornalismo da UFF é o mais antigo do estado do Rio de Janeiro, criado em 1968. O pioneirismo nesse campo acadêmico coloca o IACS e a UFF na vanguarda por um jornalismo mais justo, crítico e democrático.

*“[Os Cadernos] recuperam esperanças para o nosso futuro.”*

**OLÍMPIO ALVES DOS SANTOS**  
**PRESIDENTE SENGE-RJ**



O engenheiro Olímpio Alves dos Santos agradece o convite para estar em um ambiente acadêmico e relembra a juventude, quando se envolveu com a

publicação depois de sua irmã, historiadora, realizar a assinatura da revista. Reflete sobre a cobertura jornalística de um mundo em ebulição no passado, mas cujas mazelas persistem até os dias atuais, o que aprofunda a importância da Cadernos. Lamenta a falta do retorno de uma publicação como a Cadernos...

*“[...] para que a gente possa saber como combater o facismo e construir um mundo multipolar.”*

**MARCOS GOMES**  
**PRESIDENTE DO CONSELHO DA ABI**

Marcos relembra que a primeira edição brasileira da Cadernos do Terceiro Mundo foi lançada em 1980 no auditório da Associação Brasileira de



Imprensa, no Rio de Janeiro, e saúda os integrantes da ABI que participaram do evento à época. Reforça a luta por uma comunicação mais abrangente, citando um dos maiores problemas dos BRICS: o da comunicação. Vencer a barreira da comunicação, centrada no eixo norte, é um desafio. E que publicações como a Cadernos fazem falta.

*“Gostaríamos que estivéssemos na mesa de redação fechando mais uma edição da Cadernos.”*

**Prof. Dra. BEATRIZ BISSIO**  
**COORDENADORA DO EVENTO - UFRJ**



A Profa. Beatriz Bissio saúda a mesa de abertura, as universidades públicas e instituições importantes para a história da Cadernos.

Relembra e comenta o momento de fundação da Cadernos, entre ditaduras e utopias, onde um espírito de rebeldia os levava a acreditar que aquilo passaria e que poderia se pensar num futuro melhor para as próximas gerações. Também o encerramento da Cadernos do Terceiro Mundo em meados dos anos 2000 que, apesar do sentimento de perda, foi um período de oportunidade, no qual Beatriz pôde retornar à universidade. O que a levou, futuramente, a ser professora da UFRJ. Por fim, reforça a importância da cooperação entre as universidades cariocas, inclusive a UNIRIO, sendo também inspiração de universidade pública brasileira.

*“Significa que estamos conseguindo passar para as novas gerações um pouco daquele espírito que guiou a nossa geração.”*

**Profa. Dra. CASSIA TURCI**  
**VICE-REITORA DA UFRJ**

A Profa. Cassia Turci brevemente encerra a primeira mesa, declarando a alegria de estar presente, trazendo um pouco da sua trajetória acadêmica. Conta um pouco da sua experiência nas posições de gestão em diversos órgãos da UFRJ e como batalhou, dentro da sua área de Química, por uma cadeira de jornalismo científico. Termina reforçando a atualidade dos temas levantados pela Cadernos do Terceiro Mundo.



*“Dada a capacidade do homem de criar e também de destruir, temos que atuar para construir uma universidade pública melhor para todos.”*



### **SOBRE O COLÉGIO BRASILEIRO DE ALTOS ESTUDOS**

O Colégio Brasileiro de Altos Estudos objetiva ser o instituto de estudos avançados da sua comunidade, a UFRJ, reunindo os centros de excelência da Universidade que permitem a transversalidade através de um diálogo profícuo entre os diversos campos do saber.

### **SOBRE O INCT-PPED**

O Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia em Políticas Públicas, Estratégias e Desenvolvimento (INCT/PPED) tem como principal objetivo contribuir para a renovação conceitual e instrumental da ação pública comprometida com o desenvolvimento.

### **SOBRE O SENGE-RJ**

O Sindicato dos Engenheiros no Estado do Rio de Janeiro acredita na organização coletiva dos trabalhadores como caminho para garantir e conquistar direitos trabalhistas e sociais.







## **CARLOS ALBERTO (BETO) ALMEIDA**

É jornalista pela UnB, comentarista internacional, membro do Conselho Consultivo da TV Comunitária de Brasília, presidente do jornal Brasil Popular e membro da Junta Diretiva da rede de televisão multiestatal para a América, Televisión del Sur (teleSUR), com sede na Venezuela.



*Fotografia:  
Ruth Scheffler (ECO/UFRJ)*

A Revista Olhares do Sul apresenta uma breve entrevista com Carlos Alberto Almeida, o Beto, palestrante da mesa 3. A entrevista foi realizada *in loco* e pretende trazer um pouco mais da visão pessoal do jornalista e apresentador sobre a importância do evento e as relações com sua carreira.

**[REVISTA OLHARES DO SUL - ROS]** Gostaríamos que começasse falando a respeito da sua visão sobre esse evento e sobre a herança dos Cadernos.

**[BETO ALMEIDA - BA]** Esse evento tem uma importância muito grande porque os Cadernos do Terceiro Mundo têm uma história muito preciosa e para todo o Terceiro Mundo. Na verdade, para a história do jornalismo mundial, porque provou-se que, no jornalismo, é possível se organizar numa linha de conquistar soberania informativa-cultural. Também [mostrou] que a luta para a defesa de uma informação genuína é possível, sem sucumbir ao terrorismo e à tirania midiática dos grandes oligopólios. Está aí esse acervo precioso, um acervo que é um tesouro da batalha das ideias.

O jornalismo da grande mídia capitalista [...] não conta histórias. Ele apresenta fatos consumados, como se fossem verdades inquestionáveis.

**[ROS]** Sendo do Jornalismo, como você vê a relação entre a sua carreira e os temas do evento? Como é para você a presença do jornalismo como um dos principais temas?

**[BA]** [Quando] estudante de jornalismo, eu lia todos os Cadernos do Terceiro Mundo que chegavam até mim. Depois eu enveredei pela imprensa alternativa, mas trabalhei também em jornais grandes, trabalhei muito tempo na TV Senado, mas sempre seguindo os movimentos sociais. Sou um dos fundadores do Brasil de Fato, sou um dos fundadores da TeleSUR, tivemos a oportunidade de conversar com o presidente Chávez, que aceitou na hora a proposta de fazer uma televisão a favor do Sul, invertendo a lógica, o nosso norte é o Sul. Eu me sinto muito realizado por ter colaborado com essas duas iniciativas e seguir hoje ainda perseguindo um jornalismo como instrumento de integração. [Justamente] porque o jornalismo de desintegração e de destruição está aí, ele é hegemônico. O nosso jornalismo só se torna hegemônico quando há transformações sociais revolucionárias. É para isso que nós vivemos e trabalhamos.

**[ROS] Nesse cenário, que conselho ou dica você daria a uma publicação como a Olhares do Sul, que tem o propósito de continuar esse legado?**

[BA] Eu ainda acho que o jornalismo feito pela Cadernos do Terceiro Mundo tem muito de novidade. Um exemplo que mencionei é o da revolução feita em Burkina Faso hoje. A TeleSUR conta uma história de Burkina Faso. Primeiro, muitas pessoas perguntam, o que é Burkina Faso? É um país? É um povo? É uma região? Uma planta? É uma peça de teatro? Não, é um país que está em processo de revolução, de reforma agrária, de fazer ferrovias. Quando mostramos Burkina Faso na TeleSUR, contamos uma história do contexto. [Assim como muitos] países que eram colônias da França, que só colhia os diamantes, o urânio, etc, deixando-os na miséria. Pois bem, a Burkina Faso se rebelou e [isso partiu] dos militares, os militares revolucionários. Por quê? Porque não houve partidos de esquerda que conduzissem aquele movimento. Então, os próprios militares assumiram uma pauta revolucionária, como Thomas Sankara, Ibrahim Traoré, Hugo Chávez, Juan Velasco Alvarado e vários outros. E estão fazendo a reforma agrária, estatizando, nacionalizando o cobre, as riquezas nacionais, o petróleo.

Isso é uma coisa que eu sugiro: uma leitura desses processos, porque ali tem uma estética do jornalismo. O jornalismo da grande mídia capitalista não conta histórias. Ele apresenta fatos consumados, como se fossem verdades inquestionáveis. Nós contamos o que os povos estão construindo para encontrar um caminho da soberania, da emancipação. Então, por exemplo, aqui no Brasil podemos ler o livro do Neiva Moreira, chamado O Modelo Peruano, que conta a história da revolução do Alvarado do Peru. É uma sugestão que eu deixo. E, ademais, aos estudantes, que pesquisem esse arquivo maravilhoso da Cadernos do Terceiro Mundo.

## SOBRE O LPPE-UERJ



O Laboratório de Pesquisa e Práticas de Ensino (LPPE) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) foi criado em 2002, desde a reitoria de Hésio Cordeiro, que estimulou a criação de laboratórios na área das Ciências Humanas e Sociais. Nesse contexto, discutiu-se que tipo de laboratório deveríamos criar e consolidar. Nosso objetivo principal foi o de viabilizar um espaço dinâmico, crítico e criativo de ensino e de pesquisa da História.

O LPPE começou sua atuação ministrando palestras, realizando seminários e eventos. Iniciamos, também, produzindo CDs sobre escritores brasileiros, latino-americanos e africanos, que serviram aos professores de História do Ensino Básico e Médio como apoio às suas aulas.

Aos poucos, o LPPE foi se transformando num laboratório de produção de material didático sobre História. Há alguns anos, o LPPE vem desenvolvendo atividades diversas, entre as quais: entrevistas com especialistas de História e de outras áreas do saber; projetos audiovisuais através de plataformas como o spotify, áudios, tornando-se um laboratório de múltiplas tecnologias.

### ACOMPANHE O LPPE NAS REDES SOCIAIS:

[lppe.uerj.br](http://lppe.uerj.br) 

[lppeuerj](https://www.instagram.com/lppeuerj) 

[lppe.uerj](https://www.facebook.com/lppe.uerj) 

[lppe.uerj](https://www.youtube.com/lppe.uerj) 

## MESA 2

### POR QUE CADERNOS DO TERCEIRO MUNDO?

29 DE OUTUBRO DE 2024 - 17h30

A mesa busca explicar a proposta editorial e as razões por trás da escolha do nome da publicação, enfatizando já desde o próprio título a opção de abrir as páginas da revista aos movimentos, segmentos sociais e personalidades do Sul Global – o Terceiro Mundo – que geralmente eram (e ainda são) ignorados pela mídia hegemônica.

Visamos trazer um resumo de alguns pontos das falas de cada palestrante, de maneira a ilustrar brevemente sua participação e contribuição para o painel. Disponibilizamos a gravação completa da transmissão ao vivo da mesa no link abaixo, a qual recomendamos fortemente.

Fotografias:  
Ruth Scheffler (ECO/UFRJ)



## SOBRE OS PALESTRANTES

### Prof. Dr. FLAVIANO ISOLAN (mediação)

Doutor em História Contemporânea pela Technische Universität Berlin, Mestre e Licenciado em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. É professor adjunto de História Contemporânea na Universidade do Estado do Rio de Janeiro e integra a coordenação do Laboratório de Pesquisa e Prática de Ensino (LPPE) da mesma universidade.

### Prof. Dra. BEATRIZ BISSIO

Beatriz é vice-diretora do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professora Associada do Depto. de Ciência Política da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professora do Programa de Pós-Graduação em História Comparada - PPGHC UFRJ. Vencedora dos prêmios Vladimir Herzog e Golfinho de Ouro 2000 de Jornalismo.

### ROBERTO BISSIO

Roberto Bissio é jornalista, diretor executivo do Instituto do Terceiro Mundo, editor do Guia do Terceiro Mundo e membro da equipe editorial do relatório Spotlight sobre desenvolvimento sustentável. Membro do comitê internacional da Rede do Terceiro Mundo e atua no conselho do Programa sobre os Direitos Econômicos, Sociais e Culturais das Mulheres, com sede em Delhi, Índia.

### FERNANDO MOLINA

Jornalista, editor da edição em inglês da etapa do México da Cadernos do Terceiro Mundo, ex-colunista do El País Brasil.

### BILL HINCHBERGER

Jornalista, editor da edição em inglês da etapa do Brasil da Cadernos do Terceiro Mundo, consultor de comunicação e educador, é professor na Universidade Sorbonne, mestre em Estudos Latino-americanos e Ciência Política na Universidade da Califórnia. Atuou como correspondente do Financial Times, Business Week, Variety, ArtNews e outros meios de comunicação.

## ÁLVARO NEIVA MOREIRA

Último editor da Cadernos no Brasil, jornalista da Associação dos Docentes da Universidade Federal Fluminense (ADUFF - SSind), é mestre em Políticas Públicas pelo Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas e Formação Humana (PPFH) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e doutorando no Programa de Pós-Graduação da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

## PRINCIPAIS PONTOS DE SUAS CONTRIBUIÇÕES AO PAINEL

### Prof. Dr. FLAVIANO ISOLAN LPPE/UERJ



Como mediador, o Prof. Flaviano Isolan abre os trabalhos da mesa, informando que teremos uma conversa com os profissionais da equipe da Cadernos, entre fundadores,

editores e jornalistas e que persistiram no projeto da Cadernos do Terceiro Mundo, consolidando seu legado.

a essa pergunta será abordada por diferentes perspectivas pelos palestrantes. Beatriz apresenta brevemente os integrantes da mesa, relatando que cada um dos presentes teve um papel importante na criação e manutenção da Cadernos, em momentos de transição importantes na história da Revista, onde novas oportunidades surgiram em meio às tensões políticas e ao sonho da anistia. Profissionais como Bill Hinchberger e Fernando Molina persistiram no projeto e iniciaram etapas da edição em inglês, no Brasil e no México.

*“Cada um dos que estão aqui na mesa teve um papel importante no sonho que tantos sonharam.”*

### Prof. Dra. BEATRIZ BISSIO IFCS-UFRJ



Beatriz inicia sua fala com as motivações que embasaram a criação da mesa. Muitas das questões colocadas remetem a questionamentos levantados pelos próprios alunos com

os quais vem trabalhando. Temas que têm a ver com a Cadernos, mas sob a perspectiva de cursos como Relações Internacionais, Ciência Política, etc. Ao relatar suas experiências para os alunos, Beatriz afirma que frequentemente lhe perguntam como foi possível prosperar com a Cadernos em ambientes adversos e informa que a resposta

### ROBERTO BISSIO INSTITUTO DO TERCEIRO MUNDO

Roberto faz uma apresentação com apoio de slides intitulada *50 Anos de Cinismo e Indiferença* com reflexões sobre o conceito de *Terceiro Mundo*.



Segue com uma apresentação do contexto internacional quando da fundação da Cadernos, em 1974, passando pelos contextos da Guerra Fria, das ditaduras latino-americanas, da descolonização, da Guerra do Vietnã e do movimento dos não-alinhados. Relata detalhes dos primeiros momentos da

Cadernos do Terceiro Mundo. Demonstra o enraizamento do neoliberalismo dos Estados Unidos nas instituições mundiais e como isso impacta diretamente questões centrais e conceituais do então terceiro mundo.

*“Passados 50 anos, a ajuda ao desenvolvimento nunca chegou à metade do que foi prometido.”*

---

## FERNANDO MOLINA

JORNALISTA

EDITOR DA EDIÇÃO EM INGLÊS, ETAPA DO MÉXICO



O jornalista Fernando Molina traz mais detalhes sobre o ambiente de nascimento da edição em inglês da Cadernos do Terceiro Mundo na Cidade do México que, em 1976, se convertia na capital intelectual, política e cultural da esquerda latino-americana. Fernando também detalha sua jornada pessoal, conhecendo Neiva Moreira e Beatriz Bissio em 1979, além de outros jornalistas que trabalhavam com jornais alternativos nos Estados Unidos e que também sofreram com perseguições políticas.

*“Um desafio atual é explicar o que está passando no mundo e como torná-lo mais compreensível.”*

---

## BILL HINCHBERGER

JORNALISTA

EDITOR DA EDIÇÃO EM INGLÊS, ETAPA DO BRASIL

O jornalista Bill Hinchberger traz um pouco das suas raízes e trajetória, sendo um estadunidense envolvido desde adolescente em projetos de comunicação jornalística. Relata a escolha pela Universidade de Berkeley na Califórnia, por ser o berço do movimento de livre expressão entre os estudantes. Sobre sua carreira, Bill relata

sobre como é trabalhar treinando jornalistas na África, dá mais detalhes sobre seus trabalhos com a imprensa não hegemônica nos Estados Unidos e na América Central e relembra como conexões com outros jornalistas o levou a conhecer a proposta da Cadernos. Bill se posiciona sobre as condições trabalhistas às quais os jornalistas estão submetidos, muitas vezes com salários extremamente precários que não possibilitam uma vida com dignidade e que os obrigam a negociar com os poderosos e veicular informações distorcidas.



*“O jornalista precisa ser o representante do cidadão, do eleitor [...], sem seguir a pauta dos políticos.”*

---

## ÁLVARO NEIVA MOREIRA

JORNALISTA

ÚLTIMO EDITOR DA CADERNOS NO BRASIL

O jornalista Álvaro Neiva Moreira relata seu início na Cadernos aos 21 anos como repórter júnior e como essa experiência o levou a cobrir,



junto de Beatriz Bissio, os Fóruns Sociais Mundiais no Brasil de 2001 a 2003. Álvaro se debruça sobre como o avanço do neoliberalismo impactou o próprio conceito de terceiro mundo e a revista em si, o papel da mídia hegemônica e a morte prematura da internet como sopro de esperança para a democratização da informação e da comunicação.

*“Por que Cadernos? Porque a gente precisa acreditar que outro mundo é possível.”*

## PALAVRAS DE ENCERRAMENTO

**Prof. Dra. BEATRIZ BISSIO**

Para encerramento da mesa, a professora Beatriz Bissio destacou a importância do papel intrínseco realizado por militares na produção e no engajamento da revista. Os “Militares de Abril” tinham papéis em missões clandestinas para ajudar a resistência em outros países da América Central. Muitos deles nutriam apreços pelo projeto da Cadernos. Nesse sentido, sobre um possível relançamento da Cadernos, Beatriz demarca a Cadernos como um produto de seu tempo. Reitera que a revista surgiu e encontrou terreno fértil em uma confluência de situações *sui generis* àquele momento histórico. Assim, não há garantias de reprodução dessas mesmas condições. Beatriz finaliza ressaltando que há muitas publicações de inspiração na Cadernos, mas o que esteja em deficiência, principalmente no aspecto político da esquerda, é a formação política, um dos pilares centrais da Cadernos do Terceiro Mundo.

*“A Palavra de ordem da Cadernos era: formação através da informação.”*

## APRESENTAÇÃO MARCOS SOUZA E BRUNO GAFANHOTO

Com o término da mesa 2 chegamos ao final da primeira noite da Conferência Internacional Jornalismo e Democracia. Para finalizar o primeiro dia, apreciamos um recital musical performado pelo pianista Marcos Souza e pelo percussionista Bruno Gafanhoto.

Marcos é instrumentista, produtor cultural, crítico de música e compositor de trilhas sonoras. Filho do músico Chico Mário e sobrinho de Herbert de Souza. Bruno é mestre em Jazz Performance e fundador do projeto *Funquestra*, que mistura ritmos do soul, do jazz e do pop com ritmos brasileiros.

Tocando pela primeira vez juntos em nossa conferência, a dupla brindou o público tocando sucessos atuais de suas carreiras, assim como composições de Chico Mário.

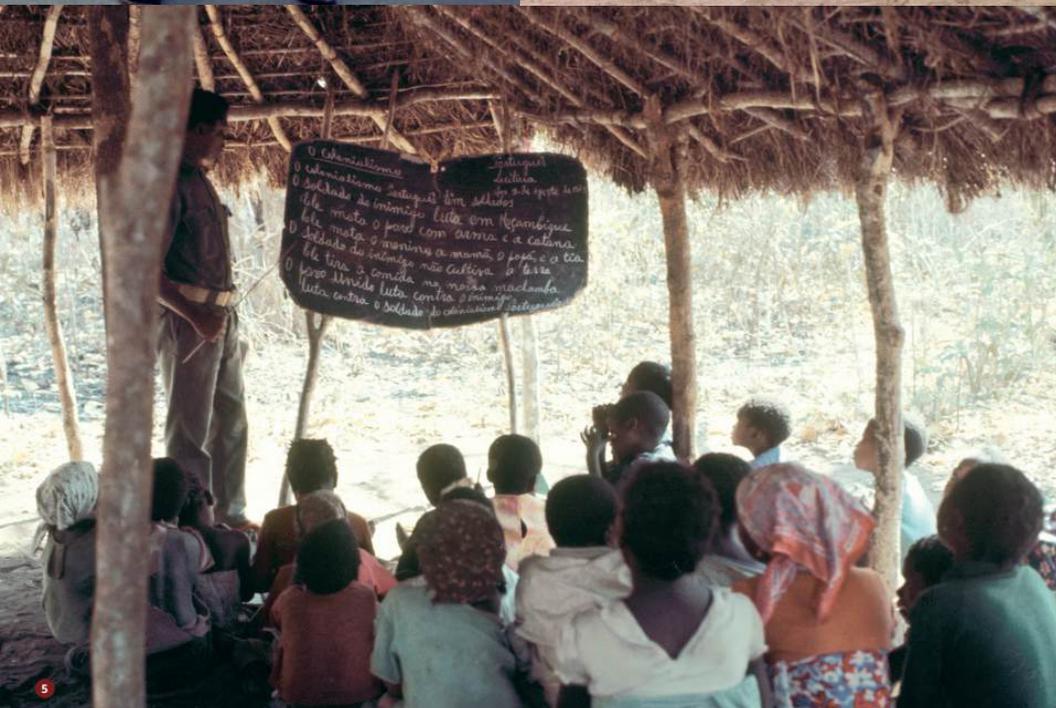
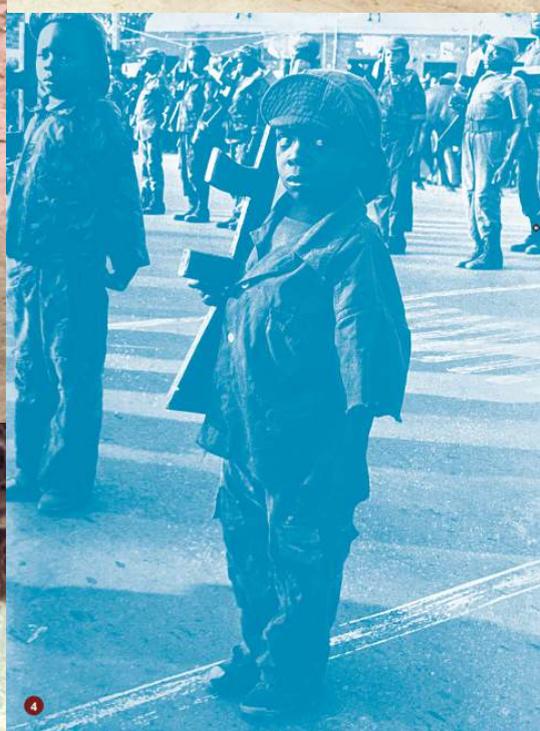




## ÁFRICA LUSÓFONA

durante a independência na década de 1970

Fotografias *in loco* de matérias especiais da Cadernos do Terceiro Mundo sobre as lutas de independência em Angola e Moçambique entre 1974 e 1975.



**1.** Combatente do MPLA recém-chegado do front, participa do desfile da independência. Novembro de 1975

**2.** Ex-guerrilheira na Base Central da FRELIMO em Cabo Delgado (período prévio à independência)

**3.** Crianças angolanas durante o período da Independência de Angola. Foto de 1975

**4.** Os “pioneiros” do MPLA preparados para o desfile do dia da independência. Novembro, 1975

**5.** Aula de alfabetização no meio da luta, ministrada por um combatente. Base Central da FRELIMO, 1975



**6.** Caxito durante a guerra de independência de Angola. Foto de 1975

**7.** Guerrilheiras da FRELIMO num momento de descanso. Base militar da FRELIMO em Cabo Delgado. 1975

**8.** Mulher moçambicana durante a luta pela independência do país em 1975

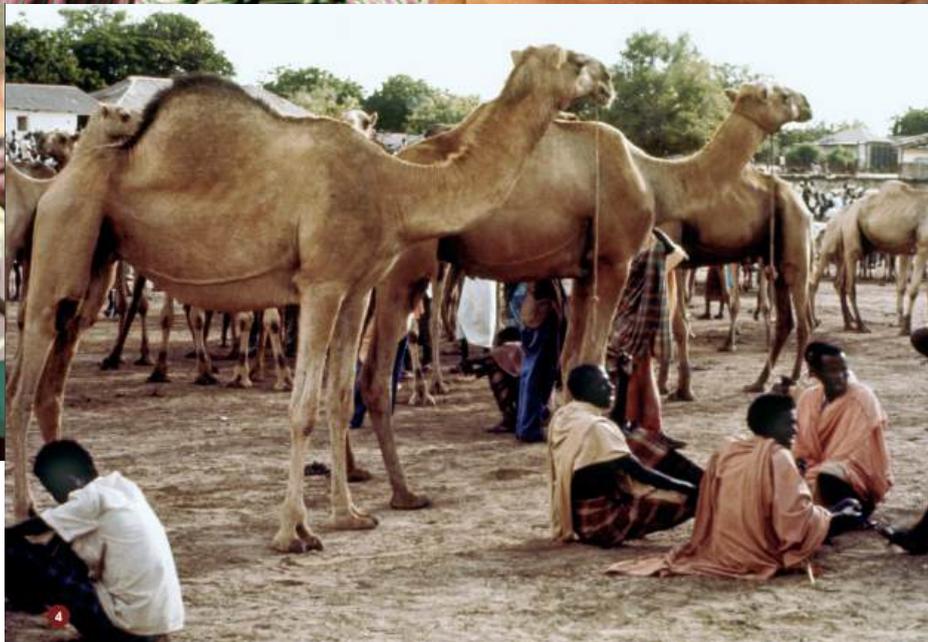


**9.** Desfile da independência de Moçambique, 1975

## ÁFRICA ORIENTAL

Tanzânia, Etiópia e Somália na década de 1970

Fotografias *in loco* de matérias especiais da Cadernos do Terceiro Mundo sobre o período revolucionário na Etiópia, na Somália e na Tanzânia no fim da década de 1970.



**1.** Mulheres somalis. Foto da década de 1970.

**2.** Nômade refugiado de uma seca na Somália. Foto da década de 1970.

**3.** Crianças em uma escola em Mogadishu, capital da Somália, no fim da década de 1970.

**4.** Somália, mercado de Camelos em Mogadishu. Foto do fim da década de 1970.



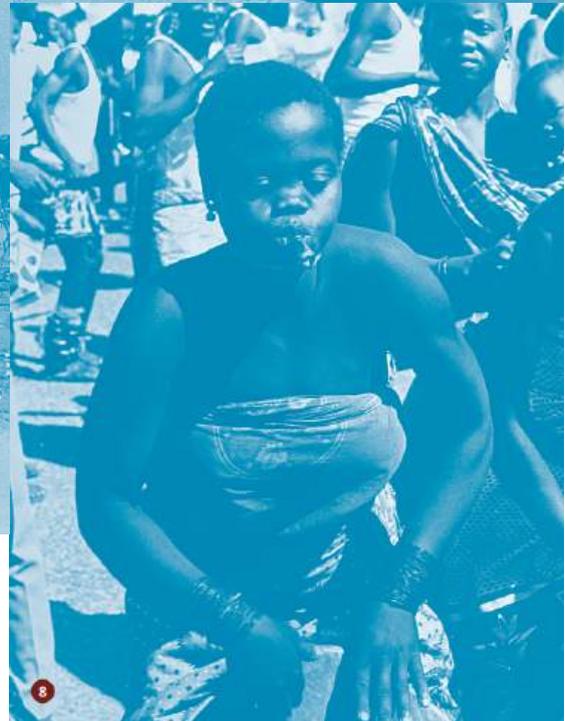
5



7



6



8

**5.** Etíopes residentes nas proximidades da capital Adis Abeba. Foto do fim da década de 1970.

**6.** Região de Dodoma, centro da Tanzânia. Área escolhida para sediar a futura e atual capital do país. Foto da década de 1970.

**7.** Criança tanzaniana. Foto da década de 1970.

**8.** Mulher tanzaniana. Foto da década de 1970.



## MESA 3

### CADERNOS DO TERCEIRO MUNDO E O CONTEXTO MUNDIAL

30 DE OUTUBRO DE 2024 - 09h00

Torna-se praticamente impossível compreender a linha editorial seguida com coerência ao longo de três décadas por Cadernos do Terceiro Mundo sem conhecer o contexto geopolítico em que ela surge e sem considerar os grandes temas em debate a nível do que hoje chamamos Sul Global. A mesa visa abordar essa temática, com ênfase na atuação dos países recém-independentes da Ásia e da África, a partir da semente plantada na Conferência de Bandung (Indonésia, 1955) e depois pelo Movimento dos Países Não Alinhados (fundado em Belgrado, em 1961).

Visamos trazer um resumo de alguns pontos das falas de cada palestrante, de maneira a ilustrar brevemente sua participação e contribuição para o painel. Disponibilizamos a gravação completa da transmissão ao vivo da mesa no link abaixo, a qual recomendamos fortemente.

Fotografias:  
Ruth Scheffler (ECO/UFRJ)



CONFIRA A TRANSMISSÃO COMPLETA:

[Mesa 3 - Cadernos do Terceiro Mundo e o Contexto Mundial](#)

## SOBRE OS PALESTRANTES

### **Prof. Dr. PEDRO AGUIAR (mediação)**

Jornalista e professor de jornalismo da Universidade Federal Fluminense. Doutor em Comunicação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Mestre em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

### **Prof. Dr. DARWIS KHUDORI**

Doutor em História pela Université Paris IV - Sorbonne, especializado em História do Mundo Árabe e Muçulmano Contemporâneo. Também é escritor com formação acadêmica que perpassa áreas como Arquitetura (Universitas Gadjah Mada, Indonesia) e de Planejamento Urbano (Institute for Housing and Urban Development Studies, Netherlands).

### **MARIO OSAVA**

É jornalista e correspondente da agência Inter Press Service no Brasil. É membro de conselhos ou assembleias de associados de várias organizações não governamentais brasileiras, como IBASE e Agência de Notícias dos Direitos da Infância (ANDI).

### **CARLOS ALBERTO (BETO) ALMEIDA**

É jornalista pela UnB, é comentarista internacional, membro do Conselho Consultivo da TV Comunitária de Brasília, presidente do jornal Brasil Popular e membro da Junta Diretiva da rede de televisão multiestatal para a América, Televisión del Sur (teleSUR), com sede na Venezuela.

### **Profa. Dra. JESSE JANE VIEIRA DE SOUZA**

Professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro, ex-Diretora do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais - IFCS/UFRJ e ex-Diretora Geral do Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro.

Pós-doutora pelo *Instituto de Desarrollo Económico y Social*, Doutora em História Social pela UFRJ, mestre em História pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

## PRINCIPAIS PONTOS DE SUAS CONTRIBUIÇÕES AO PAINEL

---

### Prof. Dr. PEDRO AGUIAR UFF



Como moderador, Pedro apresenta os palestrantes e ressalta que a composição desta mesa é importante, pois o contexto mundial durante a criação dos

Cadernos do Terceiro Mundo perpassa pelos debates da Nova Ordem Mundial da Informação e da Comunicação (NOMIC) na década de 1970. E reforça que este mesmo debate está retornando atualmente, com a roupagem da regulação das plataformas digitais. Tal retomada, em escala global, é fundamental para superar mais esse gargalo na circulação de informação rumo a um fluxo livre e equilibrado de notícias.

*“Se não houve regulação lá atrás, como a NOMIC e a comissão MacBride sugeriam, significa que não temos um ponto de partida para a tão necessária regulação das plataformas.”*

---

### Prof. Dr. DARWIS KHUDORI UNIVERSITÉ LE HAVRE (FRANÇA)

O Prof. Darwis trouxe uma apresentação abrangendo os tópicos relacionados ao Movimento dos Não-Alinhados: Bandung na história global, os princípios de Bandung, a Conferência de Bandung, o espírito de Bandung e a era de Bandung.

Citando a obra *A Trajetória do Capitalismo Histórico: a vocação tricontinental do*

*marxismo* do economista egípcio Samir Amin, Darwis afirma que a Conferência de Bandung, de 1955, nasce no período denominado por Amin de declínio do

capitalismo, com suas crises recorrentes, monopólio, guerras mundiais, ascensão da África e da Ásia, entre outros tópicos. A conferência representou a entrada do *terceiro mundo* na política internacional, sendo a primeira e maior conferência realizada fora das cúpulas da ONU e dos dois blocos políticos. Os princípios de Bandung refletiam o contexto político internacional e também eram uma resposta a esse contexto. Da conferência surgiu a expressão *Bandung Spirit*, a que Darwis atribui 5 ideais: coexistência pacífica, independência, igualdade, solidariedade e emancipação.



O professor relembra que nesse período a ascensão de líderes como Jawaharlal Nehru, Sukarno, Salvador Allende, Che Guevara, entre outros, foi essencial para manter a unidade do movimento e das reivindicações. A liderança era mais importante do que participação das massas nos processos de tomada de decisão. E relembra que esses líderes foram todos assassinados. Destaca também as divergências entre as alas dentro do movimento dos não-alinhados: uma ala mais radical, liderada por Sukarno, que não se opunha ao uso da força para emplacar o fim do colonialismo. A outra, mais moderada, liderada por Nehru, acreditava que a ONU naturalmente resolveria as controvérsias através de processos de paz. O ápice dessa

divergência teria sido a Conferência Tricontinental de Havana de 1966.

Darwis finaliza com considerações sobre a era pós-Bandung, sendo marcada pela ascensão do sistema capitalista liderado pela tríade Estados Unidos, União Europeia e Japão, através de 5 monopólios: ciência e tecnologia; informação, comunicação e mídia; sistema financeiro; armas de destruição em massa; e acessos à recursos naturais.

*“O que é o espírito de Bandung? [...] nunca foi oficialmente formulado, mas eu tento extrair dos princípios de Bandung os 5 principais ideais.”*

---

## MARIO OSAVA

### INTER PRESS SERVICE NO BRASIL



Mario faz um apanhado das suas experiências antes e durante a Cadernos e compara com o cenário internacional dos anos 1960 a 1980.

Começou sua trajetória na Cadernos, em Portugal em 1978, sendo seu primeiro trabalho remunerado como jornalista. Antes, afirma que fazia parte da luta armada no Brasil na Vanguarda Popular Revolucionária e, por interesse próprio, buscava revoluções em Cuba, Chile, Portugal, entre outros. A partir de uma missão na Argélia, em 1969, conheceu Miguel Arraes, ex-prefeito de Recife e ex-governador de Pernambuco, exilado em 1964.

Mario atua como correspondente da Inter Press Service no Rio de Janeiro há 44 anos e comenta sobre as confluências entre a Inter Press e a Cadernos do Terceiro Mundo, visto que a equipe da Inter Press já chegou a ser formada em quase totalidade por exilados. Nesse contexto, Mario conta como

aconteceram as ondas de exilados pela América Latina. Em sua visão, o exilado tem uma cabeça diferente, pois não está no país como turista. Vive a nova realidade com os olhos voltados para sua origem e tem uma visão política crítica. Quando muitos exilados se encontram, forma-se uma mescla ideal de culturas capazes de gerar meios de comunicação alternativos como a Interpress e os Cadernos do Terceiro Mundo. Ressalta que a polarização, tanto falada hoje, nos anos 1960, era questão de vida ou morte.

*“Para ser comunista tem que viver na clandestinidade.”*

Afirma que vivemos a revolução da diversidade a partir dos anos 1960, sendo esta a peça-chave para se entender as divergências entre grupos, inclusive dentro do grupo dos não alinhados. Tais movimentos representavam uma nova concepção de sociedade, não apenas independências nacionais ou soberania. E reitera que até hoje não se sabe como manejar essa diversidade. A humanidade vive neste drama desde então. Mario finaliza mencionando uma das críticas que a esquerda política recebe por ser identitária, mas afirma que é inevitável, pois diversidade não é só um valor, é um princípio vital.

*“Um monte de iniciativas dessa época são frutos do exílio.”*

---

## CARLOS ALBERTO (BETO) ALMEIDA

### TELESUR; TV Comunitária de Brasília

Beto inicia de maneira muito positiva, considerando a experiência de desfrutar dos Cadernos como magnífica, sendo “um verdadeiro tesouro na batalha das ideias.” Indaga sobre apoios e ausências relacionadas à Cadernos, o caminho traçado pela TELESUR e o contexto político relacionado ao BRICS. Em sua visão, não se justifica a ausência de apoio a uma publicação como os Cadernos hoje, visto que



esta, um dia, conseguiu apoio e participação de várias correntes militares progressistas anti-imperialistas, o que era um fato notável. Lembra que até o governo de Leonel Brizola, a Cadernos era apoiada, mas esse apoio institucional não retornou mesmo com a chegada de Lula e Dilma ao governo. Sobre os dois últimos, também lamenta que não houve apoio à TELESUR apesar de toda a cobertura editorial solidária que receberam.

Beto ressalta que os Cadernos do Terceiro Mundo construíram alicerces para um tipo de comunicação transformadora. Essas bases não estão desaparecidas: a TELESUR tenta preencher essa lacuna. Relata dificuldades enfrentadas pela emissora relacionadas às sanções à Venezuela como corte de gastos e rebaixamento de salários e investimentos. Lembra que o único momento em que puderam fazer um noticiário em português no Brasil foi no governo de Roberto Requião no Paraná, que colocou a TELESUR no satélite nacional doméstico, o que, em seguida, foi negado pelo governo federal.

Sobre o contexto político relacionado ao BRICS, Beto critica o veto do Brasil à entrada da Venezuela no bloco, afirmando que se trata de uma diplomacia da punição. Em sua visão, a Venezuela segue fazendo, mesmo sancionada, a mesma política de um bolivarianismo solidário. Por isso, conquistou, por mérito próprio, seu lugar no BRICS. Afastá-la do Sul Global é impossível. Também tece elogios ao BRICS por recuperar princípios e linhas de interpretação da Conferência de Bandung, o que se materializa hoje em não se submeter à ditadura financeira imposta pelos grandes atores do mercado financeiro global.

*“O que justifica um governo, como o atual brasileiro, negar apoio aos Cadernos?”*

## **Profa. Dra. JESSE JANE V. DE SOUZA** **UFRJ**

A professora Jesse Jane informa que solicitou falar por último por não ser jornalista e que sua inserção nos Cadernos, em 1982, se deu por uma outra via, a da documentação. Jesse manifesta suas impressões sobre o ambiente da Cadernos do Terceiro Mundo, descrito como acolhedor e generoso. A Cadernos foi o seu primeiro emprego depois da prisão na ditadura militar. Se emociona ao dizer que, se ela pôde ter uma carreira universitária e estudar, foi graças aos Cadernos do Terceiro Mundo. E comenta a discriminação que sofreu, inclusive por parte da esquerda, por ter sido presa.



Lembra a trajetória profissional de Neiva Moreira que era, sobretudo, um ser político. Após retornar do exílio, Neiva trouxe exilados com projetos de país. Uma questão importante, porém, é que os exilados voltaram para um país completamente diferente e tiveram dificuldades para ler essa nova realidade. O momento da reconfiguração dos partidos do país também foi um problema que afetou os Cadernos. Uma etapa muito importante da Cadernos, destacada por Jesse, é quando a revista se torna uma editora, lançando outros 3 produtos: a Revista *Mercosul*, o *Guia do Terceiro Mundo* e a Revista *Ecologia e Desenvolvimento*. Lamenta que, quando a continuidade da entrevista revista? foi interrompida por recusa de parceiros institucionais e governamentais, não houve apenas uma inviabilização da Cadernos do Terceiro Mundo, mas também de uma editora que trazia na sua história um projeto necessário para que o Brasil pudesse se pensar de outra forma. Os Cadernos foram um veículo de formação intelectual da juventude dos anos 1980 e 1990.

Relata os caminhos possíveis percorridos por Beatriz para que se reconhecesse a importância da manutenção da editora, visto que o Brasil nunca teve uma tradição de jornalismo internacional. Algumas coberturas internacionais eram realizadas em sua maioria pelo Estadão e pelo viés eurocêntrico. Jesse celebra a sintonia entre Beatriz e universidades como a UERJ e a UFRRJ, não por acaso foram exatamente essas duas universidades que deram as

mãos para a Cadernos do Terceiro Mundo por serem instituições de ensino superior que atendem os alunos da periferia do Rio de Janeiro. A UFRRJ ligada à questão da documentação e a UERJ com projetos de transformar a Cadernos em produto didático. Jesse finaliza enfatizando que o lugar de Beatriz sempre foi na universidade.

*“[Os Cadernos] morrem por uma ação deliberada do governo que nascia, que era produto daquelas lutas. [...] Isso tem que ser dito claramente.”*





## PROF. DR. PEDRO AGUIAR

Jornalista e professor de jornalismo da Universidade Federal Fluminense. Doutor em Comunicação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Mestre em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Possui experiência em pesquisa sobre agências internacionais de notícias.



Fotografia:  
Ruth Scheffler (ECO/UFRJ)

A Revista Olhares do Sul apresenta uma breve entrevista com o Prof. Dr. Pedro Aguiar, mediador e palestrante da mesa 3. A entrevista foi realizada *in loco* e pretende trazer um pouco mais da visão pessoal do entrevistado sobre a importância do evento e as relações com sua carreira.

**[REVISTA OLHARES DO SUL - ROS]** Gostaríamos que começasse falando a respeito da sua visão sobre esse evento e sobre a herança dos Cadernos.

**[PEDRO AGUIAR - PA]** O evento é fundamental porque não é só uma maneira de marcar uma síntese efeméride de um aniversário. É mostrar que a Cadernos continua e que tem um legado que é vivo, que é vibrante, que vai se reproduzindo com as novas gerações. Acho que vocês mesmos são também exemplo disso, [a Cadernos] deixou ensinamentos que continuam sendo passados adiante. Então, é fundamental o evento. Foi um prazer mediar essa mesa, com pessoas tão importantes que eu realmente admiro demais. O Beto Almeida, que eu não conhecia [pessoalmente], mas já via na televisão há muito tempo, a Professora Bissio foi extremamente emocionante aqui. Então, o evento é necessário. Essa data não poderia passar em branco. Ela mostra que não é algo só no passado, estamos falando do presente e do futuro também.

Eu não sou da História, eu não sou da Ciência Política, eu sou do Jornalismo. Posso dizer, sem dúvida, que a contribuição da minha área está nesses exemplos que estavam aqui, a

Diálogos do Sul, o Afro Mundo, que eu trabalhei, o Brasil de Fato, que eu mencionei, que tem uma cobertura internacional focada exatamente no Sul Global. São iniciativas atuais que aprenderam muito com o exemplo da Cadernos.

[Se] compararmos as edições da Cadernos do Terceiro Mundo [...] a gente vê a qualidade do texto, das fontes, a diagramação, das informações trazidas...

**[ROS]** Sendo do Jornalismo, como você vê a relação entre a sua carreira e os temas do evento? Como é para você a presença do jornalismo como um dos principais temas?

[PA] Começa que é a primeira palavra, o nome do evento. Está totalmente inserido e, ao longo das mesas, são discutidos vários aspectos desse jornalismo internacional voltado para o Sul Global, na época chamado Terceiro Mundo. Desta vez falamos do contexto, mas teremos mesas focadas nessa cobertura internacional.

É muito boa a presença também do historiador canadense Maurice Labelle, porque ele

coordena a rede de pesquisas de notícias não alinhadas, a NANReP [*Non-Aligned News Research Partnership*], da qual a Beatriz faz parte, eu também faço parte e que cresceu de uma maneira incrível, inclusive com a colaboração da Beatriz. E quando a NANReP começou, ele [Maurice] só sabia que tinha havido uma cooperação de agências de notícias dos países não alinhados. Quando a gente entrou em contato, perguntei: “você conhece a *Cadernos do Terceiro Mundo*?” Ele não conhecia. Falei que ele precisava conhecer, porque vai na mesma toada, fazendo parte de um mesmo movimento. Ele se encantou, a Beatriz foi para lá [o Canadá] no meio deste ano e ele está vindo aqui pela segunda vez.

Toda essa articulação de pesquisa foi fundamental. E ela está centrada, realmente, em um trabalho jornalístico de altíssima qualidade. [Se] compararmos as edições da *Cadernos do Terceiro Mundo* com outras publicações brasileiras, latino-americanas, da mesma época, a gente vê a qualidade do texto, das fontes, a diagramação, das informações trazidas, o espaço dado para entrevistas com personalidades históricas, como foi o Yasser Arafat, o Saddam Hussein... São pessoas que, hoje, o Ocidente faz questão de apagar, mas a *Cadernos* não deixa, elas estão registradas nas suas páginas e que agora estão digitalizadas para as novas

gerações poderem consultar.

**[ROS] Nesse cenário, que conselho ou dica você daria a uma publicação como a *Olhares do Sul*, que tem o propósito de continuar esse legado?**

[PA] Principalmente, nesse espírito da *Cadernos* e de outras iniciativas, nunca perder a visão crítica, o olhar crítico. Se é *Olhares do Sul*, de fato, me parece que é enriquecedor para os leitores de vocês manterem sempre essa ideia de que vocês estão olhando pelo ponto de vista do Sul. Não se sintem obrigados a reproduzir os olhares do norte que chegam por grandes agências, por grandes veículos, por grandes redes de TV. [Um cuidado de] olhar pelo ponto de vista nosso, que estamos nas periferias do mundo, que sofremos com o colonialismo, com o liberalismo, com o racismo institucionalizado. Sempre esse ponto de vista. É isso que falta. Não é como se não houvesse nada, mas falta mais, falta muito mais, porque o lado de lá é avassalador.

E, por fim, desejo muita sorte para vocês. Sorte, perseverança. Saibam que, às vezes, pode acontecer, como a Beatriz contou, que às vezes podem vir momentos difíceis, mas não desistam. Continuem, porque sempre vale a pena.

## **SOBRE O GIS**

O Núcleo de Pesquisa de Geopolítica, Integração Regional e Sistema Mundial (GIS/UFRJ) busca contribuir para a construção de uma visão geopolítica dos processos de integração regional na América Latina contemporânea. A partir de uma análise transdisciplinar que leve em conta os interesses em jogo no continente, aprofunda a compreensão das principais tendências da conjuntura latino-americana contemporânea, contribuindo para a construção de cenários prospectivos e de subsídios para a elaboração de políticas públicas.

**ACOMPANHE O GIS:**

**nucleogis**



## MESA 4

### CADERNOS: REDAÇÃO E PRODUÇÃO EDITORIAL

30 DE OUTUBRO DE 2024 - 15h00

Esta mesa redonda visa oferecer uma visão do dia a dia da redação central da revista. A ideia é permitir que participantes do público conheçam detalhes da produção de cada número da revista: como era definida a pauta de cada edição, qual foi o papel do Centro de Documentação na etapa pré-internet para sustentar as pesquisas exigidas pelos artigos, e como trabalhava a equipe encarregada das traduções – tanto traduções de artigos vindos de outras revistas e agências quanto traduções de artigos da própria revista que seriam publicados nas edições em diferentes línguas.

Visamos trazer um resumo de alguns pontos das falas de cada palestrante, de maneira a ilustrar brevemente sua participação e contribuição para o painel. Disponibilizamos a gravação completa da transmissão ao vivo da mesa no link abaixo, a qual recomendamos fortemente.

Fotografias:  
NIEAAS/UFRJ



**CONFIRA A TRANSMISSÃO COMPLETA:**

**Mesa 4 - Redação e Produção Editorial**

## SOBRE OS PALESTRANTES

### **Profa. Dra. ANGELA ROBERTI (mediação)**

Professora do Programa de Pós-graduação em História Política (PPGH) da UERJ e coordenadora do Laboratório de Pesquisa e Práticas de Ensino em História (LPPE/UERJ). Doutora em História Social pela PUC-SP, mestra em História Política pela UERJ.

### **BILL HINCHBERGER**

Jornalista, editor da edição em inglês da etapa do Brasil da Cadernos do Terceiro Mundo, consultor de comunicação e educador, é professor na Universidade Sorbonne, mestre em Estudos Latino-americanos e Ciência Política na Universidade da Califórnia. Atuou como correspondente do Financial Times, Business Week, Variety, ArtNews e outros meios de comunicação.

### **FERNANDO MOLINA**

Jornalista, editor da edição em inglês da etapa do México da Cadernos do Terceiro Mundo, ex-colunista do El País Brasil.

### **Prof. Dr. MACARIO COSTA**

Professor da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) no curso de Sistemas de Informação, doutor em Engenharia de Sistemas e Computação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

### **ÁLVARO NEIVA MOREIRA**

Último editor da Cadernos no Brasil, jornalista da Associação dos Docentes da Universidade Federal Fluminense (ADUFF - SSind), é mestre em Políticas Públicas pelo Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas e Formação Humana (PPFH) da Universidade do Estado do

Rio de Janeiro e doutorando no Programa de Pós-Graduação da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

### MARCOS ARRUDA

Geólogo, economista, educador popular e referência no debate de direitos humanos, educação e democracia. Foi perseguido, preso, torturado e exilado durante as ditaduras empresariais-militares por se recusar a se calar diante da injustiça e do silenciamento. É fundador do Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (IBASE) e do Instituto Políticas Alternativas para o Cone Sul (PACS)

## PRINCIPAIS PONTOS DE SUAS CONTRIBUIÇÕES AO PAINEL

### MARCOS ARRUDA PACS



O geólogo e economista Marcos Arruda havia sido convidado para integrar o painel de palestrantes na Conferência, mas devido a problemas de saúde, não pôde

estar presente. Não deixou, porém, de enviar uma mensagem por vídeo que foi transmitida antes da abertura da mesa e disponibilizada na gravação. Em sua mensagem, Marcos ressalta a bravura de Beatriz Bissio e de Neiva Moreira ao levar adiante um projeto tão difícil. Saúda os profissionais que compunham a equipe dos Cadernos e ressalta a qualidade do jornalismo progressista criado pela revista.

Destaca o compromisso com o combate a toda forma de opressão e o alcance da revista ao cobrir todos os continentes do Sul Global. De forma a criar, aprofundar e estimular interações e redes que levaram adiante um trabalho de construir a soberania de países e continentes para além da luta pela soberania nacional, também a soberania solidária.

*“Por tudo isso, um grande viva aos Cadernos do Terceiro Mundo.”*

### Profa. Dra. ANGELA ROBERTI UERJ



Como moderadora do painel, a professora Angela Roberti abre a mesa e relata o privilégio e a emoção de estar presente no evento, pois os Cadernos do Terceiro Mundo

também fizeram parte do seu processo de formação profissional. Relata as dificuldades de adquirir um exemplar da revista nos anos 1980: “Não era vendido em qualquer banca.” Assim como ela, moradores da zona norte do Rio de Janeiro que tinham interesse na publicação precisavam se deslocar à zona sul para encontrar exemplares. Destaca também a importância dos Cadernos em momentos tensos da história do Brasil como o da ditadura militar.

### BILL HINCHBERGER

JORNALISTA  
EDITOR DA EDIÇÃO EM INGLÊS, ETAPA DO BRASIL

Em sua segunda fala na Conferência, Bill relembra as conversas da mesa anterior sobre os BRICS e relata que estava em Davos, na sessão do Fórum Econômico Mundial, onde Jim O'Neill, criador da sigla, e outros economistas discutiam o potencial das



economias emergentes. Bill destaca que foi onde a sigla de fato ganhou aderência internacional.

Seguindo sobre o tema do painel, que versa sobre a produção editorial dos Cadernos, Bill relembra de questões da estrutura física e técnica da editora. Relata que havia apenas um telefone para a editora inteira, o que causou estranhamento a um estadunidense como ele, acostumado a ter um telefone próprio quando trabalhava nos Estados Unidos. As equipes, no geral, eram pequenas, de no máximo três pessoas para fazer as três versões (português, inglês e espanhol).

Bill prossegue detalhando sobre a produção e triagem na edição em inglês, que era bimestral, enquanto as outras eram mensais. Para a edição em inglês, se baseavam tanto no conteúdo que havia sido publicado nas outras edições, como em informações acessadas através de algumas agências parceiras como a Interpress Service, a *Third World Network* (Malásia) e a *Pacific News Service* (Estados Unidos). Comenta sobre o processo de confecção das capas da edição em inglês, feitas por cartunistas, e que dois grandes problemas eram a distribuição e promoção. Relembra que algumas matérias da edição em inglês quebraram barreiras e tiveram grande alcance, como matérias sobre o movimento negro no Brasil e meio ambiente. Reforça que, à época, ecologia e desenvolvimento não eram termos vistos como compatíveis, mesmo dentro da esquerda.

Bill finaliza comentando que recebeu mensagens de amigos que eram assinantes dos Cadernos por ser a única fonte de informação internacional que existia, mas que muitos dos conteúdos eram considerados “pesados”. O que o levou a

pensar em seções mais abrangentes como cultura, literatura, esporte, etc.

*“Eu acho que de certa forma, a gente tava fazendo as coisas um pouco pra frente.”*

---

## FERNANDO MOLINA

JORNALISTA

EDITOR DA EDIÇÃO EM INGLÊS, ETAPA DO MÉXICO

Em sua segunda fala no evento, Fernando aproveita o momento para refletir sobre a continuidade da Cadernos e sobre como as gerações atuais podem se beneficiar disso.



*“É uma pena que não tenha mais estudantes e jovens aqui, porque o tema fundamental é sobre para quem passamos o bastão.”*

Há muitas histórias trágicas no terceiro mundo, especialmente na América Latina, histórias de fracassos que devem ser recuperadas e examinadas. Reitera sobre a necessidade da retomada de projetos de integração como os Cadernos foram. Em sua visão, sempre há espaço para meios alternativos.

*“O que há depois dos Cadernos? Como fazemos para levar adiante a continuação dessa tradição, essa acumulação de experiência e de conhecimentos que permitem seguir com essa batalha, a da informação internacional?”*

---

## Prof. Dr. MACARIO COSTA

UFRRJ

O professor Macario Costa inicia sua fala retomando um ponto levantado pela profa. Jesse Jane sobre o ambiente dos Cadernos, também o descrevendo como acolhedor e

generoso nos quase 20 anos em que trabalhou na equipe. Macario chegou à revista em 1983.



Relembra o processo de entrada nos Cadernos, dizendo que conheceu Neiva Moreira e Beatriz através de um primo que era sociólogo. Havia

saído de uma empresa que produzia as listas telefônicas, a LTB, que fechou as portas. No Maranhão foi funcionário público, trabalhava num setor que produzia a Revista *Conjuntura Econômica* e fazia traduções do espanhol para o português. Assim, ele ingressa nos Cadernos como tradutor, posteriormente passando a gerenciar as assinaturas da revista.

Relata como foi o uso dos primeiros computadores 8 Bits que chegaram na Cadernos e das primeiras recusas da equipe em fazer a transição da máquina de escrever para o computador. Conta como foram as experiências com os primeiros editores de texto. “Foi um processo de catequização.” Como a tecnologia era muito recente, Macario fazia pesquisas no Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (IBASE) para entender como fazer o melhor uso dos novos periféricos. Aprendeu e aplicou na Cadernos o conhecimento adquirido sobre rede de computadores e sobre transmissão de arquivos via, primeiramente, o telegrafoscópio, depois o fax e, mais futuramente, por URL. Finaliza dizendo que nutre um apreço enorme pelas histórias que Neiva e Beatriz contavam após voltar de suas viagens e que leva essas histórias, junto com sua passagem pelos Cadernos, para seus alunos do curso de Sistemas de Informação.

*“Era impressionante ver personalidades passando pela editora, isso é impagável. Ver o Brizola, o Eduardo Galeano, o Darcy Ribeiro visitando a revista. [...] Tudo isso era muito rico.”*

## ÁLVARO NEIVA MOREIRA

JORNALISTA

ÚLTIMO EDITOR DA CADERNOS NO BRASIL

Em sua segunda fala, Álvaro começa mencionando sua monografia de conclusão de curso em Comunicação Social em 1999. Já imperava uma



angústia e uma necessidade de cobertura de temas do Sul Global a partir de uma perspectiva própria. Como exemplo, cita a cobertura dos jornais brasileiros sobre a guerrilha na Colômbia. A imprensa brasileira quase não cobria os desdobramentos da guerrilha e quando cobria, era sob uma perspectiva advinda de agências estadunidenses como *United Press* e a *Associated Press*. Lembra que *O Globo* enviou um jornalista de Washington para realizar coberturas em vez de jornalistas latino-americanos.

Álvaro segue elaborando sobre como funciona a formulação de pautas de veículos informativos. Quando se trata de coberturas internacionais, torna-se demasiado complexo acessar as informações que estão distantes. E um desafio muito mais complexo é fazer isso rompendo a barreira dos meios de comunicação hegemônicos. Em seu período nos Cadernos, eles contavam com o auxílio de uma única agência de notícias, a *Prensa Latina* de Cuba, que trazia uma perspectiva não-alinhada em suas coberturas. Álvaro explica como se extraíam pautas a partir da *Prensa Latina* e como trazer pontos de vista locais para enriquecer as matérias para se chegar a uma apuração mais próxima possível de um ponto de vista do Sul Global. Um dos pontos que embasou as constantes viagens de Neiva e Beatriz era justamente trazer um ponto de vista local para realizar entrevistas e coberturas *in loco*.

Relembra que ele mesmo teve a oportunidade de entrevistar Eduardo Galeano no Fórum Social Mundial, em Porto Alegre, no início dos anos 2000. Álvaro finaliza comentando sobre a superficialidade e naturalidade como a questão da Palestina está sendo tratada na mídia hegemônica. Relembra o trabalho feito por Beatriz Bissio, que esteve no conflito, e que, em edições anteriores dos Cadernos, já se falava sobre as lutas da Organização para a Libertação da

Palestina (OLP), os diversos partidos políticos, a batalha por territórios, as deliberações da ONU, etc. Reitera a necessidade de uma mídia contrária à superficialidade da mídia hegemônica, que não traz contextualização histórica e socioeconômica.

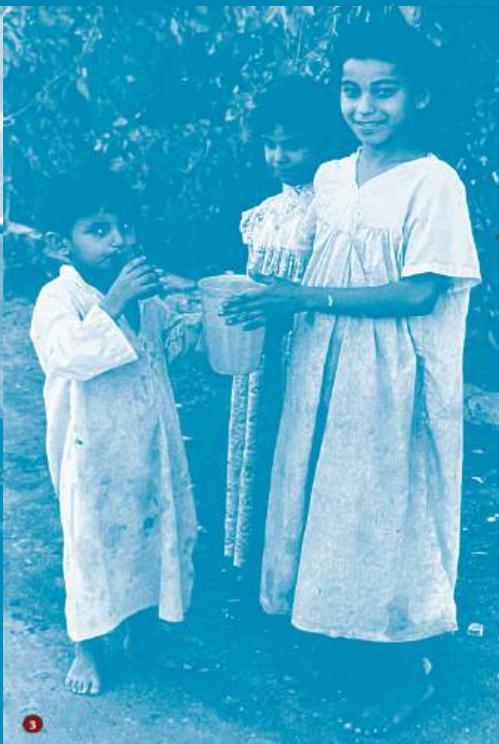
*“Não é só narrar um fato isolado. É permanentemente explicar, contextualizar e relacionar aquilo com o contexto do país.”*



## SUDOESTE DA ÁSIA

Oriente Médio na década de 1980

Fotografias *in loco* das coberturas da Cadernos do Terceiro Mundo sobre os conflitos no Iraque, no Líbano e na Palestina durante a década de 1980.



**1.** Cidade de Bagdad, capital iraquiana. Foto da década de 1980

**2.** Um carro brasileiro no Iraque na década de 1980

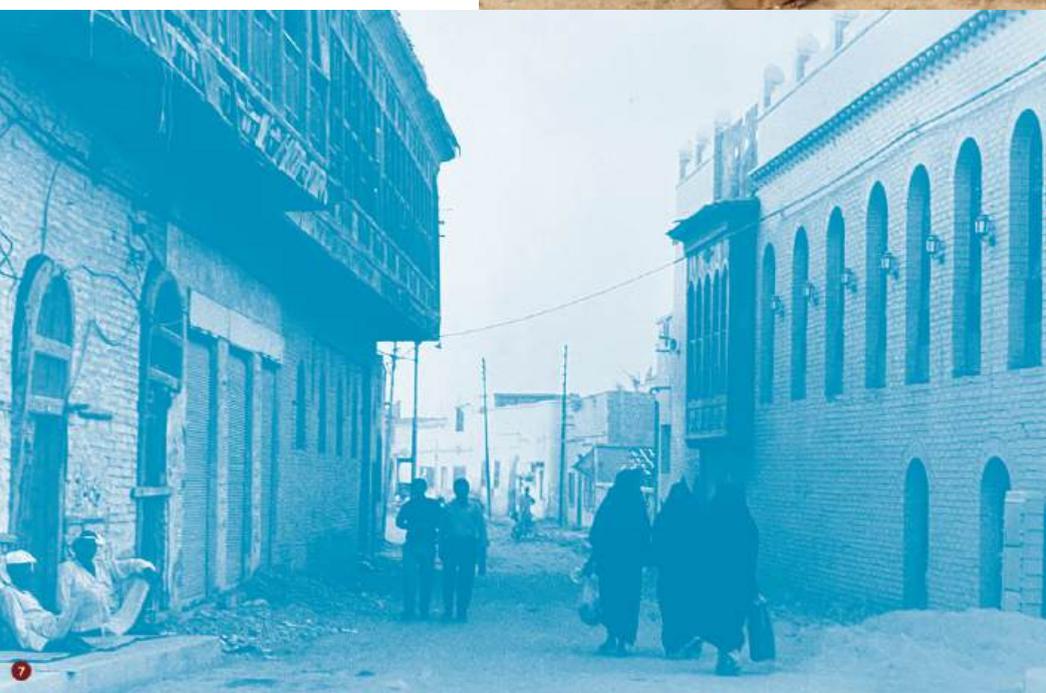
**3.** Crianças em Basra, sul do Iraque. Foto do fim da década de 1980

**4.** Menino palestino mudo. Campo de refugiados Burj-al-Barajneh, subúrbio ao sul de Beirute, estabelecido em 1948 no Líbano, depois da "Nakba". Foto da década dos 1980.



**5.** Estádio Camille Chamoun, de Beirute, capital do Líbano, bombardeado por Israel nos dias prévios à invasão terrestre de 1982. Foto tomada no mesmo dia do bombardeio.

**6.** Combatente palestino no Castelo de Beaufort, construído pelos cruzados, dominando o rio Litani, sul do Líbano, na fronteira “de facto” com Israel, que na altura ocupava parte do território libanês. Foto de 1982



**7.** Basra, cidade do Sul do Iraque, cenário chave da guerra Irã-Iraque. Foto do fim da década de 1980



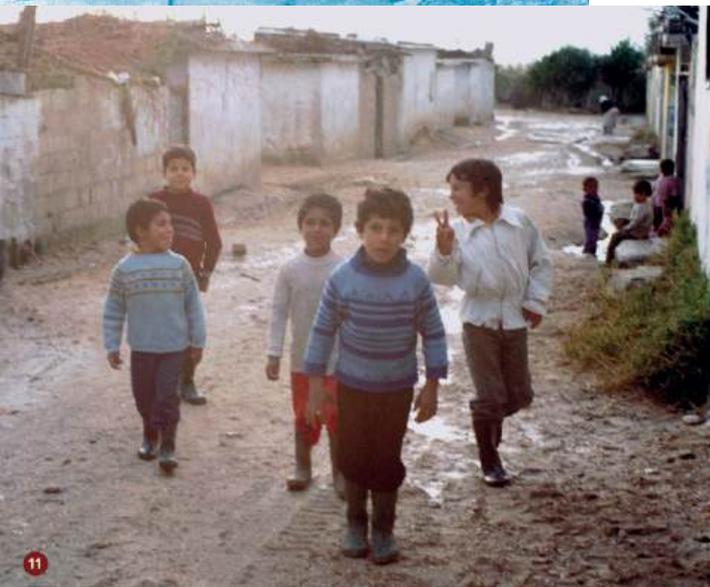
**8.** Porta de entrada para as ruínas da Babilônia. Foto da década de 1980



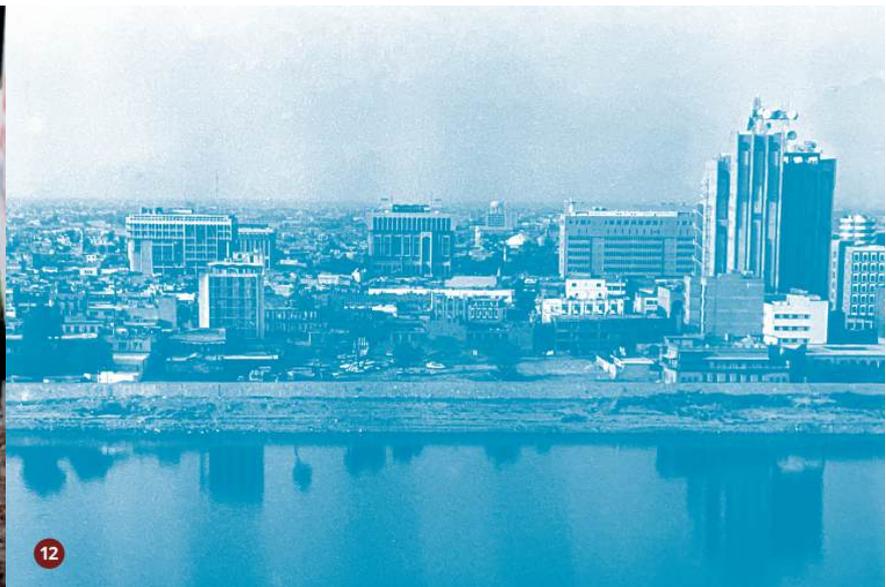
**9.** Sítio arqueológico da Babilônia no Iraque. Foto da década de 1980



**10.** Mercado Central de Bagdad. Foto da década de 1980



**11.** Crianças palestinas no campo de refugiados de Chatila, subúrbio de Beirute, Líbano. Foto do começo da década de 1980.



**12.** Outra vista de Bagdad, capital do Iraque, a partir do Rio Tigre. Foto do começo da década de 1980



## MESA 5

### O PAPEL DA CADERNOS NA COBERTURA INTERNACIONAL

30 DE OUTUBRO DE 2024 - 17h30

A proposta desta mesa é apresentar a produção das grandes reportagens, que constituíram uma das principais características da Cadernos do Terceiro Mundo: a realização de coberturas *in loco* por parte de membros da equipe editorial dos problemas “mais quentes” do Terceiro Mundo. Algumas dessas reportagens foram históricas, como as realizadas em Angola e Moçambique durante os últimos momentos da guerra de libertação, a cobertura da guerra civil no Líbano, a resistência palestina, a luta contra as ditaduras na América Latina, a guerra de libertação de Timor Leste, a resistência do povo sul-africano ao regime do apartheid. A mesa propõe um diálogo entre alguns dos jornalistas que fizeram essas coberturas e representantes dos povos em luta, que encontravam nas páginas da revista espaço para colocar os seus pontos de vista e as suas demandas, censuradas ou ignoradas na mídia *mainstream*.

Visamos trazer um resumo de alguns pontos das falas de cada palestrante, de maneira a ilustrar brevemente sua participação e contribuição para o painel. Disponibilizamos a gravação completa da transmissão ao vivo da mesa no link abaixo, a qual recomendamos fortemente.

Fotografias:  
NIEAAS/UFRJ



CONFIRA A TRANSMISSÃO COMPLETA:

[Mesa 5 - O Papel dos Cadernos na Cobertura Internacional](#)

## SOBRE OS PALESTRANTES

### Prof. Dr. RAFAEL ALONSO (mediação)

Professor Associado de História da América na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. É pós-doutor pelo Instituto de Ciências Sociais (ICS) da Universidade de Lisboa, doutor em História Política pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, mestre em Ciência Política pelo IUPERJ.

### Profa. Dra. CARLA MARILIA T. BRAGA

Professora de Antropologia da Faculdade de Letras e Ciências Sociais da Universidade Eduardo Mondlane, Maputo/Moçambique, onde leciona Antropologia da Saúde e Doença e Método Etnográfico na Licenciatura em Antropologia, Saúde e Doença no mestrado em Antropologia Social e Metodologia de Pesquisa no Mestrado em Gênero e Desenvolvimento.

### PAULO CANNABRAVA

Fundador e editor da Revista Eletrônica Diálogos do Sul, foi repórter e editor de política nos jornais Correio da Manhã, Última Hora, A Nação e Folha de São Paulo. Dirigiu o jornalismo da Rádio Marconi e foi correspondente de diversos jornais latino-americanos como Prensa Latina, Radio Havana (Cuba), Agência France Press (Bolívia e Peru), entre outros.

### Profa. Dra. BEATRIZ BISSIO

Beatriz é vice-diretora do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professora Associada do Depto. de Ciência Política da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professora do Programa de Pós-Graduação em História Comparada - PPGHC/UFRJ. Vencedora dos prêmios Vladimir Herzog e Golfinho de Ouro 2000 de Jornalismo.

## PRINCIPAIS PONTOS DE SUAS CONTRIBUIÇÕES AO PAINEL

### Prof. Dr. RAFAEL ALONSO UFRRJ



Reprodução: Acervo pessoal

Como mediador, o prof. Rafael Alonso começa convocando a mesa e lembra do importante projeto de digitalização da Cadernos através do intercâmbio entre UFRJ, UFRRJ e UERJ. Reafirma que o acervo da revista está quase que integralmente disponível através do Centro de Documentação e Imagem (CEDIM) da UFRRJ e reforça a parceria entre as universidades para a preservação de uma fonte histórica tão importante.

### Profa. Dra. CARLA MARÍLIA T. BRAGA UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE MAPUTO, MOÇAMBIQUE



A Profa. Carla Maria agradece o convite, informando que é uma honra estar ali. Sua fala se concentra em sua experiência pessoal como participante da geração moçambicana de 1975, que foi a geração da independência. Ela contextualiza o cenário político e educacional de Moçambique para que possamos entender o impacto dos Cadernos e do Guia do Terceiro Mundo.

Acredita que a experiência de Moçambique seja parecida com outros países colonizados por Portugal como Angola, Cabo Verde,

Guiné Bissau, São Tomé e Príncipe e Timor Leste. Carla critica a noção de país lusófono: “Por que sermos definidos pela língua do colonizador? Que identidade é essa?” Em sua visão, é preciso pensar na multiplicidade de línguas em relação às suas culturas. Tudo isso fica de fora, silenciado. Também faz crítica à noção de modernidade da metrópole, ao mencionar que Portugal, naquela época, era considerado periferia da Europa, um país relativamente pobre que mal dispunha de infraestrutura de saneamento básico.

Apesar da taxa de analfabetismo em Moçambique à época da independência ser de aproximadamente 90%, as pessoas eram minimamente educadas, no sentido de ter um certo grau de conhecimento. Mesmo assim, relata que durante o seu primeiro e segundo grau na escola, ainda em período colonial, pouco era ensinado sobre Moçambique, mas muitos eram os materiais sobre Portugal, visto a censura do ditador António Salazar que bloqueava a maioria dos conteúdos. Além disso, a educação portuguesa não era só eurocêntrica, mas franco-cêntrica, ao passo que chegavam a estudar as zonas agroecológicas da França na escola. Nesse sentido, os Cadernos do Terceiro Mundo abriam novas perspectivas para quem tinha acesso à revista, no sentido de que eles podiam entender o que acontecia não só em Moçambique, mas principalmente fora dele.

*“O Guia [do Terceiro Mundo] era uma preciosidade. Naquela época, descobrimos países que nem sabíamos que existiam.”*

Carla relembra que Moçambique fica independente com um projeto de uma nação moçambicana e relata que, antes da independência, os moçambicanos não podiam ocupar cargos públicos, que eram ocupados por portugueses. Nasce assim um projeto que culmina posteriormente com um projeto de estado socialista com postura

anti-imperialista, a favor da justiça, da saúde e da educação, muito consonantes com as bandeiras da Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO). Entretanto, o país passou por problemas de moeda estrangeira que gerou barreiras para a aquisição de bens essenciais como medicamentos e bens de consumo. Havia racionamento de alimentos. E mesmo nessas condições, Moçambique acolheu exilados, entre intelectuais e artistas, de várias partes do mundo como Brasil, Chile, Argentina, Timor Leste, entre outros.

*“Foi um momento difícil, mas havia um ideal. As pessoas sabiam porque estavam passando por determinadas coisas.”*

---

## PAULO CANNABRAVA DIÁLOGOS DO SUL



Reprodução: Portal dos Jornalistas

Paulo inicia agradecendo por estar vivendo emoções e cumprimenta pela calorosa recepção da equipe do evento. Sua fala traz sua visão sobre a conjuntura internacional e um pouco da sua vivência no período desde a criação da revista.

Antes de conhecer Neiva Moreira em Argel, relata que trabalhava no *Matutino Expresso*, jornal expropriado pelo governo português de uma oligarquia francesa e dirigido pela cooperativa dos trabalhadores, e estava como um agregado informal da delegação peruana, encabeçada pelo primeiro-ministro Edgardo Mercado Jarrín. Por ocasião da reunião de cúpula dos países não alinhados na Argélia, em 1973, já como enviado especial de um jornal de Montevideú, conheceu Neiva Moreira e passaram a se apoiar mutuamente e se integraram com os movimentos de libertação. O momento era de entusiasmo, já que era a primeira vez em

uma cúpula da ONU com dirigentes dos movimentos de libertação, em um contexto onde Arabia Saudita e OPEP estatizaram o petróleo e arbitrariamente colocaram seus preços.

Paulo e Neiva testemunharam um mundo que era retratado pela mídia hegemônica. Menciona que havia uma revista francesa, a *Afrique Asie*, que noticiava os problemas da África e da Ásia, mas não satisfazia porque era “muito intelectualizada” e não tinha caráter jornalístico. Entendiam que era necessário mais um meio de informação que olhasse o mundo com olhar jornalístico crítico e que fosse comprometido com as lutas de libertação. Também era essencial que esse meio circulasse pelo terceiro mundo. Assim, nasceu a Cadernos do Terceiro Mundo. Relata que se sentia “umbilicalmente ligado à revista”, onde estava como representante e colaborava com os textos na medida do possível. Relembra alguns trabalhos que fez para a revista, com destaque à reportagem sobre o Panamá e sobre a luta de libertação do povo panamenho para recuperar a soberania sobre seu território.

Sobre o fim da revista, já nos anos 2000, Paulo relata que foi traumático. Muitas foram as reuniões para discutir o que fazer para preencher o vazio deixado pela Cadernos. Refazer a revista, naquele contexto, parecia impossível. O terceiro mundo, como conceito, já estava superado e imperava o conceito de um Sul insurgente. Assim, dando continuidade aos trabalhos da Cadernos do Terceiro Mundo, tiveram a iniciativa de criar um espaço cultural dedicado a discutir o mundo com os olhos do terceiro mundo e, na medida do possível, recriar a revista em formato digital. Cristalizou-se, assim, o *Espaço Cultural Diálogos do Sul*, que chegou a ser criado com estatuto e diretoria, mas as burocracias da criação de uma ONG impediram o projeto de sair do papel. Desenvolveu-se, então, a revista virtual Diálogos do Sul, posteriormente renomeada *Diálogos do Sul Global*, de forma a corresponder à própria evolução do conceito

de Sul, que deixou de ser geográfico e passou a ser geopolítico.

Para finalizar, Paulo faz uma breve análise do momento geopolítico atual, em que o norte é representado pela OTAN e o Sul Global encontra sua expressão organizada no BRICS. Com os indícios de uma possível terceira guerra se aproximando, reforça que nada mudaria independentemente de quem vencesse a eleição nos Estados Unidos. Ainda serão os loucos do complexo industrial militar e do sistema financeiro que continuarão comandando e o mundo continuará em guerra. Guerra econômica, guerra híbrida, guerra cibernética. Gerando desindustrialização, desnacionalização, desregulamentação e desemprego. O maior desafio da comunidade internacional segue sendo o combate à fome e hoje impera um outro desafio igualmente importante: como fazer a verdade chegar ao povo.

*“Livrar-se do pensamento único, voltar a olhar crítica e criativamente a realidade. Eis a questão crucial do momento atual.”*

---

**Prof. Dra. BEATRIZ BISSIO**  
**IFCS-UFRJ**



A Profa. Beatriz Bissio finaliza a mesa com mais detalhes sobre as etapas de produção da Cadernos, trazendo um histórico das transferências da produção da revista entre os países latino-americanos e Portugal, a fim de descrever como a Cadernos foi fruto de circunstâncias singulares. A principal delas foi o exílio, sobretudo a partir do México, mas antes a partir do Uruguai, que permitiu que lideranças e militantes de diferentes países da América Latina compartilhassem suas histórias, inquietações, desafios e projetos.

Detalha sobre a etapa do Uruguai, que não é tão conhecida, mas que contou com um grande número de exilados, incluindo cerca de 400 brasileiros. Hernán Siles Zuazo, ex-presidente da Bolívia, muito amigo de Neiva e figuras como Salvador Allende, João Goulart, Leonel Brizola e Darcy Ribeiro também marcaram essa etapa. Beatriz conta um episódio curioso desta etapa: grande parte dos exilados não tinham dinheiro para a própria subsistência. Mesmo sendo intelectuais e profissionais com suas carreiras consolidadas, não encontravam empregos na pequena economia do Uruguai. Nesse cenário, Neusa Tavares, esposa de Brizola e irmã de João Goulart, organizava e cozinhava um “sopão” para os exilados.

Comenta também a fala de Paulo Cannabrava, sobre seu encontro com Neiva Moreira em Argel: uma viagem oportuna para Neiva na medida em que seu nome surgia nos interrogatórios dos quartéis. Para fortalecer a luta na América Latina contra a violência das ditaduras, Neiva retorna da África trazendo uma energia que se vivia no continente africano para arejar os momentos obscuros que aqui se viviam, encontrando na Argentina, onde ainda vivia Perón, um fervor de latino-americanismo, de renovação política. O jornal dos grupos guerrilheiros *Montonero* se interessou em publicar a bagagem de informação que Neiva trazia sobre os movimentos de libertação pelo mundo, o que era novidade. Junto a Pablo Piacentini, fundador do *Interpress Service* e porta-voz do ex-presidente argentino Héctor José Cámpora, perceberam que havia bagagem suficiente para se pensar numa publicação específica com a temática internacional. A viabilização material do projeto contou com o apoio da Editora *La Línea*, que tinha linhas editoriais que figuravam Mário Benedetti, Eduardo Galeano e Eric Nepomuceno. A Cadernos surge nesse contexto.

Depois de nove edições o projeto fica inviabilizado devido ao aumento da censura e da repressão, ao mesmo tempo em que a

sede da editora *La Línea* sofreu um ataque à bomba. Antes da fase no México, a revista teve um interregno no Peru, mas não pode ser lançada no país devido ao momento político. O general José Velasco Alvarado, um grande aliado do projeto e incentivador do relançamento, advertiu aos editores que não lançassem no país uma revista que questionava as ditaduras dos países vizinhos. Através de Rafael Roncagliolo, posteriormente ministro das relações exteriores do Peru e um grande entusiasta e conhecedor do projeto, os editores são apresentados a Juan Somavía, diretor do Instituto Latino Americano de Estudos Transnacionais (ILET) do México, que concedeu apoio financeiro aos editores para lançar três edições da revista e observaram como o projeto se desenvolveria. Sobre a edição em português, Beatriz conta que a equipe da *Cadernos* recebeu um convite especial para estar presente nas independências de Angola e Moçambique e um convite de António Agostinho Neto, primeiro presidente de Angola e líder do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), para escrever uma edição em português sobre as independências dos dois países. Através de seus contatos, a equipe foi enviada para uma editora em Lisboa e recebeu um patrocínio para lançar de quatro a cinco edições no idioma lusófono.

Ao final, questiona: “É possível fazer isso hoje? Eu não sei.” E convida para uma reflexão: “O que temos de diferente hoje?” Em sua visão, hoje, cada um tem o seu cartaz, sua reivindicação e o momento exige o contrário: a unidade de tudo que é possível ser unido.

*“Temos muito mais condições que antes de estarmos unidos. Então, por que não? Porque a direita ganhou nesse terreno, conseguiu enfiar pautas que dividam. E conseguiu capturar a atenção das novas gerações para tudo que não seja um compromisso político.”*

## SOBRE A DIÁLOGOS DO SUL GLOBAL



Com mais de uma década de história, a revista *Diálogos do Sul Global*, fundada para ser a sucessora digital da extinta *Cadernos do Terceiro Mundo*, mantém viva a tradição de cobertura crítica e independente do cenário internacional. Focada na cobertura crítica e aprofundada das realidades do Sul Global, tem como missão confrontar o pensamento único da mídia hegemônica, destacando vozes e perspectivas frequentemente ignoradas. A *Diálogos do Sul Global* busca informar e conscientizar os leitores sobre as questões que afetam a soberania e a justiça social no Brasil e nos demais países do Sul Global. Compromete-se firmemente contra o imperialismo e em defesa da soberania dos povos.

Para manter a independência editorial, a revista diversifica as fontes de receita através de publicidade, parcerias estratégicas e uma campanha de financiamento coletivo. Os leitores podem contribuir mensalmente, ajudando a expandir e aprimorar o trabalho.

**APOIE AQUI!**

**ACOMPANHE A DIÁLOGOS  
DO SUL GLOBAL:**

[dialogosdosul.operamundi.uol.com.br](http://dialogosdosul.operamundi.uol.com.br) 

[dialogosdosul](#) 

[TVDialogosdoSul](#) 



## ÁLVARO NEIVA MOREIRA

Último editor da Cadernos no Brasil, jornalista da Associação dos Docentes da Universidade Federal Fluminense (ADUFF - SSind), é mestre em Políticas Públicas pelo Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas e Formação Humana (PPFH) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e doutorando no Programa de Pós-Graduação da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).



Fotografia:  
Ruth Scheffler (ECO/UFRJ)

A Revista Olhares do Sul apresenta uma breve entrevista com o jornalista Álvaro Neiva Moreira, palestrante das mesas 2 e 4. A entrevista foi realizada *in loco* e pretende trazer um pouco mais da visão pessoal do jornalista sobre a importância do evento e as relações com sua carreira.

**[REVISTA OLHARES DO SUL - ROS]** Gostaríamos que começasse falando a respeito da sua visão sobre esse evento e sobre a herança dos Cadernos.

**[ÁLVARO NEIVA MOREIRA - ANM]** Mencionei durante a mesa a felicidade de estar aqui. É um tanto pessoal para mim porque a Cadernos faz parte da minha vida. Mas também do ponto de vista de entender a importância dos Cadernos. Acho que é um tema presente em todas as mesas. A Cadernos é um meio de comunicação que marcou a história na imprensa brasileira, latino-americana e mundial. Acho importante que esse legado não se perca. A revista saiu de circulação, por isso é muito importante que a universidade e que outros veículos de comunicação consigam ter esse olhar sobre o que foi a Cadernos, o que representou naquele momento histórico: um veículo que expressa uma posição dos países do Sul Global, que passaram séculos colonizados, explorados. [Trata-se de] conseguir ainda hoje trazer a herança da Cadernos e manter vivo o que ela representou e representa nos dias de hoje.

**[ROS]** Sendo do Jornalismo, como você vê a relação entre a sua carreira e os temas do evento? Como é para você a presença do

jornalismo como um dos principais temas?

**[ANM]** Então, a minha apresentação está um pouco desatualizada. Estou um pouco afastado [do jornalismo] já há uns anos. No momento, estou trabalhando [no gabinete de um] deputado federal. Mas, ainda assim, me sinto jornalista e acho que a Cadernos, ainda que um veículo pequeno, não conhecido do grande público, é um meio de comunicação. Acho que todo jornalista tinha obrigação de conhecer por trazer uma forma diferente de fazer a comunicação.

Eu tenho a sorte [da Cadernos] ter sido o primeiro lugar que eu trabalhei. Saí da faculdade, fui para a Cadernos, aprendi muito. E acho que é importante que vocês que não têm mais acesso à produção da revista consigam olhar para esses 50 anos e entender que é possível uma forma de fazer jornalismo, uma forma de fazer comunicação que é diferente do que a gente costuma ver nos principais veículos de comunicação do Brasil e do mundo.

**[ROS]** Você mencionou que está afastado do jornalismo. Como é para alguém que já esteve no fogo cruzado do jornalismo testemunhar a falta de atenção a mídias

## como a Cadernos e herdeiros? Principalmente considerando o momento atual que a gente vive...

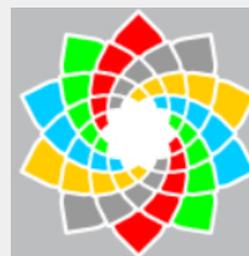
A Cadernos representou algo muito específico e muito raro na história do jornalismo brasileiro. Essa ausência faz muita falta, porque a grande maioria da comunicação que é produzida e, conseqüentemente, consumida pela grande maioria das pessoas, é uma comunicação que é produzida nos países desenvolvidos, nos Estados Unidos e na Europa Ocidental. Isso impacta a vida das pessoas, isso educa as pessoas, isso forma a consciência ou a falta de consciência. É uma lacuna que influencia no dia a dia. Por isso, saúdo a iniciativa de vocês. Também não será uma revista, como não era a Cadernos que vai resolver todos esses problemas de comunicação que temos. Ainda assim, ter uma é melhor do que não ter nenhuma. É importante construir redes. Seja com revistas de jornalismo internacional ou com veículos de caráter internacional, mas que estejam situadas no Brasil, na Bolívia, na Argentina, na África... E sob uma outra perspectiva, não sob a lógica comercial, oligárquica, sob a lógica branca dos países ocidentais. Isso impacta a vida das pessoas e acho que temos que tentar diminuir essa lacuna.

**[ROS] Nesse cenário, que conselho ou dica você daria a uma publicação como a Olhares do Sul, que tem o propósito de continuar esse legado?**

[ANM] Fico também feliz com essa notícia. Acho que é um desafio constante. Beatriz mencionou, ao final da mesa [2], que a gente também errou; o desafio é esse. Vivemos em um país em que a maior parte da nossa história foi como colônia. A gente já está como um país independente há séculos, mas ainda luta contra essa herança colonial. E, da mesma forma, os demais países da América Latina, da África e Ásia. Acho que o desafio é colocar esse olhar à frente, permanentemente, da produção da revista, da produção editorial, desde o processo de elaboração de pauta,

redação das matérias, o projeto gráfico, o projeto visual... O produto da revista, seja ele impresso ou online, deve conseguir expressar o que foi a história e o que é a vida do Brasil, da América Latina e dos povos do Sul, de maneira geral. Boa sorte para vocês.

## SOBRE A REDE BANDUNG SPIRIT



Historicamente associado à Conferência de Bandung (Indonésia) em 1955, no contexto da descolonização e da Guerra Fria, o “Espírito de Bandung” pode ser resumido como um apelo a 5 princípios:

- 1) uma coexistência pacífica entre as nações;
- 2) a libertação do mundo da hegemonia de qualquer superpotência, do colonialismo, do imperialismo, de qualquer tipo de dominação de um país por outro;
- 3) da igualdade de raças e nações;
- 4) da construção da solidariedade para com os pobres, os colonizados, os explorados, os fracos e aqueles que estão sendo enfraquecidos pela ordem mundial do dia e;
- 5) o seu desenvolvimento.

Ainda hoje, persistem sistemas semelhantes de dominação, as guerras continuam a ameaçar a humanidade e a injustiça apareceu em formas mais sofisticadas e em dimensões maiores. Assim, tem-se desenvolvido uma rede de movimentos sociais e de solidariedade sob o nome de *Bandung Spirit* cujo objetivo é encontrar respostas a essas questões.

**ACOMPANHE A BANDUNG SPIRIT:**

[bandungspirit.org](http://bandungspirit.org) 

*Aconteceu na Cadernos* é um espaço destinado à preservação da memória da Cadernos do Terceiro Mundo, assim como à promoção do seu legado. Em todas as edições da Olhares do Sul, reproduziremos na íntegra algumas das matérias da Cadernos, incluindo imagens, citações e outras iconografias presentes e em seu idioma original. Nessa seção desta edição, trazemos a **primeira matéria publicada na primeira edição da Cadernos do Terceiro Mundo**.

De 1974, o texto de Pablo Piacentini intitulado ***Después de Perón*** figurou na seção ***Informe Especial***. Em harmonia com outros 3 artigos, versavam em conjunto sobre diferentes aspectos do horizonte de expectativa para a Argentina do momento.

## DESPUÉS DE PERÓN

POR PABLO PIACENTINI

*Nuestra Argentina necesita un proyecto nacional, perteneciente al país en su totalidad. Estoy persuadido de que, si nos pusiéramos todos a realizar este trabajo y si, entonces, comparamos nuestro pensamiento, obtendremos un gran espacio de coincidencia nacional.*

### Juan Domingo Perón 1-V-74

El 1 de julio murió un argentino de talla mundial. Juan Domingo Perón. Tres veces el pueblo argentino lo designó, por amplia mayoría, presidente de la República. Conoció la persecución y el exilio. Fue blanco de persistentes y combinadas campañas de alcance internacional que procuraron desdibujar su imagen de nacionalista y de líder de los trabajadores.

En el país, las cúpulas militares y las formaciones políticas que desde su derrocamiento (1995) se alteraron en el gobierno, intentaron en vano socavar su base popular y dividir a su movimiento, o bien prestigiarse como alternativa ante el peronismo. Durante 18 años el fenómeno se repetía y se agigantaba; Perón envejecía en el ostracismo pero acrecentaba su vigencia en la Argentina.

La situación no daba para más. Todas las aventuras de ‘desperonización’ habían fallado y, con ellos, los regímenes que lo ensayaron

## SOBRE A EDIÇÃO



Ano 1 - N°1 - Setembro/1974  
Buenos Aires, Argentina

A primeira edição, em espanhol, fundada em Buenos Aires, traz matérias que refletem sobre questões do contexto, a principal sendo as experiências e expectativas para o terceiro governo de Perón e o papel do cinema nos movimentos de libertação na Argentina.

A edição figura ainda documentos de Samora Machel, reportagem de Neiva Moreira sobre os 12 anos de revolução na Argélia, além de artigos sobre Tailândia e Nepal, Guiné Bissau e os países dos Andes.

ACESSE A EDIÇÃO COMPLETA:

[CTM - ANO 1 - N°1](#) 

por variados métodos, cruentos o pacíficos. Los que subían al gobierno carecían por completo de sustento popular y, por lo tanto, estaban inhabilitados para conducir el país. El exilado, negado por la crónica oficial, tenía en sus manos el único poder legítimo y eficiente: la adhesión mayoritaria de los argentinos. La polarización de las opciones que entrañaba tal negación de la realidad nacional no podía sino favorecer al general Perón. El programa de gobernar por la fuerza y contra el pueblo, de desnacionalizar la economía y entregarla a los monopolios, llevado adelante por los mandatarios de la “Revolución Argentina” (1968-1973), concitó una tácita alianza de clases y sectores en torno del justicialismo. La agresión que el régimen proveía a la clase trabajadora se extendía también a los estratos medios y al empresariado nacional, En consecuencia de los monopolios se hizo cada vez más nítida.

Así, la convocatoria a elecciones por parte del general Alejandro Lanusse, tercer mandatario de la “Revolución Argentina”, a pesar de los condicionamientos y vicios a que la sometió Perón y del justicialismo. Quizás por la evidencia de que se había enredado en su propia trampa Lanusse lanzó un último y desesperado recurso: desafiar al líder popular. “A Perón no le da el cuero” para regresar al país, gritó Lanusse, quien en base a esa presunción ilegalizó su candidatura y se quedó esperando en Buenos Aires sentado sobre las bayonetas.

A Perón, por supuesto, le daba el cuero y aquella intemperancia de Lanusse, exasperado por el hundimiento de su plan político, le ofreció un cauce por el que haría un regreso triunfal. Los acontecimientos se precipitaron en una sucesión vertiginosa que los comentaristas de la prensa internacional calificaron de “asimbriza”. Perón regresó cuando quiso, en noviembre de 1972. En el aeropuerto de Ezeiza lo aguardaba un imponente dispositivo militar tendido para amedrentar al líder y a su pueblo. La ostentación y la inutilidad completa de la dictadura. Dolorido, Lanusse descubre

tardíamente que las bayonetas no sirven para sentarse sobre ellas.

Perón designa a su delegado personal, Héctor J. Cámpora, como candidato del Frente Justicialista de Liberación. La juventud, movilizada en la vanguardia de la campaña, gana las calles. El 11 de marzo de 1973 Cámpora es ungido presidente por mayoría absoluta. El 13 de julio Cámpora cumple el acto supremo de lealtad: renuncia para abrir paso a su jefe. El 11 de septiembre el teniente general Perón es plebiscitado por el 62 por ciento de los votos. El 12 de octubre de 1973, a los 78 años, asume el mando.

Con distante y suficiente estolidez casi todos los comentaristas consagrados de la prensa nacional y extranjera sólo acertaron a explicar la parábola de Perón, que insistían en llamarla “asombrosa”, en razón de la perdurabilidad de los mitos políticos, o en el carácter gregario o femenino de los pueblos que, según ellos, necesitan del dominio de los caudillos, o en diversas banalidades decoradas por supuestas normas sociológicas.

Desde luego que partiendo de los prejuicios que rezan que Perón había sido un demagogo, un caudillo pasado de moda, que sus gobiernos no habían modernizado el país y que el movimiento justicialista era una masa informe, no puede hallarse una explicación nacional de la gesta de Perón. La verdad es que aquellos análisis no sirven para nada. Que la campaña de desprestigio contra el peronismo, de tan lejos que fue llevada, terminó por confundir a sus escribas y a sus propios inspiradores. Pero no engañó al pueblo.

La parábola de Perón no tiene nada de asombrosa. Es racional y cabe en una explicación sencilla y breve. Perón es el mayor representante de una corriente militar nacionalista que se comprometió a liberar al país del dominio imperial y anular el divorcio entre pueblo y ejército. Esa corriente, en 1994,



*Reprodução: Cadernos do Terceiro Mundo*

participa en un pronunciamiento que pone fin al régimen de la oligarquía cipaya que mereció un calificativo tan tremendo como exacto: la Década infame. El coronel Perón, al frente de la Secretaría de trabajo y previsión, hace suyas las reivindicaciones de la clase trabajadora. Un gran frente liberal que va desde los conservadores hasta los comunistas estrecha filas tras la candidatura radical para impedir el triunfo del populismo nacionalista de Perón. Allí están prácticamente todos los partidos, reproduciendo la amalgama de los frentes populares que cunde en el planeta y responde, a su manera, a la coalición victoriosa de la Segunda Guerra Mundial. Luego, Perón es 'fascista' a ojos de rusos y yanquis y de sus aliados nativos.

Pero los alineamientos de la Segunda Guerra tienen poco que ver con la Argentina. Aquí lo concreto es que la Unión Democrática que se opone a Perón es propiciada por la embajada inglesa - es decir, por el imperialismo todavía reinante pero en decadencia-, y por la embajada norteamericana - es decir, por el imperialismo en ascenso-, cuyo titular Spruille Braden comete la histórica imprudencia de entrometerse en la campana en favor de la UD y contra Perón.

El pueblo opta por Perón, o sea: defiende sus derechos, se pronuncia por la ofensiva contra la oligarquía y el imperialismo, exige el protagonismo de la clase obrera en la vida nacional. El pueblo eligió bien mientras que la leída y bienpensante inteligencia liberal, fuere izquierdista o conservadora, se equivocó de medio a medio. También entonces a cuento de las elecciones de 1946 que ganó Perón los analistas se asombraron acudieron a la sociología y a las doctrinas importadas de ocasión para aducir que en la Argentina la racionalidad no encaja. Concluyó una época, comenzó otra.

En la nueva época el Presidente unificó a los sindicatos del trabajo (CGT), los hizo ascender al escenario político, mejoró la condición de los obreros y exigió que se respetara su dignidad de la clase trabajadora, en la Argentina, se expresó en el peronismo. Cuando el general cayó no por ello esa identidad dejó de manifestarse; y por cierto el peronismo de los obreros no fue sino una forma defensiva y aglutinadora de la clase que llegó al poder con Perón, compartió sus gobiernos, y fue perseguida y exiliada en su propia patria desde que lo derrocaron. Si así no fuese y los "gorilas" hubiesen hecho el gobierno democrático que prometieron. Otra pudo haber

sido la historia. Pero como lo que buscaban los intereses que movieran a los golpistas era precisamente desplazar los estamentos populares y nacionales de los que Perón no era sino su representante y conductor, el antagonismo resultó completo y total. La dictadura de la autotitulada "Revolución Libertadora" intervino a la CGT, reprimió a sangre y fuego a las organizaciones populares y sindicales, llegó a prohibir la sola mención de Perón. Así de sencilla es la explicación. Tanto que los analistas consagrados no consiguen entenderla, y sólo el pueblo, en su simpleza, la comprende. Luego vendrían los economistas y los estadísticos a reconocer que en la década justicialista el sector de los asalariados recibía la mitad de los ingresos nacionales, los que después bajaron drásticamente, fluctuando los últimos años entre el 34 y el 36 por ciento.

Hay algo más. Los gobiernos de Perón marcaron un proceso de nacionalización de la economía, donde el Estado ocupó el papel rector. El proyecto de la factoría próspera país agroexportador con industria incipiente e importador de manufacturas, quedó archivado. En su reemplazo dio impulso a la industrialización nacional: la producción industrial llegó a duplicar a la producción agraria, exhibiendo el inusual caso en América latina de una economía mixta. Esto explicará los antecedentes que tuvo en cuenta el empresariado nacional al adscribirse de hecho al tercer gobierno peronista y cómo la Confederación General Económica (CGE), entró a formar parte del proyecto peronista. El otro dato es que la desnacionalización de la economía verificada por la penetración monopólica durante los últimos años, desalojaba y agredía con su marcha al empresariado nacional.

El proyecto de Perón consiste en poner coto, en la Argentina, a una constante de alcance mundial: el dominio de las corporaciones transnacionales. El éxito del proyecto sólo podría darse, entre otros aspectos, mediante la diversificación de las relaciones económicas internacionales y la complementación regional.

De ahí la apertura peronista a los países socialistas de Europa, de ahí las propuestas y convenios de integración con los países hermanos y el Pacto Andino. Lo que significaba el proyecto nacionalista en el campo internacional no pasó inadvertido a los responsables. Por ello la gran acogida a los gobiernos de Cámpora y Perón por parte del mundo árabe, de los regímenes socialistas. Ellos entendieron cabalmente la proyección de los cambios efectuados en la Argentina y se dispusieron a trazar con el nuevo poder entendimientos que no habrían firmado con sus antecesores. Porque todos ellos advirtieron a dónde apuntaba el precursor de la Tercera Posición y de las uniones económicas en América latina, el propiciador de una Argentina inserta en el Tercer Mundo.

Si desde un punto de vista teórico los latigazos de Perón contra los "dos imperialismos" no resultaban correctas, por cuanto equiparaba a dos superpotencias que por estar regidas por sistemas diferentes no pueden caer en el mismo sayo, en la práctica la actuación de Perón fue irreprochable y de un sentido inequívoco. Esto es: la Argentina rechaza a ambos "imperialismos", pero como concretamente está sometida por el imperialismo norteamericano, a fin de recuperar margen de manobra para su desenvolvimiento nacional ha de procurar equilibrar sus relaciones con los distintos centros de poder mundial. El acercamiento a la URSS le permitirá a la Argentina sacudirse parte de la dependencia en relación a los EE.UU. Ese camino, acompañado por la integración continental y por la solidaridad tercermundista, es el mismo que tendrá que transitar el conjunto de América latina en orden a su liberación. Para un continente subdesarrollado, sometido y confinado geográficamente dentro de la órbita hemisférica de Washington, diversificar la dependencia con diversos centros desarrollados es el comienzo de la independencia. Atacar teóricamente por igual a "los dos imperialismos", pero hacer con la URSS los negocios que convienen al país

puede ser una táctica sorprendente adoptada por Perón, pero es sin duda la menos riesgosa para efectuar la apertura desde que suaviza a los factores de poder tradicionales.

En consecuencia de todo lo expresado, Perón vuelve y recibe la adhesión del grueso de las clases sociales, del empresariado nacional, y se ve ante un escenario internacional favorable y expectante. Pero al mismo tiempo confronta un país dominado por los monopolios, con su economía depredada y alienada, con una deuda externa agobiante, con los sectores medios y bajos empobrecidos. Para él es cuestión de recomenzar, de retomar el proyecto que le habían interrumpido en 1995. Muchos en las generaciones jóvenes e intermedias deseaban que se recuperase tanto tiempo perdido- nada menos que 18 años- acelerando planes y reformas. No entraba ello en las disidencias dentro del movimiento justicialista, la dialéctica Perón-Juventud, en ocasiones tan crítica.

El modelo que quería imponer Perón a la Argentina al menos en su primera etapa, requería diversas mudanzas: 1) Centrar en el Estado y en el empresariado argentino el poder de decisión económica; 2) aumentar la productividad agraria a efecto de incrementar las exportaciones y con ello financiar los equipamientos e insumos necesarios para incentivar el proceso de industrialización, el que está crónicamente limitado por la inelasticidad de la producción (ya la exportación) agraria; 3) al mismo tiempo y convergiendo al mismo punto, acrecentar las exportaciones industriales; 4) extraer una porción del excedente captado por los productores agrarios y trasladarlo hacia la industria; 5) redistribuir los ingresos poniendo como meta el 50 por ciento para los asalariados, lo cual aparte de sostener la demanda interna; 6) atraer capitales, bienes de equipamiento y tecnología de exterior a fin de desarrollar sectores inexplorados de la economía o potenciar a otros: por ejemplo, en el campo energético los convenios firmados con el Este europeo proveerán la única alternativa

razonable - en términos de financiamiento, plazos e intereses - para que un país como la Argentina desenvuelva sus ingentes recursos hidroeléctricos, disminuyendo su dependencia del petróleo y brindando a las industrias energía barata y abundante. Este programa recién iniciado, insumiría al menos la totalidad del tercer período de Perón.

Se trataba de un gran desafío, cuya viabilidad era negada de antemano por numerosos teóricos. Es que el empresariado nacional, dicen transnacionales; y ofrecen, acto seguido ejemplos concretos e indiscutibles seguirán trabajando para las transnacionales. La cuestión central, sin embargo, no se encuentra allí. Ella reside en ver si es posible trasladar el manejo del proceso económico, el poder de decisión, desde las sedes de las transnacionales, en EE.UU. y en Europa, hasta el país. A este fin lo primero que se hizo fue apartar de los cargos claves de gobierno a los representantes de los monopolios, y técnicos nacionales, comprometidos de esta suerte con el programa de liberación. La virtual identificación, en el tercer gobierno peronista, entre la CGE y el ramo económico del gobierno, consistía, en síntesis, en dar todo el poder al empresariado nacional a efecto de que pudiera liderar el proceso económico. Una cosa es para un empresario argentino negociar con un ejecutivo extranjero, y otra hacerlo desde la cúspide de llegar a un acuerdo. Asimismo, esta opción política de Perón da al sector nacional todas las posibilidades de estímulo estatal para desarrollarse a sí mismo. Por esto, antes de discutir teóricamente acerca de si es viable que el empresariado nacional y el Estado recupere el control del proceso económico, lo que importa aquí es verificar que se ofrecieron todas las herramientas para intentarlo, y que en eso se estaba cuando murió el presidente.

Perón no se había propuesto reformar drásticamente las estructuras de tenencia de la propiedad, ni siquiera efectuar nacionalizaciones masivas. Perón no era socialista. No obstante su programa

comprendía una mutación nacionalista que fue y será resistida con todo vigor por los monopolios (y, en otra esfera, por los latifundistas). El dominio del proceso económico, en la Argentina y en función del proyecto de Perón, pasaría por el control del sistema de precios y salarios, y por la determinación de los márgenes de ganancias. Dentro de este esquema, todas las empresas, y también las transnacionales, podrían subsistir y hacer buenos negocios. Pero sucede que la dinámica propia de los monopolios los lleva a pretender el control del sistema económico, a fijar ellos mismos los precios y las ganancias. Tienen, para imponerse, palancas decisivas, tales como el dominio de los procesos de base que alimentan a las industrias de transformación (en gran parte nacionales) y pueden, así, incrementar los precios desde abajo.

La capacidad de las grandes empresas, y para torcer desde sus fundamentos la política oficial, definieron los términos de la batalla que estaba librando el general Perón, en los últimos instantes de su vida, para imponer su modelo.



12 de junio de 1974: última aparición pública de Perón. Gritos de guerra contra la oligarquía y los especuladores. (Reprodução: Cadernos do Terceiro Mundo)

Este enfrentamiento no es materia de esta nota. Lo que importa aquí es mostrar cómo se realinean las capas sociales y las formaciones políticas ante esta lucha de Perón y cómo él, cuando vio esfumarse, junto con el alza de los precios, los escasos puntos del ingreso que había conseguido redistribuir en los primeros meses, jugó su prestigio al convocar al pueblo para sostener su política y al conceder medio aguinaldo adicional para no defraudar a los trabajadores, así supiera que arrojaba un leño de proporciones a la caldera inflacionaria.

La convocatoria del presidente, el 12 de junio, cuando pide y obtiene el respaldo directo del pueblo, marca la segunda etapa del breve y último gobierno de Perón. El presidente había antes privilegiado la posición del empresariado nacional, abriéndose además mercados exteriores con su diplomacia, y brindando cabida en estas aperturas a las corporaciones transnacionales. Los capitalistas nacionales y extranjeros, no podrían pues, cuestionar el apoyo de Perón a la propiedad y la iniciativa privada.

No obstante, al mostrar que para hacer regir a su modelo y no abandonar la fijación de los precios y las ganancias, acudiría a la movilización popular, y eventualmente al control social a nivel de fábricas, Perón modificó el cuadro político. Sus gritos de guerra contra los especuladores y la oligarquía hicieron que los sectores que habían contemplado singularmente la juventud -, se dispusieron a acompañarlo en la cruzada.

Al morir Perón había entonces en la Argentina un alineamiento de fuerzas abrumador y en disposición para bregar por el modelo nacional y popular. En lo político, tanto lo de Liberación como, con las distancias y diferenciaciones

propios de un partido opositor, la segunda agrupación del país, el radicalismo; el comportamiento de los partidos en el Parlamento, así lo denota.

De pareja importancia es el hecho de que, tácitamente, la convocatoria de Perón restó de hecho importancia a las diferencias dentro del justicialismo al permitirle contar con todos los sectores englobados en el movimiento para la acción de gobierno. Lo que este consenso representaba a nivel social y político supera aún el alto grado de adhesión que el general había logrado al ser elegido por el 62 por ciento de los votos, ya que le daba la posibilidad de gobernar con propios y ajenos, con la unanimidad del país, más allá de los cálculos que cada núcleo albergarse para etapas posteriores.

Tanto poder, ¿bastaría para que Perón pudiese determinar el control del proceso económico y, también, aislar a los estamentos más regresivos del agro y aplicar en esa área su proyectada reforma? Tal incógnita desvela al país. Todos saben que sin Perón cada paso será más arduo. Sin embargo, es un dato fuera de discusión que a partir del 12 de junio, ya superadas las perplejidades de los primeros tiempos, el camino había sido delineado. Por otro lado las alianzas selladas en vida por el presidente acumularon una relación de fuerzas más que suficiente para acometer la tarea. Una a una esas fuerzas expresaron a la presidente, María Estela Martínez de Perón, disponibilidad para continuar la obra de su esposo y apuntalar las instituciones democráticas. El dilema consiste en que Perón muere cuando se inicia el enfrentamiento que desata su proyecto. De este modo, no basta con una mera continuidad administrativa; se ha llegado a un punto en el que el proceso debe profundizar pues detenerse equivale a la derrota.

La lucha por ver quién determina los precios y los márgenes de ganancias proseguirá, y con mayor intensidad, durante esta fase; las semanas que han corrido desde la muerte del

general, prueban que persisten las prácticas de acaparamiento y especulación. Aflojar, dejar al agro tal como está y aceptar la extorsión económica, sería la más peligrosa de las omisiones para este gobierno.

La caída del poder de compra del pueblo que sería consiguiente a las alzas, arrastraría consigo el descontento obrero. Si el gobierno no consigue poner coto a tal amenaza -la que, ya vimos que no es fácil de conjurar- su base social se irá disgregando. La herencia de Perón es, ante todo, la unidad de la clase trabajadora, y es éste el legado que más debe cuidarse. Es claro que si la presidente, muy a su pesar, perdiese esta herencia, con ella vería alejarse la base de su estabilidad. Otro tanto, a pesar de su inmenso prestigio popular, le hubiese sucedido al propio Perón, y por ello su rápida respuesta al convocar al pueblo y al otorgar medio aguinaldo adicional. La presidente tendrá que afrontar nuevos desafíos, y en la medida en que acierte a descargar las réplicas adecuadas y a demostrar su vocación continuista, volverá a nuclear la relación de fuerzas dispuesta por su esposo.

En cuanto al movimiento justicialista, es también la profundización de la línea señalada el 12 de junio lo que permitirá reunir, de hecho, las fuerzas mayoritarias contenidas en el peronismo. Pero esta reunión que es posible conseguir en el plano táctico a fin de obtener apoyo para los actos del gobierno, no debería conformar, ya que puede ser elevada a una escala superior y ser empleada para superar al menos minimizar las luchas intestinas.

La desaceleración de la pugna interna entre los distintos sectores del justicialismo es necesaria a fin de que el esquema Represión - Violencia no deteriore al movimiento y, en último término, al gobierno. Esta afirmación podrá parecer ingenua a muchos, pero sucede que los peligros que encierra esta lucha son tales que deberían hacer ver a sus protagonistas que, por profundas que sean sus rivalidades, no son mayores que las que envolvería el retorno del enemigo común y

principal.

Gran parte de la violencia que se libra en el país cederá si se establecen cauces institucionales para resolver los antagonismos, dentro del justicialismo. De lo contrario la lucha interna restará fuerzas a la presidente por la división, que por cierto no haría sino acelerar la lucha, llevándola fuera del movimiento, ocasionaría al gobierno un desgaste erizado de riesgos. Todo lo que se haga por soslayar este extremo será poco.

La incertidumbre que vive la Argentina tras el deceso de Perón, en nada afecta una aspiración nacional que se representa como un amplio y sólido soporte para esta etapa: todos, o casi todos, anhelan la continuidad del proceso. El modelo nacional, la igual que sus tesis sobre la alianza de clases, la primacía del empresariado nacional, la posibilidad de contener los ímpetus de las corporaciones transnacionales y realizar la reforma del agro aumentando su productividad. Lo que no se puede discutir es el valor y las potencialidades que contiene por sí mismo al consenso social y político plasmado por el proyecto para mantener y consolidar la unidad nacional. Por ello resulta inexorable que la Argentina recorra esta fase hasta su consumación. Cualquier alternativa será más costosa para la nación en su conjunto. El país debe saber si es posible que en este período, trabajadores y empresarios transiten juntos el trecho que lleva a la liberación. Si el empresariado nacional está dispuesto a realizar los sacrificios que exigirá la batalla contra los monopolios y el latifundismo, puede tener la certeza de que la clase obrera estará a su lado. Desde luego, una claudicación haría trizas la difícil conciliación de clases y, con ella, todo el proyecto se habrá de desmoronar. Se volverá a 1955, a 1968, a la dictadura de los monopolios con las variantes que introduzca su adaptación a las nuevas condiciones.

Por interrumpir el proceso en 195 se perdieron 18 años. Tanto tiempo perdido para recomenzar, recién en 1973. Una frustración

grande debe enseñar algo: hoy no debe repetirse otra experiencia suicida.



## MESA 6

### JORNALISMO E MÍDIA ONTEM E HOJE

31 DE OUTUBRO DE 2024 - 09h00

A mesa propõe um debate entre especialistas que estudam a comunicação a nível teórico e jornalistas que trabalham no dia a dia das redações para avaliar as mudanças no jornalismo e na comunicação entre os anos 70 e hoje, com ênfase nos avanços e retrocessos na luta pela democratização dos fluxos informativos entre o Norte e o Sul. Também serão analisados os desafios introduzidos pelas mídias sociais, a Inteligência Artificial e o poder das grandes corporações transnacionais de comunicação.

Visamos trazer um resumo de alguns pontos das falas de cada palestrante, de maneira a ilustrar brevemente sua participação e contribuição para o painel. Disponibilizamos a gravação completa da transmissão ao vivo da mesa no link abaixo, a qual recomendamos fortemente.

Fotografias:  
NIEAAS/UFRJ



CONFIRA A TRANSMISSÃO COMPLETA:

Mesa 6 - Jornalismo e Mídia Ontem e Hoje

## SOBRE OS PALESTRANTES

### Profa. Dra. JACQUELINE VENTAPANE (mediação)

Doutora em Ciência Política pela Universidade Federal Fluminense e Mestre em História Política pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Atuou como Coordenadora Executiva do Laboratório de Pesquisa e Práticas de Ensino em História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UERJ e também foi Coordenadora do projeto "Tratamento Técnico do Acervo da Revista Cadernos do Terceiro Mundo".

### Prof. Dr. MAURICE LABELLE

Professor associado de História e diretor do programa de Estudos Internacionais do College of Arts and Science (University of Saskatchewan, Canadá), especializando-se nas histórias relacionais da descolonização árabe, pós-colonialismo e entrelaçamentos entre o Oriente Médio e a América do Norte.

### Prof. Dr. LADISLAU DOWBOR

Economista e professor titular de pós-graduação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Foi consultor de diversas agências das Nações Unidas, governos e municípios. Autor e co-autor de cerca de 45 livros, toda sua produção intelectual está disponível online no website [dowbor.org](http://dowbor.org).

### JOSÉ (PEPE) STEINSLEGER

Escritor e jornalista, membro fundador da Federação Latino-Americana de Jornalistas (FELAP, 1976), da Agência Latino-Americana de Serviços Especiais de Informação (ALASEI-UNESCO, 1984) e do movimento "Em Defesa da Humanidade" (México, 2003). Desde 1996, ele tem uma coluna regular no jornal mexicano La Jornada. Autor e coautor de vários livros sobre a situação política na América Latina.

### **Prof. ACILINO RIBEIRO**

Advogado, professor universitário, ex-subsecretário de Movimentos Sociais e Participação Popular do Distrito Federal e ex-secretário nacional do PSB. Reconhecido pelo Fórum Social Mundial de 2024, em Katmandu (Nepal), como um dos 100 melhores educadores sociais e populares do mundo.

### **VANESSA MARTINA SILVA**

Diretora de redação da Revista Diálogos do Sul Global, analista política do canal Opera Mundi no YouTube e integrante da coordenação do Centro de Estudos da Mídia Alternativa Barão de Itararé. Mestra pelo Programa de Integração da América Latina (Prolam) da USP, especialista em Políticas Públicas para a Igualdade na América Latina pelo Conselho Latino-Americano de Ciências Sociais (CLACSO), graduada em Comunicação Social (Jornalismo) pela Universidade Estadual Paulista (UNESP).

## **PRINCIPAIS PONTOS DE SUAS CONTRIBUIÇÕES AO PAINEL**

---

### **Prof. Dra. JACQUELINE VENTAPANE UERJ**



Como mediadora, a Profa. Jacqueline convoca os participantes da mesa e informa que os temas debatidos serão como um resumo de tudo

que vem sendo apresentado e uma reflexão sobre a atualidade da Cadernos numa época de superficialidade da informação, mesmo em tempos de redes sociais e inteligência artificial. Sendo o Brasil um dos maiores consumidores de redes sociais do mundo, afirma que é essencial refletir sobre o impacto destas no campo da política e nas relações com o jornalismo de ontem e de hoje.

---

### **Prof. Dr. MAURICE LABELLE UNIVERSITY OF SASKATCHEWAN, CANADÁ**

O Prof. Maurice inicia levantando um questionamento que recebeu sobre a camisa

que utilizava no evento, em que figurava uma melancia 🍉.

Informa que a melancia se tornou um símbolo nas redes sociais para se referir à



Palestina porque usuários estavam sendo censurados por usar o nome e a bandeira da Palestina nas redes sociais. A melancia foi escolhida pelas cores, vermelho e verde.

O professor segue dizendo ser uma honra estar com todos os presentes na conferência. Sua fala se concentra no que chama de “Espírito de Argel”, traçando uma relação entre a Nova Ordem Mundial da Informação e da Comunicação (NOMIC), os anseios de uma nova ordem comunicacional promovida pelos Cadernos e os movimentos de libertação na Palestina. Informa que a Conferência de Argel iniciou um projeto de informação que urgiu os países do terceiro mundo a formar uma opinião pública global sobre os desafios dos movimentos de libertação nacional, especialmente na Palestina. Foi um evento histórico para o jornalismo do terceiro mundo tendo a

presença de 75 estados não alinhados, 8 observadores, 15 movimentos de libertação nacional e cerca de 1400 jornalistas que se uniram na “Meca” da revolução. A conferência culminou em um programa de descolonização que clamou por uma ordem mundial com mais equidade.

Relembrou que a NOMIC nasceu do espírito de Argel, que nasceu do espírito de Bandung, com um foco em cooperação transnacional para descolonizar a informação, identificando a mídia como uma plataforma-chave para a libertação mundial da dignidade. Culminou no que Edward Said chamou, em 1984, de “liberdade de narrar”. O monopólio informativo israelense desacredita o movimento de libertação da Palestina, fazendo com que a voz da Palestina raramente seja ouvida.

Neiva Moreira testemunhou o espírito de Argel pessoalmente e, junto com outros jornalistas árabes e africanos, intercambiou experiências e expectativas. Conforme notas do próprio Neiva, jornalistas das mídias *mainstreams* estavam mais preocupados com os turbantes dos árabes e com o menu do cardápio do que com as discussões fundamentais da conferência. Como representantes de comunidades não representadas, jornalistas do terceiro mundo abraçaram o desafio de apresentar informações que eram verdadeiras e confiáveis. O espírito de Argel permaneceu com Neiva após a conferência, que, junto com outros jornalistas, colocou o projeto da informação do terceiro mundo em ação, fundando os Cadernos. Uma das maneiras que os Cadernos aplicaram o espírito de Argel foi introduzindo a luta por libertação palestina aos leitores latino-americanos.

*“A edição em inglês da Cadernos se tornou a primeira revista do terceiro mundo feita por jornalistas do terceiro mundo que realmente teve uma circulação mundial.”*

**Prof. Dr. LADISLAU DOWBOR**  
**PUC-SP**

A apresentação do Prof. Ladislau Dowbor trata do domínio financeiro sobre os meios de comunicação e como as gerações precisam



intercambiar conhecimentos e capacidades para serem capazes de enfrentar a luta essencial pela comunicação e pela informação, visto que o sistema está mudando. Inicia parabenizando a todos pelo evento e principalmente aos palestrantes pela teimosia em persistir nesse tema pois a briga é fervorosa. Lembra de sua passagem em Argel, em 1973, pela mesma conferência citada por Maurice e dos trabalhos que realizou em todas as edições em português da Cadernos do Terceiro Mundo.

Ladislau afirma que o grupo das grandes corporações de tecnologia (Google, Meta, Amazon, Microsoft, entre outras) têm um domínio espantoso sobre os meios de comunicação, configurando suas novas formas de controle. Ressalta que quem está nessas empresas também faz parte dos mesmos 10 grupos financeiros que controlam 50 trilhões de dólares na economia mundial. Para se ter uma noção da ordem de grandeza, o PIB mundial é 100 trilhões. Cita *A Máquina do Caos*, de Max Fisher, que trata de como esse sistema é organizado a nível internacional, e explicita como a maximização da atenção e o engajamento nas redes sociais molda nossos comportamentos. Faz um apelo para superarmos a relutância que temos em relação às novas tecnologias e utilizarmos a internet a nosso favor, visto que agora podemos falar de maneira muito mais ampla e generalizada. Comenta sobre o seu site [link ao final], que tem mais de 1500 títulos, concentrando toda sua produção científica e que está sendo traduzido para diversas

línguas, como o chinês. E graças ao alcance disponibilizado pela internet.

*“Esse acúmulo de conhecimento que a gente adquiriu, essa visão do espírito de Argel, é de se recuperar, mas em um formato renovado. Temos que pensar que essas novas tecnologias podem realmente transformar visões.”*

Acesse o website do Prof. Ladislau Dowbor e consulte seus trabalhos publicados:

 [dowbor.org](http://dowbor.org)

---

## **JOSÉ (PEPE) STEINSLEGER** **JORNALISTA, LA JORNADA (MÉXICO)**



O jornalista Pepe Steinsleger traça uma relação entre a poesia, a filosofia e os tempos modernos, de como não podemos nos esquecer dos ensinamentos

filosóficos e da criatividade poética em tempos obscuros como os atuais. Inicia sua fala comentando o livro de poemas do escritor e romancista mexicano José Emilio Pacheco intitulado “No me preguntes como pasa el tiempo”. E questiona: “Onde estão os jovens? Eles tinham que estar nessa reunião.” Mas, em sua visão, entende que não estejam, pois não poderiam ouvir novamente os discursos de uma derrota. Afirma que toda a geração em que fez parte é uma geração de derrotas e por isso o único aporte é de vestígios. Mas não encara a derrota como um aspecto negativo, é parte das regras do jogo.

*“Os neoliberais dizem: ‘alguns perdem e outros ganham’. Eu me convenci que algum dia ganharíamos porque em muitas ocasiões nós ganhamos das formas ofensivas de violência e de exclusão do grande capital.”*

Informa que foi corresponsável pelos Cadernos do Terceiro Mundo no Equador por 5 anos, de onde tirou duas lições: uma sobre nossas percepções de passagem do tempo e outra sobre pertencimento à terra. Lembra de conversas que teve com indígenas latino-americanos sobre os conceitos de vida, morte e tempo. Em sua visão, filosofia e poesia andam juntos, pois sem elas não há como sustentar nossos ideais e convicções.

O futuro previsto pelos futurólogos europeus e norte-americanos há 40 anos já não existe mais, é um passado inerte. Nos tempos atuais, diz que precisamos aprender com a resistência do povo palestino.

*“Nosso partido tem que ser o da resistência palestina e o direito da Palestina não somente de existir, mas também de estar encabeçando nesse momento a verdadeira vanguarda revolucionária da atualidade.”*

---

## **Prof. ACILINO RIBEIRO** **ADVOGADO DE MOVIMENTOS SOCIAIS E** **PROFESSOR UNIVERSITÁRIO**

Acilino Ribeiro, professor e diretor da Universidade Popular



(UNIPOP), inicia dizendo que vem de uma geração que foi essencialmente formada por uma revista, a Cadernos do Terceiro Mundo. Lançada no Brasil em plena ditadura militar e no contexto da Guerra Fria, a revista encontrou um cenário jornalístico com diversas dualidades: a censura e a autocensura; a opinião pública e a opinião publicada; e a liberdade de expressão, de imprensa e de empresa.

Os Cadernos chegam com uma esquerda dividida entre várias tendências: a marxista, a trotskista, a leninista, a guevarista, entre

outras. Porém, a revista seria o elo que uniria todos esses grupos, sendo distribuída principalmente no meio universitário e fazendo parte de grupos de estudos para discussão de matérias. Acilino relembra de detalhes de suas experiências nesses grupos na UnB. Relembra ocasiões em que a Cadernos foi retirada das bancas algumas vezes devido à censura. E outras, em que as vendas eram feitas em segredo. Isso porque a linha editorial da Cadernos não era compatível com a da grande mídia tradicional, dos grandes grupos empresariais, muitas vezes ligados aos governos militares. Era do interesse da mídia tradicional distorcer os fatos. Como exemplo, Acilino faz menção a um programa jornalístico dos anos 1980 que insistia que as colônias portuguesas na África estavam satisfeitas em permanecer como colônias. Desacreditando, assim, as lutas por libertação que aconteciam no continente e que eram frequentemente explicitadas pelos Cadernos, que traziam a versão local, com entrevistas e fatos narrados a partir de perspectivas africanas.

Acilino dá um pouco mais de detalhes sobre sua experiência na luta armada e os motivos que o levaram a entrar para a guerrilha, definindo 3 tipos de lutas: a institucional, a de massa e a armada.

Ao final, o professor assevera que precisamos de uma nova escola de formação política que use os Cadernos do Terceiro Mundo, para fazer frente ao Brasil Paralelo. Anuncia que a Universidade Popular está em vias de negociação com o MEC para criar o primeiro curso de pós-graduação em história contemporânea com os Cadernos do Terceiro Mundo como referência bibliográfica. E faz um apelo para acompanharmos o legado da Cadernos através de suas sucessoras como a Diálogos do Sul Global, Revista Fórum, Caros Amigos, Carta Capital, entre outros.

*“Um pecado que a esquerda cometeu foi ter deixado os Cadernos do Terceiro Mundo se acabar. A esquerda, quando assumiu o poder,*

*deveria ter apoiado a continuidade dos Cadernos.”*

**VANESSA MARTINA SILVA**

**JORNALISTA**

**REVISTA DIÁLOGOS DO SUL GLOBAL**

Vanessa traz um pouco da sua trajetória no jornalismo de ontem e de hoje, seu ingresso na Diálogos do Sul Global e suas relações com a



Cadernos do Terceiro Mundo. Inicia sua fala dizendo que a plateia do evento é formada por vários de seus ídolos que a ajudaram a se informar e formar e agradece ao espaço dado à Diálogos do Sul para essa conversa com o público.

Vinda de uma família da periferia de SP, Vanessa diz que sempre questionou o ensino de história por ser desconectado do lugar de onde veio. Tinha ânsia por saber mais sobre África e América Latina e que, desde criança, sabia que queria ser jornalista. Relembra um projeto que desenvolveu nos seus anos universitários na UNESP chamado “Diferente pero no mucho”, onde trazia elementos da América Latina que nos assemelhavam e nos diferenciavam. E conta detalhes do seu encontro com Paulo Cannabrava em uma palestra, onde aproveitou para fazer contato e participar do seu projeto. Esse contato se tornou parceria de longa data. Posteriormente foi convidada para ser uma das fundadoras do Espaço Cultural Diálogos do Sul. Foi jornalista também no Portal Vermelho, no Opera Mundi e no Brasil de Fato.

Sobre os desafios da comunicação no cenário atual, Vanessa cita uma investigação da Profa. Nazaré Ferreira, da USP, com 100 jornalistas e editores, onde constatou-se que a imagem da América Latina é distorcida no jornalismo. As notícias mais vinculadas são aquelas que retratam revoltas, golpes de

estado, narcotráfico, futebol ou desastres naturais. Assim, o valor da América Latina como notícia-mercadoria é nulo, pois não contribui para as vendas de jornal, por isso tem espaço reduzido. Outra consequência é o reduzido número de correspondentes no Sul Global.

*“O deserto de informação sobre a vida dos nossos povos torna obviamente a América Latina ainda mais distante da nossa realidade.”*

Vanessa afirma que os elementos fundantes do pensamento comunicacional das escolas de jornalismo no Brasil são os mesmos do pensamento de matriz eurocêntrica e estadunidense. E não ajuda o fato de que, por muito tempo, apenas 6 famílias controlavam a comunicação no Brasil, detendo mais da metade da audiência. Em sua visão, pouco mudou no jornalismo dos anos 1970 comparado ao dos dias de hoje, mas algo atual é determinante: a inserção e dominância das tecnologias de informação e comunicação, as “big techs”.

Sobre um crescimento de conteúdos noticiosos nas chamadas mídias sociais, relembra que no Facebook houve um momento de expansão onde portais conseguiram crescer e se sustentar, mas uma censura a esses conteúdos passou a ocorrer, principalmente após a Cambridge

Analítica em 2018. Hoje, um grande desafio que se coloca está relacionado aos critérios dos algoritmos das plataformas, que não são claros e que impulsionam certos conteúdos em detrimento de outros, ocasionando um apagamento. Como exemplo, cita o *shadow ban*, o método de apagamento silencioso de conteúdos contrários aos preceitos puramente ideológicos das *big techs*, como acontece no caso da Palestina. As *big techs* se colocam acima da constituição, ditando o que pode ou não ser visualizado em suas plataformas que hoje moldam nossos comportamentos e atitudes, inclusive políticos. O jornalismo, assim, fica refém dos algoritmos.

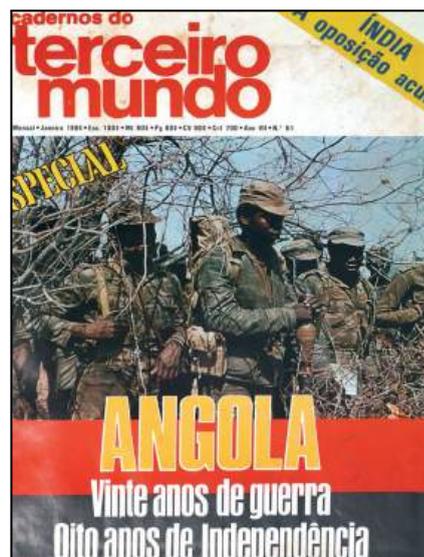
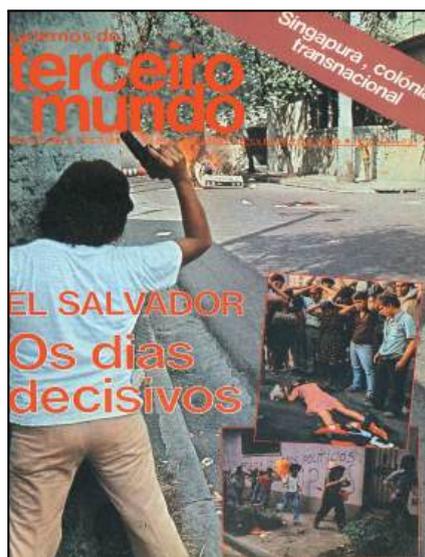
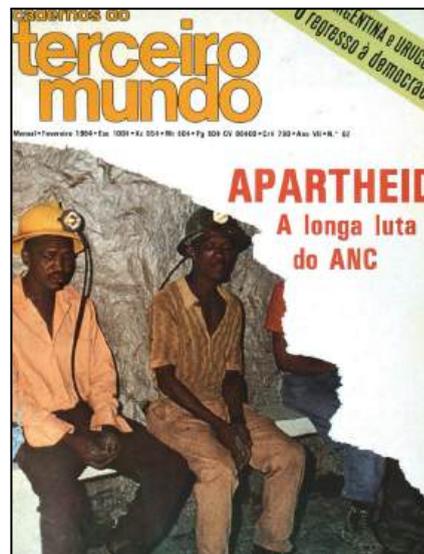
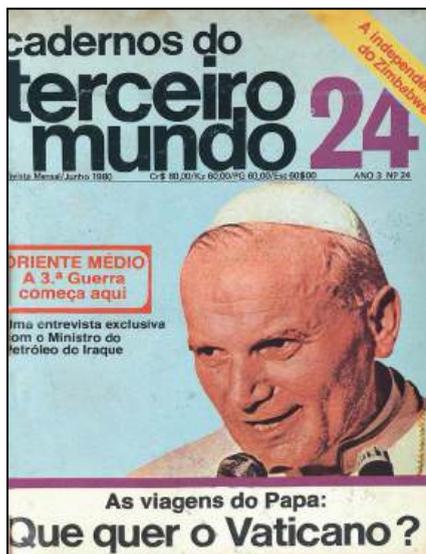
Ao final de sua fala, Vanessa comenta sobre as limitações que os jornais de esquerda sofrem, não só nas redes sociais relacionadas ao algoritmo, mas também presencialmente, quando muitos desses jornais ficam impedidos de comparecer em comitativas de imprensa. Também menciona a dificuldade, principalmente as enfrentadas pela Diálogos do Sul Global, em relação às formas de financiamento.

*“Nós chamávamos as Big Techs de redes sociais. Elas não são sociais [...], na verdade elas são grandes plataformas de anúncio, que vendem os nossos conteúdos, as nossas informações e privacidade para empresas.”*



## CAPAS DA CADERNOS DO TERCEIRO MUNDO

A CADERNOS DO TERCEIRO MUNDO PUBLICADAS NOS ANOS 1980.

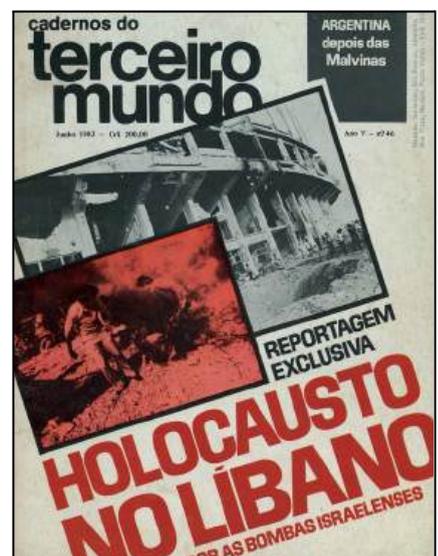
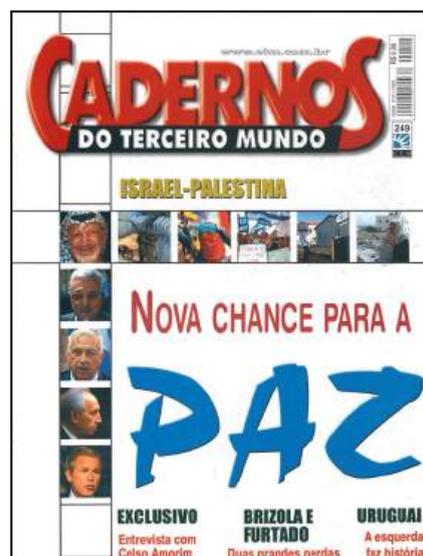
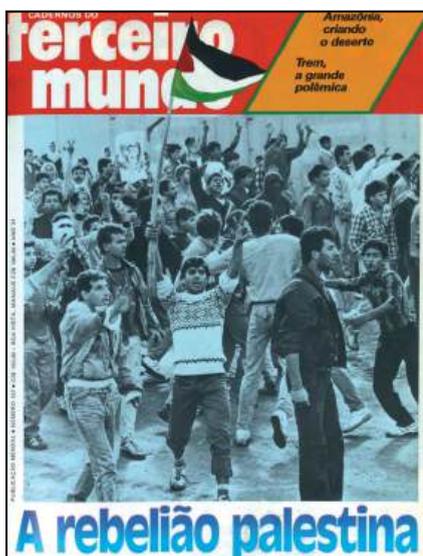
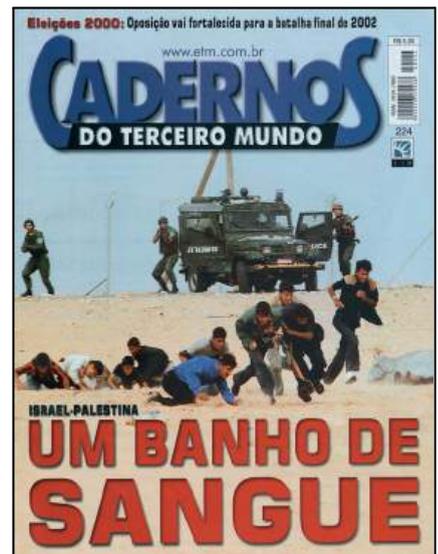
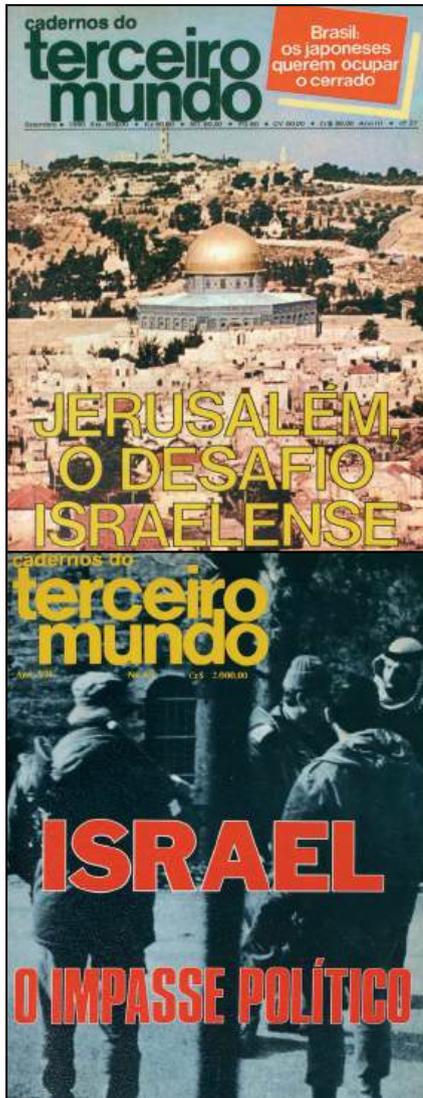


A CADERNOS DO TERCEIRO MUNDO, CIRCULOU NO BRASIL DURANTE AS DÉCADAS DE 1980 A 2000 E PUBLICOU 300 EDIÇÕES.

A REDAÇÃO ERA LOCALIZADA NO BAIRRO DA LAPA, NO RIO DE JANEIRO.



## DÉCADAS DE 1980, 1990 E 2000: REPORTAGENS DE DESTAQUE SOBRE OS CONFLITOS NO ORIENTE MÉDIO.



ALÉM DA VENDA EM BANCA, A CADERNOS DO TERCEIRO MUNDO CONTAVA COM UMA AMPLA REDE DE ASSINANTES, FIÉIS LEITORES E APOIADORES AO LONGO DE DÉCADAS.

NO PERÍODO COMPREENDIDO ENTRE O FINAL DO ANO DE 2005 E O INÍCIO DE 2006 A REVISTA ENCERROU SUAS ATIVIDADES.



## RENZO GOSTOLI

### FOTOGRAFIA, MEMÓRIA E JORNALISMO

*Conheça a trajetória do argentino que transformou inquietações sociais em registros para a revista Cadernos do Terceiro Mundo e a imprensa mundial.*

Por Ruth Scheffler

Graduanda em Jornalismo pela Escola de Comunicação da UFRJ e fotógrafa da Conferência

San Juan Ixhuatepec, região Metropolitana do Vale do México. Madrugada de 19 de novembro de 1984. Essa data ficou marcada por uma série de explosões nas instalações industriais da empresa Petróleos Mexicanos (PEMEX). O acidente deixou centenas de mortos e milhares de feridos. Uma das pessoas presentes e que registrou a tragédia foi o argentino Renzo Gostoli. As imagens foram uma virada de chave na sua vida profissional, permitindo que ele viesse a exercer o fotojornalismo como a sua principal ocupação.

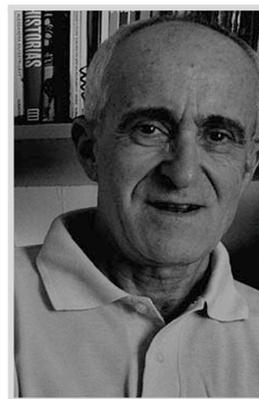
“A AFP (Agence France-Presse) estava montando uma equipe de fotografia. Eles ainda não tinham uma equipe. Pediram se eu podia mandar uma foto minha. Eles gostaram e publicaram. Foi aí que eu comecei”, relata Gostoli. Ele também ressalta: “Eu demorei para começar a fotografar, ser profissional. Comecei já bastante avançado na idade.” Mas isso não o impediu de manter o vigor pela sua aspiração. Anteriormente, tinha feito trabalhos relacionados a espetáculos artísticos, além de registros para revistas da Secretaria de Educação do México. “Fazia foto como motor próprio de inquietude, de registro. Eu queria ser profissional, mas não conseguia. Até entrar [em uma agência]”.

A agência de notícias francesa abriu caminho para vários outros trabalhos. Posteriormente, Renzo veio a ser reconhecido por coberturas e ensaios para a Reuters, Associated Press, Folha de São Paulo, Clarín, El País, La Nación, El Mundo, Time, Latin Trade, Miami Herald e Câmbio 16 da Espanha.

Nascido em Buenos Aires, na Argentina, Gostoli explica que a sua afinidade com a fotografia tem um histórico multidisciplinar.

“Gostava da fotografia como registro, memória, testemunho, como algo similar à sociologia”. Inclusive, esse campo das ciências

humanas foi seu objeto de estudo por pelo menos dois anos na Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Buenos Aires (UBA) entre os anos de 1969 e 1972.



Renzo Gostoli

Reprodução: ARFOC-Rio

*É necessário ter uma fonte de informação não-alinhada com a imprensa, que está completamente monopolizada. Você quase não tem imprensa independente!*

Mais de meio século depois, temas envolvendo o cotidiano, a cultura, a política, ou seja, a sociedade em geral, continuam sendo a essência das criações de Renzo. “Minhas fotos sempre têm pessoas. Difícilmente são paisagens. São registros de situações sociais”, destaca. Com seu apurado faro jornalístico, ele também confessa: “Como eu trabalhei em agências [de notícias], você não escolhe. Você faz jornalismo pesado. Mas minha vontade sempre está voltada ao testemunho. Ou seja, registrar uma realidade, com um contexto

político, no fundo.” Além disso, foi através da sociologia que o fotojornalista se aprofundou em temas relacionados ao Terceiro Mundo. Ele cita especificamente um curso extracurricular que fez em uma universidade suíça. Naquele momento, o mundo vivia eventos históricos marcantes como a Guerra do Vietnã e a descolonização das colônias portuguesas. “Isso me abriu um pouco o panorama”, explica Renzo.

### **O Brasil e a Cadernos do Terceiro Mundo: vozes do Sul Global em foco**

A partir da década de 1987, quando já estava no Brasil, Gostoli encontrou na revista Cadernos um espaço para expressar a realidade dos países considerados não alinhados. A esse respeito, ele relembra o contexto político da época: “Tinha um governo Brizola no estado do Rio que interpretava muito o setor que a revista tratava, o Terceiro Mundo. Então [a revista] cresceu bastante aqui”. Anteriormente, ela já havia sido sediada em outros países na América Latina. Conforme pontua Renzo, “à medida que as ditaduras avançavam, a revista mudava de lugar”.

Apesar das mudanças, o jornalista também destaca a importância dos conteúdos abordados ao longo de suas edições. “Tinha bastante difusão e muita opinião. Faziam reportagens na África... na Ásia. Lembro que fizeram reportagens de Ghadafi e de outros personagens importantes africanos, como Mandela. Uma revista que tinha muita informação dentro desse contexto progressista.”

Atualmente, ele acredita que o cenário geopolítico seja diferente. “Não há mais os não alinhados. Se polarizou completamente”. Sendo assim, Gostoli reforça a necessidade de representação do Sul Global no jornalismo internacional. “É necessário para ter uma fonte de informação não alinhada com a imprensa que está completamente

monopolizada. Você quase não tem imprensa independente!”

Inicialmente, o contato de Renzo com a Cadernos do Terceiro Mundo se deu por meio de Beatriz Bissio, uma de suas fundadoras. Eles se conheceram na Associação dos Correspondentes de Imprensa Estrangeira no Brasil, a ACIE. “Eu era correspondente da imprensa estrangeira e ela também”. Para ele, foi fácil se identificar com a proposta da pesquisadora. “Ela é uruguaia, então temos uma história parecida.”

O fato de participar ativamente de coberturas jornalísticas também facilitou a produção de materiais para a Cadernos. “Eu tinha acesso a muita coisa pela agência. Então, às vezes, passava as fotos para a revista”, comenta Renzo. “Eu tinha material e eles precisavam de fotógrafo”, sintetiza.

Segundo o fotojornalista, entre os trabalhos mais marcantes que fez para a revista está a cobertura de uma operação do exército de repressão às drogas no México. “Levaram a gente de helicóptero no estado de Sinaloa, onde justamente agora está tendo muitos mortos pelas [questões relacionadas à “guerra” às] drogas. Nós descemos em um lugar onde tinham plantado papoula e maconha. E aí eu fotografei muito. Tem fotos dos soldados descendo dos helicópteros. Muitos helicópteros. Soldados arrancando as plantas, tornando [algumas pessoas] prisioneiros, a maioria, camponeses”, relata.

Essas e tantas outras imagens, como as do início, levaram Renzo a ter que encarar e presenciar uma realidade muitas vezes cruel, perversa e amarga. Nesse sentido, ele faz um alerta para aqueles que desejam seguir a profissão: “Agora está ainda mais complicado! Tem que se cuidar muito porque está muito difícil! Em Gaza, morreram mais de cem jornalistas. Então que se cuidem muito!” Apesar disso, ele também faz questão de destacar: “Vale a pena. É necessário!”.



## MESA DISCENTE

### A CADERNOS DO TERCEIRO MUNDO COMO FONTE HISTÓRICA

31 DE OUTUBRO DE 2024 - 15h30

Esta mesa redonda visa apresentar algumas pesquisas realizadas por discentes bolsistas do NIEAAS/UFRJ e do LPPE/UERJ que utilizam a Cadernos do Terceiro Mundo como fonte histórica. De maneira a demonstrar a continuidade do legado da Cadernos nos dias de hoje e a importância da disponibilização do acervo digital da revista ao grande público.

Visamos trazer um resumo de alguns pontos das falas de cada palestrante, de maneira a ilustrar brevemente sua participação e contribuição para o painel. Disponibilizamos a gravação completa da transmissão ao vivo da mesa no link abaixo, a qual recomendamos fortemente.

Fotografias:  
NIEAAS/UFRJ

 **CONFIRA A TRANSMISSÃO COMPLETA:**  
[Mesa Discente - Cadernos como Fonte Histórica](#)

## SOBRE OS PALESTRANTES

### Prof. Dr. FLAVIANO ISOLAN (mediação)

Doutor em História Contemporânea pela Technische Universität Berlin, Mestre e Licenciado em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. É professor de História Contemporânea na Universidade do Estado do Rio de Janeiro e integra a coordenação do Laboratório de Pesquisa e Prática de Ensino (LPPE-UERJ).

### BRUNO CÍCERO

Graduando em História pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro e bolsista do LPPE/UERJ.

### GABRIEL ALBUQUERQUE

Graduando em História pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro e bolsista do LPPE/UERJ.

### VICTÓRIA ALVES

Graduanda em Relações Internacionais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e bolsista do NIEAAS/UFRJ

### PEDRO SOMINI

Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Ciência Política (PPGCP) da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

## PRINCIPAIS PONTOS DE SUAS CONTRIBUIÇÕES AO PAINEL

### Prof. Dr. FLAVIANO ISOLAN LPPE/UERJ

O Prof. Flaviano inicia os trabalhos da mesa, indicando que esta mesa é uma oportunidade

de verificarmos na prática alguns exemplos da manifestação do legado da Cadernos em pesquisas atuais. Informa que seu propósito é apenas guiar as conversas, de modo que fique claro que o objetivo é que os discentes

relatem suas experiências. Ele menciona que não se vê muitas pesquisas que utilizam a Cadernos como objeto, mas o pouco que está se produzindo já é um começo. Existem algumas monografias de graduação, mas na pós-graduação, o volume é ainda menor. Relembra algumas ações do LPPE relacionadas à Cadernos, como o projeto que transforma a revista em material didático e o projeto da Profa. Jacqueline Ventapane e do bolsista Gabriel Albuquerque, que renderam trabalhos de coleta de charges da Cadernos, além de um artigo sobre essas charges. Ele também relata a felicidade do encontro ao acaso com Pedro Somini, mestrando em Ciência Política na UNICAMP, que estava como ouvinte do evento e aceitou o convite para compartilhar um pouco da sua experiência de pesquisa no mesmo .

*“Retomar a Cadernos agora é retomar uma semente de muita fertilidade para futuras pesquisas.”*

---

## **VICTORIA ALVES** **UFRJ**

Victoria é graduanda em Relações Internacionais pela UFRJ e seu trabalho de conclusão de curso foi sobre Segurança Ontológica e a Pirataria na Somália, em que trata sobre a questão do tributo marítimo. Relata que, por sugestão da Profa. Beatriz Bissio, foi introduzida à Cadernos do Terceiro Mundo, publicação que até o momento era de seu desconhecimento. Relata que ficou maravilhada com o acervo da Cadernos disponibilizado digitalmente pela UFRJ e descobriu algumas matérias pertinentes sobre a Somália dos anos 1970, 1980 e 1990. Chamou sua atenção a forma como as notícias eram escritas e que, por isso, os assuntos tratados eram muito atuais, em sua visão. As matérias disponibilizadas ajudaram muito na contextualização histórica da Somália do período, além de prover dados sociais e econômicos sobre produção industrial, distribuição de alimentos e fome.

*“Ter encontrado esse material sobre a Somália na Cadernos tornou a experiência de pesquisa muito mais enriquecedora.”*

---

## **BRUNO CÍCERO** **UERJ**

Bruno é graduando em História pela UERJ e apresentou seu projeto de promoção do acervo da revista Cadernos do Terceiro Mundo através das redes sociais. Relata que, em suas pesquisas sobre os tópicos relacionados na grande mídia como a BBC, não há nenhum tipo de histórico ou contextualização dos ocorridos. Em tópicos do Oriente Médio, por exemplo, a Cadernos traz o protagonismo da região e dá voz a quem vive o conflito a partir de uma perspectiva interna. Relembra a necessidade de questionarmos a atuação da ONU, visto os conflitos que são alimentados por armamentos americanos que passam despercebidos, sem punição e sem posição da comunidade internacional.

### **ACESSE A PÁGINA NO INSTAGRAM:**

 **cadernosdoterceiromundo**

*“A Cadernos se mantém atual. [...] A cada postagem que eu faço, eu vejo as mesmas situações.”*

---

## **GABRIEL ALBUQUERQUE** **UERJ**

Gabriel também é graduando em História pela UERJ e bolsista de Iniciação Científica no projeto Construindo Perspectivas do Sul Global, no qual analisa os acontecimentos globais sob a perspectiva do norte e os compara com os Cadernos, que traz as perspectivas dos problemas a partir do sul. Relata que a proposta do projeto é analisar como a Cadernos — a partir dos anos finais

da Guerra Fria até o último ano de sua publicação (1975-2005) — ao debater a crise do socialismo, a nova ordem nas relações internacionais sob a égide do neoliberalismo e as crises daí advindas, contribuiu para construir a perspectiva de análise (histórica e política) que hoje conhecemos por “Sul Global”.

Relata que foram analisadas 80 revistas e cerca de 300 reportagens, classificadas da seguinte forma: neoliberalismo, China e Ásia socialista, Leste Europeu, Movimento dos Não Alinhados, Nova Ordem, URSS e “novo levantamento” (com temas que potencialmente interessavam à bolsa).

*“A Cadernos traz a análise, o contexto do fato.”*

**PEDRO SOMINI  
UNICAMP**

Pedro é mestrando em Ciência Política na UNICAMP e estuda a questão do nacionalismo e do trabalhismo na revista, utilizando o recorte temporal de 1974 a 1991. Relata que conheceu a revista através de seu orientador e que considera que ela preencheu de forma singular um vácuo sobre esse assunto em sua bibliografia. Relata que está nos estágios iniciais de suas pesquisas e que tem conversado bastante com outros pesquisadores que também trabalharam com a Cadernos.





## **NÚCLEO INTERDISCIPLINAR DE ESTUDOS SOBRE ÁFRICA, ÁSIA E RELAÇÕES SUL-SUL**

Vinculado ao Departamento de Ciência Política da Universidade Federal do Rio de Janeiro, ao Instituto de Filosofia e Ciências Sociais e ao Instituto de História (IFCS-IH) ao longo dos seus mais de 20 anos de existência, o Núcleo Interdisciplinar de Estudos sobre África, Ásia e Relações Sul-Sul (NIEAAS-UFRJ) busca abrir um espaço de reflexão e pesquisa sobre a realidade do mundo oriental, africano e latino-americano contemporâneo, com ênfase nas potencialidades futuras da cooperação entre essas regiões, a chamada cooperação sul-sul.

Composto por pesquisadores de diversas áreas das humanidades, de diversos níveis de formação, de diferentes localidades do Brasil, o núcleo agrega diferentes perspectivas e pesquisas sobre os principais tópicos da política internacional com um foco em comum: **as epistemologias do Sul Global.**



Nesse marco, o NIEAAS procura incentivar o intercâmbio com instituições acadêmicas dessas regiões, com o intuito de contribuir para a formação de especialistas, além de gerar um espaço propício para o desenvolvimento de vínculos com instituições culturais e científicas dessas regiões, com o objetivo de contribuir para o fortalecimento e expansão dos projetos de cooperação já existentes e de sugerir iniciativas nesse âmbito.

Da mesma forma, o NIEAAS busca, através de diferentes parcerias, promover seminários, ciclos de debates, conferências, projeções de filmes, exposições sobre a temática pesquisada, com o objetivo de aprofundar o conhecimento sobre os países da Ásia, da África e da América Latina na comunidade acadêmica e no público em geral.

Dirigido pelas professoras Beatriz Bissio e Kátia Fukushima, o núcleo visa promover pesquisas em articulação com o Espaço Cultural Diálogos do Sul e conta com a experiência de mais de trinta anos da revista “Cadernos do Terceiro Mundo” na promoção do diálogo e do intercâmbio entre a Ásia, a África e a América Latina.

**Profa. Dra. BEATRIZ BISSIO**

Beatriz é vice-diretora do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professora Associada do Depto. de Ciência Política da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professora do Programa de Pós-Graduação em História Comparada (PPGHC-UFRJ). Vencedora dos prêmios Vladimir Herzog e Golfinho de Ouro 2000 de Jornalismo. <http://lattes.cnpq.br/1611696336740610>



**Profa. Dra. KATIA FUKUSHIMA**

Professora do Departamento de Ciência Política da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Doutora e Mestre em Ciência Política pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). É coordenadora do TAMO’ AQUI: Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Governos na América Latina vinculado ao NIEAAS e membro do Núcleo de Estudos dos Partidos Políticos Latino-Americanos (NEPPLA-UFSCar). <http://lattes.cnpq.br/2886246718185707>



O núcleo conta ainda com o **Tamo’ Aqui**, um grupo de estudos e pesquisa sobre governos na América Latina, coordenado pela Profa. Katia Fukushima, que através das redes sociais, faz um monitoramento e divulgação dos desdobramentos políticos, sociais e econômicos dos governos latino americanos, com um foco exclusivo em questões eleitorais e sistemas políticos, do México às Ilhas Malvinas.





## **PROJETO DE EXTENSÃO: DIÁLOGOS SEM BARREIRAS: UMA PONTE PARA UTOPIA**

O projeto Diálogos sem Barreiras, proposto pelo Núcleo Interdisciplinar de Estudos sobre África, Ásia e as Relações Sul-Sul (NIEAAS), coordenado pela Profa. Beatriz Bissio e registrado no CNPq, visa um diálogo com a sociedade através de vários caminhos, procurando contribuir para a formação da cidadania.

Para tal são desenvolvidas diferentes atividades e iniciativas, nas redes sociais e mediante o uso de plataformas virtuais. Instagram, Facebook e Twitter são utilizados para divulgação científica e cultural, assim como o Blog, o Canal no Youtube e o Podcast. Todos esses canais são alimentados com materiais especialmente produzidos pelos pesquisadores do Núcleo, tanto alunos de iniciação científica como de pós-graduação e professores convidados. Nas plataformas virtuais são oferecidos minicursos gratuitos destinados ao grande público, sobre assuntos vinculados às pesquisas e temas gerais da atualidade nacional e mundial. Todo o trabalho de divulgação científica e de formação cidadã está alicerçado nas pesquisas desenvolvidas no NIEAAS, que abordam temas de política internacional.

O projeto caracteriza-se pelo especial cuidado em incluir a contextualização histórica do assunto abordado, procurando contribuir para uma melhor compreensão da atualidade mundial, com ênfase na realidade do Sul Global, e mostrando o impacto dos temas internacionais na política doméstica. Outro objetivo é que a sociedade conheça melhor a UFRJ.

O projeto foi concebido para superar a atual barreira existente entre o que é produzido nas pesquisas dentro das universidades e o que a sociedade recebe como conhecimento. Além de seminários, realizamos um trabalho nas redes sociais que envolve posts explicativos sobre temas, eventos e personagens vinculados à temática do núcleo. Assim, objetivando:

- Difundir o conhecimento produzido pelas pesquisas desenvolvidas pelo grupo para toda a sociedade;
- Impactar e aprofundar a formação de estudantes, professores e membros de outras funções e profissões;
- Apresentar questões importantes do mundo contemporâneo.

Nas redes sociais, este trabalho se manifesta através de dois eixos:

**NIEAAS Explica:** problematiza temas históricos, sociais e políticos contemporâneos.

**NIEAAS Indica:** aponta obras literárias, artísticas, audiovisuais, acadêmicas e afins que envolvam a temática do núcleo.



**SIGA O NIEEAS E O TAMO' AQUI NAS REDES SOCIAIS:**

NIEAAS.UFRJ  
TAMOAQUI.IFCS.UFRJ



NIEAAS UFRJ





## MESA 7

### DO TERCEIRO MUNDO AO SUL GLOBAL: MUDANÇAS GEOPOLÍTICAS E O PAPEL DA COMUNICAÇÃO

31 DE OUTUBRO DE 2024 - 17h30

A última mesa será um grande resumo dos debates anteriores, com participação de figuras de destaque na história da Cadernos do Terceiro Mundo e no estudo da história recente e da Política Internacional. O pano de fundo são as mudanças na geopolítica mundial, o deslocamento hegemônico na direção do continente asiático, com a China como grande protagonista, as tensões num mundo cada vez mais militarizado e os desafios da comunicação que visa contribuir para a paz, a defesa dos direitos humanos e a igualdade e justiça social como referências na construção de Outro Mundo possível.

Visamos trazer um resumo de alguns pontos das falas de cada palestrante, de maneira a ilustrar brevemente sua participação e contribuição para o painel. Disponibilizamos a gravação completa da transmissão ao vivo da mesa no link abaixo, a qual recomendamos fortemente.

Fotografias:  
NIEAAS/UFRJ



CONFIRA A TRANSMISSÃO COMPLETA:

[Mesa 7 - Mudanças Geopolíticas e o Papel da Comunicação](#)

## SOBRE OS PALESTRANTES

### **Profa. Dra. MÔNICA BRUCKMANN (mediação)**

Doutora em Ciência Política, Professora do Departamento de Ciência Política e do Programa de Pós-Graduação de História Comparada da UFRJ, Diretora Adjunta de Relações Internacionais do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS/UFRJ) e Coordenadora do Núcleo de Pesquisa de Geopolítica, Integração Regional e Sistema mundial (GIS).

### **ROBERTO BISSIO**

Roberto Bissio é jornalista, diretor executivo do Instituto do Terceiro Mundo, editor do Guia do Terceiro Mundo e membro da equipe editorial do relatório Spotlight sobre desenvolvimento sustentável. Membro do comitê internacional da Rede do Terceiro Mundo e atua no conselho do Programa sobre os Direitos Econômicos, Sociais e Culturais das Mulheres, com sede em Delhi, Índia.

### **ARAM AHARONIÁN**

Jornalista, presidente da Fundação para a Integração Latino-Americana, foi editor, diagramador e chefe de seção em jornais como El Día, El Plata, Ya, Ahora, Verdad, entre outros, semanários (Marcha, Sur) e entre outros meios uruguaios. É mestre em Integração pela Universidad Latinoamericana y del Caribe (ULAC) e bacharel em Direito e Diplomacia na Universidad de la República, no Uruguai.

### **GRACIELA RODRIGUEZ**

Coordenadora do Instituto EQÜIT (Gênero, Economia e Cidadania Global), é parte da Rede de Gênero e Comércio e é membro da Coordenação da REBRIP - Rede Brasileira pela Integração dos Povos.

### **Prof. Dr. PAULO VISENTINI**

Coordenador do Núcleo Brasileiro de Estratégia e Relações Internacionais (NERINT/UFRGS), professor Titular de Relações Internacionais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS. Professor da Pós-Graduação em Ciência Política/UFRGS e em Ciências Militares/ECEME. Pós-Doutorado em Relações Internacionais pela London School of Economics e pela PUC-Rio. Doutor em História Econômica pela USP, Mestre em Ciência Política e Graduado em História/UFRGS.

## **PRINCIPAIS PONTOS DE SUAS CONTRIBUIÇÕES AO PAINEL**

### **Profa. Dra. MÔNICA BRUCKMANN** **UFRJ**



*Reprodução: Jornal Inverta*

A Profa. Mônica Bruckmann abre a última mesa da conferência agradecendo o convite e propõe uma reflexão das mudanças na geopolítica mundial e

no papel da Ásia sobre um novo horizonte de expectativa para o mundo do século XXI, que é o tema central das falas dos palestrantes.

do Sul Global nos fóruns internacionais são resposta às mais diversas formas de imperialismo perpetradas pelas grandes potências.

Um dos atores mais importantes nesse cálculo, de acordo com sua análise, são as empresas multinacionais que, junto com a fortuna dos ultraricos, são um desafio para os regimes financeiros internacionais. Há incerteza principalmente por conta de questões relacionadas à taxaço das grandes fortunas e evasão de impostos. Reforça inclusive a importância de uma convenção da ONU, não só da OCDE relacionada aos fluxos financeiros ilícitos em particular na África, principalmente por conta das corporações multinacionais.

### **ROBERTO BISSIO** **INSTITUTO DO TERCEIRO MUNDO**

Roberto Bissio retorna com sua apresentação sobre os 50 anos de cinismo e indiferença, mas com um foco maior agora nas questões econômicas para além do PIB e nos impactos dos regimes internacionais de finanças. Ele faz um balanço do sistema internacional, elucidando as estruturas de poder político e econômico que o permeiam e como as demandas do Terceiro Mundo e



Relata que o PIB é uma péssima medida de crescimento econômico, pois nada diz sobre a origem dos montantes financeiros, muito menos sobre como se distribui. Para além disso, o PIB tem pouca ou nenhuma relação com o bem-estar das pessoas e dá um exemplo da indústria do tabaco: mesmo sendo de senso comum que causa mal à saúde, se há aumento das vendas de cigarros e conseqüentemente aumento das vendas de medicamentos para o câncer de pulmão, há crescimento do PIB.

Por isso, Roberto informa sobre as discrepâncias sobre ter voz e ter voto nas instituições financeiras multilaterais e principalmente sobre vetos. Uma das demandas do terceiro mundo tem sido

relacionada à diminuição do poder de veto nesses fóruns, poder detido somente pelos Estados mais poderosos economicamente, de forma a mitigar a voz dos países do terceiro mundo. No fim das contas, ninguém quer abrir mão de seu voto.

Outro aspecto importante mencionado por Roberto está relacionado à propriedade e controle democráticos dos bens públicos digitais e à governança da inteligência artificial, o que ele denomina como a “NOMIC dos nossos dias”. Não se trata somente da circulação de informação e da censura a certos conteúdos, como foi um dia e que se estende aos dias atuais, mas também da nossa propriedade e privacidade individual virtual, no que tange aos nossos dados pessoais e nossas informações genéticas. Estas últimas, por exemplo, são vendidas a empresas farmacêuticas, que as utilizam para nos vender medicamentos posteriormente.

Um dos pontos finais da fala de Roberto é sobre a “responsabilidade comum, mas diferenciada”, no sentido de que estipulam-se medidas que todos devem cumprir, mas a responsabilização não é a mesma para todos. O Sul Global hoje entende que muitos dos problemas de nossas sociedades, relacionados ao meio ambiente, às questões digitais e comerciais, aos conflitos políticos e territoriais, entre outros, foram criados pelos países ricos e, indo além, pelos mais ricos dentro desses países. Por isso, é necessária uma justiça reparatória em que se pesem as questões de perdas e danos que possam dar vazão às múltiplas violações históricas de direitos, inclusive as relacionadas à escravidão.

*“PIB só mira o dinheiro que entra e sai e pior, soma os dois. Para obter um número que não diz nada sobre como se obteve nem sobre como se distribui. [...] Essa promessa de como o país vai crescer não favorece a quem necessitaria desse crescimento.”*

## ARAM AHARONIÁN

JORNALISTA

FUNDAÇÃO PARA INTEGRAÇÃO LATINO-AMERICANA

Aram inicia sua fala cumprimentando toda a equipe da Cadernos, como Neiva, que participaram da formação política e ideológica de toda uma geração. Sua fala no evento se concentra em torno da atuação da esquerda e nas questões geracionais relacionadas à guerra pela informação.



Reprodução: Amerika21

Lamenta que os entraves relacionados à uma livre circulação da informação e da comunicação tenham sido um tema que o progressismo de esquerda não soube como levar a sério. Indo além, afirma que o problema não é perder a guerra política, mas também a cultural. Seguimos nos comunicando apenas com aqueles que são iguais a nós, sem a ousadia de conquistar novos espaços. Não conseguimos desenhar e colocar em prática uma comunicação contra-hegemônica e popular, uma falha que temos que assumir para poder avançar. Carecemos de agenda própria. Somos reativos e não sabemos vender a esperança e o futuro, somente o passado. Cremos que recuperar a memória significa voltar 30 ou 500 anos, e não seguir adiante.

Em sua visão, estamos perdidos enquanto as corporações hegemônicas desenvolvem imponentemente suas táticas de poder. Não nos damos conta do que seja exatamente o metaverso, a inteligência artificial, o algoritmo e o capitalismo de finanças e de como influenciam diretamente nossas vidas. Aram afirma que não há nada menos pessoal do que um smartphone; o algoritmo está ali e, pouco a pouco, vai se apropriando de nós. O poder midiático é o aparelho ideológico da globalização e o algoritmo age como a

polícia, acompanhando cada um de nossos passos.

*“Outro mundo não é apenas possível, é necessário e urgente. E creio que o mais importante é a necessidade de ver o mundo com nossos próprios olhos, de que somos filhos membros deste terceiro mundo, deste Sul Global.”*

---

**GRACIELA RODRIGUEZ**  
**INSTITUTO EQÜIT**



*Reprodução: Rede Brasileira pela Interação dos Povos*

A Profa. Graciela inicia sua fala agradecendo e diz que como professora de relações internacionais pensa que o evento é fundamental para que todos saibam

como era a conjuntura internacional no passado e como as estruturas estão enraizadas no presente. O tempo para que as pessoas se abram para essas questões é agora, pois o mundo muda em alta velocidade e pode não haver tempo para voltar.

Em sua visão, a geração que está chegando não tem a perspectiva da geração anterior, mas está chegando com outra perspectiva. Não se pode manter o mesmo pensamento de 30, 40, 50 anos atrás e que está sendo ainda propagado pela geração anterior. O pensamento ideológico, político, social atual precisa dessa nova perspectiva que, inclusive, agrega uma visão individualista da luta coletiva que tanto se prega. A lógica individualista é tremendamente poderosa e difícil de superar num mundo que oferece para o indivíduo muitas possibilidades. Por isso, Graciela afirma que não é só uma luta política no sentido tradicional, mas uma luta que também se dá no campo das subjetividades, devido ao enraizamento do neoliberalismo no pensamento, nos desejos,

nas vontades. Acredita que o pensamento feminista está um pouco mais próximo desse objetivo por falar dos modos de viver.

*“Não acredito ser um problema de comunicação [com as novas gerações], mas sim um problema de conteúdo. Nós continuamos dizendo as mesmas coisas para uma época que é muito diferente.”*

---

**Prof. Dr. PAULO VISENTINI**  
**UFRGS**

O Prof. Paulo inicia sua fala parabenizando não apenas a organização do evento, mas também fazendo uma menção especial aos estudantes que se dedicaram para que um evento tão denso como este pudesse ocorrer de maneira plena durante todos os dias. A fala de Paulo perpassa brevemente sua trajetória profissional e sua percepção sobre o Sul Global. Ele relembra a política educacional do governo de Leonel Brizola, que graças a ela, ele, sendo filho de uma família de trabalhadores, conseguiu se tornar doutor na universidade, onde começou na área de Economia, mas logo migrou para História.



*Reprodução: Acervo pessoal*

Durante seu percurso universitário, relata que apresentou um projeto de pesquisa sobre as relações internacionais do terceiro mundo de 1945 a 1985, projeto que foi visto com certo deboche pelos colegas, mas que logo o rendeu uma cadeira para lecionar História da África por ser o único envolvido com questões relacionadas ao terceiro mundo. Em sua época de universitário, lembra que, por conta da censura, bancas de jornal que vendiam jornais alternativos eram frequentemente queimadas. Tais jornais eram vendidos às escondidas.

Relembra algumas conversas com amigos e familiares que destilavam visões distorcidas da África, muito por conta do que era veiculado nos jornais tradicionais e na televisão, que noticiavam simulacros de realidade. Quando informou a amigos que faria uma viagem à Etiópia em 2013, foi advertido de que “pegaria doenças e passaria fome.” Ao chegar, encontrou um país que estava fazendo reforma agrária, reduzindo o analfabetismo, construindo fábricas e melhorando a infraestrutura.

Paulo afirma que não gosta do termo “Sul Global”; em sua visão, foi cunhado no Norte para despolitizar o conceito de um Sul com coerência, de forma a fragmentar a ideia de comunidade na região. Ele cita projetos práticos que fortalecem a cooperação Sul-Sul como a iniciativa acadêmica do Núcleo Brasileiro de Estratégia e Relações Internacionais (NERINT), criado em parceria com o embaixador Samuel Pinheiro Guimarães.

*“Não devemos só tentar compreender a geração atual, mas tratar de devolver a eles algo que lhes foi roubado, que é a noção de História. [...] Roubaram-lhes a alma, através das tecnologias evidentemente.”*

## SOBRE O INSTITUTO EQÛIT



O Instituto Equit está empenhado em contribuir com a transformação das relações sociais, focalizando as relações de gênero a partir de uma visão feminista, que visa a construção da cidadania das mulheres privilegiando a democracia e os direitos humanos em detrimento da lógica de mercado. O instituto trabalha em 3 frentes:

**Crítica à arquitetura econômica e financeira internacional:** buscando acompanhar o debate internacional, procurando compreender e relacionar os mesmos com as políticas nacionais e suas consequências na vida da população, e em particular das mulheres.

**A construção de uma Integração regional alternativa:** assume o compromisso junto aos movimentos sociais de continuar disputando os rumos da integração regional, que se torna crucial neste momento.

**O modelo de desenvolvimento nos territórios e defesa dos bens comuns:** comprometido com a realização de ações políticas que empoderem as organizações sociais para a definição das políticas a serem implementadas sobre os territórios.

ACOMPANHE O INSTITUTO EQÛIT:

[equit.org.br](http://equit.org.br) 

institutoequit 

InstitutoEQUIT 



## PROF. ACILINO RIBEIRO

Advogado, professor universitário, ex-subsecretário de Movimentos Sociais e Participação Popular do Distrito Federal e ex-secretário nacional do PSB. Reconhecido pelo Fórum Social Mundial em Katmandu/Nepal de 2024 como um dos 100 melhores educadores sociais e populares do mundo.

Fotografia:  
NIEAAS-UFRJ

A *Revista Olhares do Sul* apresenta um depoimento do Prof. Acilino Ribeiro, palestrante da mesa nº 6. O depoimento foi coletado *in loco* e pretende trazer um relato de suas vivências enquanto participante de movimentos sociais e do contexto em que nasce a *Cadernos do Terceiro Mundo*. Nesse sentido, o ponto de partida para o depoimento foi a pergunta: **“Qual a sua visão sobre a importância desse evento e sobre o legado da *Cadernos do Terceiro Mundo*?”**

Fiz parte da geração que formou-se no período de fundação [de vigência] da *Cadernos*, da fundação à extinção. E também se formou com ela, o que é muito importante. Com o nascer da Guerra Fria, da narrativa pró-imperialista, uma revista como a *Cadernos* que não era só informativa, mas também formativa, ao ponto de formar também toda uma geração.

A minha geração, a geração de 68, que veio das lutas, das barricadas, lutamos bravamente fazendo uso do nosso direito de greves, passeatas. Aos 15 anos de idade, participei da minha primeira passeata contra a Guerra do Vietnã. Fui preso pela primeira vez aos 16 anos, lutando contra a ditadura. Aos 17, já era subsecretário da Juventude do Partido Comunista e estava entrando na guerrilha, através do movimento revolucionário para combater a ditadura através da luta armada. Em 1974, o ano de fundação da *Cadernos*, nós já estávamos saindo da luta armada. Apesar dos sonhos continuarem, analisando a conjuntura, nós sabíamos que, militarmente, não poderíamos vencer. Mesmo assim, não nos sentimos derrotados porque lutamos e cumprimos nosso papel. A partir daí, começa, então, o processo de abertura política no

Brasil, a partir de 1976. Quando sai o mais sanguinário dos ditadores do poder, o Médici, e assume Geisel, é nesse momento que a *Cadernos do Terceiro Mundo* aparece. E começamos a nos formar passando a conhecer uma outra realidade do mundo, proporcionada pela *Cadernos do Terceiro Mundo*. Organizamos grupos de estudos.

A *Cadernos do Terceiro Mundo* resgata aquilo que começou em 1968, que foi, simultaneamente, uma ruptura e um processo.

Naquele período da ditadura militar, havia a censura. Você lutava por liberdade de expressão mas percebe que continua a prevalecer a liberdade da empresa e não a liberdade de expressão. A partir disso, podemos perceber duas coisas: a opinião pública e a opinião publicada. A opinião pública com uma grande ansiedade pelo saber, pelo conhecer. E a opinião publicada que atendia aos interesses das empresas, inclusive orientadas pelo governo. Sabe o porquê disso? Porque surgiu o financiamento oficial

institucional. Os jornais e as agências se transformaram em empresas de caráter comercial e deixaram de ser um porta-voz da opinião pública para denunciar crimes, corrupções e afins. Passou a ser um porta-voz do governo mandando recado para a sociedade. Ainda não chamávamos de *mídia*, era a imprensa. Deixou de ser uma imprensa livre e construtora de opiniões para ser uma mídia comercial.

Há 40 anos atrás, o imperialismo dizia que existia o “tesoureiro do terror”, alguém que fazia movimentações financeiras para os movimentos guerrilheiros do mundo todo. Sabiam que existia essa pessoa, essa função, mas não sabiam a identidade. Essa pessoa de fato existia, mas não transportava dinheiro ou financiamentos como se imaginava. Era muito mais uma angariadora de apoio do que qualquer outra coisa, trazendo pessoas para a causa, levando apoios para os movimentos de libertação. Muitas vezes eu fiz esse papel. Eu o chamo de “tesoureiro da libertação”. Isso foi depois que o Comitê Interno da Internacional Comunista se dissolveu e Gaddafi criou a *Internacional Revolucionária*, com todos os partidos de esquerda e movimentos guerrilheiros de libertação do mundo. Então, esse apoio aos movimentos de libertação estava presente em vários momentos históricos, como a libertação de Mandela. Gaddafi fez de tudo por essa libertação, tanto que, o primeiro país que Mandela visitou para agradecer foi a Líbia.

Os internacionalistas, guerreiros do mundo inteiro, ao tomar conhecimento da denúncia feita pela Cadernos do Terceiro Mundo, formaram movimentos que vão presencialmente defender Cahora Bassa.

A partir dessa conferência, resgatamos toda uma história de formação e de informação. Um período em que somente a Cadernos do Terceiro Mundo conseguiu sobreviver. Imagino quantas pressões, perseguições e

intimidações Beatriz e Neiva Moreira sofreram. Pelos agentes da CIA, do Mossad, do Serviço Secreto do Imperialismo. E eles, em nenhum momento, cederam ou se intimidaram. São pessoas que merecem todo o respeito, todo o carinho, de toda uma história que elas construíram.

É uma revista disponibilizada em português, espanhol e inglês, atingindo quase dois terços da população mundial. Lida na Europa e no Oriente Médio, na África, na Ásia. Através da Cadernos, pudemos conhecer a outra narrativa, o outro lado que não era falado pela imprensa. Foi através dela que tomamos conhecimento dos protestos pela reivindicação do Canal do Panamá. O outro lado da Revolução Iraniana, liderada por Mohammad Mossadegh. Como Sukarno enfrentou o imperialismo e por que o derrubaram. Como Gamal Abdel Nasser conseguiu unir o mundo árabe. Como o Gaddafi fez a Revolução Livre. E muitos outros exemplos. Por muitos anos, eu estive próximo ao Gaddafi, fui segurança pessoal dele. Lutei ao lado dele muitas vezes e tivemos muitas conversas. Naquela época, ele já defendia a unidade africana, uma só moeda, uma rede de televisão para a África, um exército. Contra o imperialismo. Coisas essas que a Cadernos do Terceiro Mundo publicava.

Através da Cadernos do Terceiro Mundo, vimos os crimes cometidos pelas grandes potências como Inglaterra, França, Portugal, que já não era uma grande potência, mas tinha colônias na África. O movimento de defesa da represa de Cahora Bassa, na África do Sul, foi organizado através de matéria publicada na Cadernos do Terceiro Mundo. Depois da libertação, da independência de Moçambique, o presidente sul-africano Peter Botha, junto com Ayn Smith da Rodésia [atual Zimbábue], planejaram a destruição da represa de Cahora Bassa, que fornecia energia para todo o Moçambique. Os internacionalistas, guerreiros do mundo inteiro, ao tomar conhecimento da denúncia feita pela Cadernos do Terceiro Mundo, formaram movimentos que vão presencialmente defender Cahora Bassa.

Entre outros exemplos também, a luta de libertação de Angola, passamos a ter conhecimento dos crimes cometidos pela direita internacional que estava no poder, como os coronéis da Grécia, liderados pelo coronel Papadopoulos. A própria continuação dos crimes cometidos pela direita espanhola, que ainda estava sob domínio de Franco. E por aí vai. Então, esses 50 anos de história que estão sendo rediscutidos aqui hoje mostram um legado tão importante que não devemos apenas resgatar, mas dar continuidade a um trabalho de pesquisa que todos os estudantes, não só de História, de Economia, que todo mundo tem que tomar conhecimento.

A Cadernos do Terceiro Mundo resgata aquilo que começou em 1968, que foi, simultaneamente, uma ruptura e um processo. Uma ruptura no sentido em que o movimento operário era a vanguarda revolucionária da luta popular, que saía às ruas para fazer protesto. Isso em si foi uma ruptura. E também um processo porque surgiu o movimento feminista, surgiu o movimento pacifista de luta pela paz mundial, os ambientalistas, surgiu o movimento estudantil. Houve um fortalecimento. A geração de 68 teve um papel muito importante e uma responsabilidade

muito grande. E nós, naquele tempo, que acreditávamos na utopia da revolução, somos hoje os sobreviventes da utopia revolucionária que teve a Cadernos do Terceiro Mundo como um meio informativo e também formativo.

Quando sai o mais sanguinário dos ditadores do poder [...] e assume Geisel, é nesse momento que a Cadernos do Terceiro Mundo aparece.

Como diretor da Universidade Popular, propus um projeto para a formação dessa nova geração, a geração de vocês, que continua a pensar, a lutar. Uma das etapas do projeto é um curso de pós-graduação em História Contemporânea, em que vai ser estudado todo o material que a Cadernos do Terceiro Mundo publicou. Com palestras explicando o papel da revista na formação política da militância mundial, do ativismo político mundial. Nós somos uma geração que acumulou conhecimento e agora quer apenas transmitir para essa nova geração. E o primeiro passo é exatamente: divulgar o que está lá escrito e publicado na Cadernos do Terceiro Mundo.



## SOBRE O DECOLONIAL CENTRE

O Decolonial Centre é uma plataforma de educação política comprometida com a divulgação de perspectivas anticoloniais e decoloniais sobre história, teoria social e assuntos atuais. A missão é defender o anticolonialismo, promover o pensamento decolonial, defender a justiça social e inspirar ações coletivas para a descolonização.

### ACOMPANHE O DECOLONIAL CENTRE:

 [decolonialcentre.org](https://decolonialcentre.org)

 [thedecolonialcentre](https://www.instagram.com/thedecolonialcentre)

 [TheDecolonialCentre](https://www.youtube.com/TheDecolonialCentre)

O centro tem como objetivo tornar o pensamento anticolonial e decolonial acessível por meio de várias mídias, incluindo conteúdo curto e longo, rolos, ensaios em vídeo e entrevistas em podcast. Trabalham também para inserir perspectivas anticoloniais nos movimentos sociais e colaboram com uma ampla variedade de parceiros nos setores feminista e nos subsetores da justiça: climática, de gênero, racial, tributária, reparatória e justiça migratória.



## ANO 6 - Nº52 - Fevereiro/1983 - Rio de Janeiro, Brasil

A edição 52 figura uma importante matéria de autoria da Profa. Beatriz Bissio sobre a cultura milenar da Palestina, ameaçada pelas intenções imperialistas de Israel. Destaca, além dos aspectos culturais que correm o risco de se perder devido ao genocídio, os esforços da Unesco e da Alecsco na constituição de uma associação internacional na década de 1980 para a preservação desse patrimônio cultural.

A edição também figura matérias relevantes sobre a África do Sul, Guatemala, Angola, Jamaica e China.

[ACESSE AQUI ESTA EDIÇÃO COMPLETA](#)

## ANO 5 - Nº46 - Junho/1982 - Rio de Janeiro, Brasil

A reportagem de capa traz testemunhos e fotografias de Beatriz Bissio e Neiva Moreira, quando de sua estada em Beirute no dia da invasão e bombardeio israelense à capital libanesa. Os relatos procuram desmentir a versão de Israel de que os ataques eram dirigidos principalmente contra “objetivos militares”.

O leitor também encontrará uma ampla análise do conflito no Atlântico Sul relacionado às Ilhas Malvinas. Destaca-se também, neste número, um estudo da relação entre países pobres e ricos, no qual argumenta-se que a política da OPEP é o fator principal da grave crise econômica.

[ACESSE AQUI ESTA EDIÇÃO COMPLETA](#)



## ANO 30 - Nº249 - 2005 - Rio de Janeiro, Brasil

A matéria de capa aborda as possibilidades de retomada das negociações entre o governo de Israel e a Autoridade Nacional Palestina sobre o cessar-fogo após a morte de Yasser Arafat.

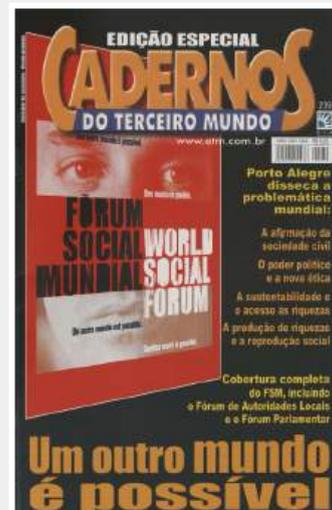
A edição conta também com uma esclarecedora entrevista com o chanceler Celso Amorim que relembra as prioridades e eixos centrais da política externa do primeiro governo Lula. Além de matérias sobre o plano interno brasileiro, no que tange ao projeto de revitalização do rio São Francisco e a luta contra as secas na região nordeste.

[ACESSE AQUI ESTA EDIÇÃO COMPLETA](#)

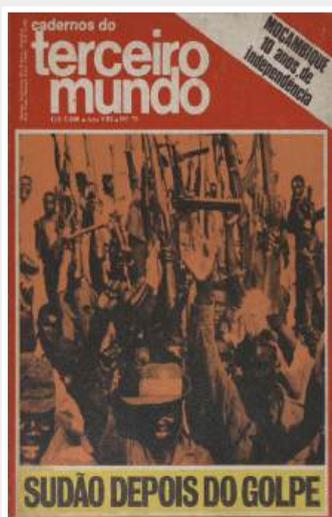


**ANO 27 - Nº239 - 2002 - Rio de Janeiro, Brasil**

A edição especial de 2002 destina-se à cobertura do Fórum Social Mundial realizado em Porto Alegre, com cobertura de Álvaro Neiva Moreira. Trata-se de uma edição que perpetua as intenções da iniciativa, voltada à construção de uma grande teia de organizações surgidas no seio da sociedade civil, diferentes entre si, mas coincidentes no anseio de abrir caminhos para um mundo que retome o compromisso com o ser humano como bússola de toda a ação política. A edição também traz matérias sobre os diálogos entre África e Brasil, globalização versus soberania, patentes de medicamentos, sustentabilidade, democratização da comunicação, entre outros temas.



 [ACESSE AQUI ESTA EDIÇÃO COMPLETA](#)



**ANO 8 - Nº79 - Junho/1985 - Rio de Janeiro, Brasil**

Para que não esqueçamos dos conflitos no Sudão, a edição 79 traz um panorama do cenário da mudança de governo no país. Com a economia do Sudão em crise pela corrupção do regime de Numiery, o golpe militar promovido pelo general Al Dahab promoveu algumas mudanças importantes, mas que não asseguravam a estabilidade política do país, dado o rol de problemas pendentes. O maior desafio vinha das atividades do Exército Popular de Libertação.

A edição ainda conta com matérias sobre a África do Sul, São Tomé e Príncipe, Costa do Marfim, Honduras, Peru, Haiti, entre outros.

[ACESSE AQUI ESTA EDIÇÃO COMPLETA](#) 

**ANO 2 - Nº 16 - Setembro/1977 - Cidade do México, México**

As novas pretensões imperialistas de Donald Trump sobre o canal do Panamá reaquecem o assunto, por isso a edição 16 nos relembra as lutas do povo panamenho pelo canal, de forma a garantir a soberania do país nos anos 1970. A brava resistência popular permitiu sustentar negociações duras e complexas em que enfrentaram enormes interesses econômicos, políticos e militares.

A edição também figura amplas matérias sobre outros países latino-americanos, além dos destaques das seções de comunicação e cultura.



 [ACESSE AQUI ESTA EDIÇÃO COMPLETA](#)